





Aline Dias Bernardes
alinediasbernardes@hotmail.com



Arthur Viana
arthurwalber@hotmail.com



Bruna Antunes
brunaantunes@gmail.com



Caio Semensato
semensato@gmail.com



Camila Maccari
maccari.camila@gmail.com



Cristiano Goulart
csgoulart.goulart@gmail.com



Fernanda Fassina
fefassina@hotmail.com



Gabriela Sanseverino
gabigrusan@gmail.com



Gustavo Fagundes
gustuss@gmail.com



Iarema Soares
iaremasoares@gmail.com



Igor Porto
igorporto89@gmail.com



Isabel Waquil
isabelwaquil@gmail.com



Jéssica Trisch
jessicatrisch@gmail.com



Júlia Endress
juliaendress@hotmail.com



Matheus Harb
matheusharb@gmail.com



Melissa Schröder
mel.horig@gmail.com



Nidiane Perdomo
nidianeperdomo@gmail.com



Paola de Oliveira
paolaaraujodeoliveira@gmail.com



Pedro Veloso
pedromveloso@gmail.com



Priscila Mengue
priscilamengue@gmail.com



Rafaela Pechansky
rafachipe@msn.com



Rodrigo Ferreira
rodrigo.f@msn.com



Taís Castro
taisborges@yahoo.com.br



Thamiriz Amado
thamiriz.amado@hotmail.com



Thays Cruz
thays.cruz.1991@gmail.com



Wladimir Ungaretti
Jornalista e Professor
wladya@terra.com.br

EDITORIAL

ACABOU

NÃO HÁ MAIS NADA A DIZER. TENHO A CERTEZA DE QUE FOI UMA BOA LEITURA.

PS. o segundo semestre passa, sempre, muito rápido. A quantidade de feriados não permitiu estabelecermos um convívio intenso e regular tão necessário ao exercício do JORNALISMO COMO ATIVIDADE COLETIVA. Talvez, por isso mesmo, esta turma realizou com dedicação este 3x4, cujo resultado final está dentro do padrão dos exemplares anteriores.

Prof. Wladimir Ungaretti

INSTRUÇÕES DE LEITURA

Este é um **3x4** sobre o fim. Como queríamos que o projeto gráfico também abordasse o tema, começamos este jornal pela última página.

Ai vão algumas dicas para a leitura:

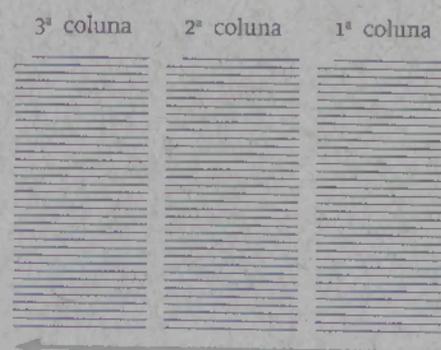
1) A capa está no lugar da contracapa. Vire o jornal e leia como se estivesse lendo do fim para o começo.



2) O sentido de leitura das linhas não foi alterado. Leia normalmente de cima para baixo e da esquerda para a direita.



3) O sentido de leitura das colunas está invertido, ou seja, da direita para a esquerda.



Na minha segunda etapa eu fui atrás de literatura amorosa. Todas incluídas na sessão auto-ajuda ou "relações interpessoais", se não conseguirem te tornar uma pessoa melhor nos relacionamentos, como prometem, pelo menos te deixam com um vocabulário mais extenso. Entre pérolas do tipo "Como Dar Um Gás No Seu Relacionamento", assim tipo refrigerante; ou "O segredo - relacionamento" um spinoff da famosa série "o segredo"; e "Chega de Rolo, Eu Quero Namoro", que pode não ser um best-seller do NY Times, mas é no meu coração só por esse título, o quase profético chamado "o divórcio começa no namoro", me deu a impressão que todo namoro, se não pensado e idealizado desde o 1º segundo vai acabar um dia, com brigas pesadas pra saber quem vai ficar com o microsystem. O que talvez seja verdade mesmo.

Eu cheguei à conclusão de que relacionamentos são uma merda mesmo, só por gerar um literatura tão trash assim.

O dia que eu lançar meu livro de relacionamentos ele vai se chamar "se fosse fácil chamava miojo". Talvez esse texto esteja incluído, me aguardem na sessão de autógrafos.

A pauta de catar os livros tava ótima, mas tive que parar. Tinha um compromisso.

Marquei um sushi com uns amigos. Não dá pra desmarcar, sabe como é.

-traumático, são os que levaram um pé faz três semanas, em média. Sabe a menina do sushi? Então. Os traumatizados tomaram sorvete na quarta passada, enquanto assistiam 500 dias com ela. Cortaram o cabelo na quinta. Saíram pra beber na sexta com os amigos, mas ficaram sozinhos, porque só falavam disso e ninguém mais aguentava. Na fila do banheiro só falavam disso com quem puxasse assunto. Sábado, no supermercado, quando a caixa falou boa tarde, contaram toda a história - baseado em

pécies de abandonados. Os sábios, que falam da experiência com distanciamento emocional, mas ainda ficam balançados quando alguém retuíta o ex e ele surge na sua timeline, como um programa de ruim de tv que não dá pra mudar de canal. E os traumatizados, que ainda vivem o drama com intensidade e fervor.

Considerando que não existe terceiro grupo: os superados. Isso é lenda inventada pelos

nossos pais. Ninguém supera. A gente pode casar, ter dois filhos e um cachorro, mas sempre vai odiar secretamente o ex da adolescência e desejar que ele e a Claudinha passem fome.

Mesmo que você mude de pais e de nome. Baseado em fatos reais.

O primeiro grupo são os sábios. Levaram um pé faz uma média de 5 a 8 meses. Tempo suficiente para o cabelo crescer consideravelmente e uma novela acabar. Tão naquela fase "focados na carreira". Encontraram o ex naquele show e ficaram 50% de boa, 40% chateados e 10% com vontade de chorar. Leram bastante sobre o assunto, foram fazer terapia. Como disse uma das minhas fontes sábias "eu tenho várias teorias sobre relacionamentos", mas considerem que ela falou isso com um ar de cansada, como quem já tivesse 70 anos e estivesse de ressaca do baile da saudade.

O segundo grupo é o dos traumatizados. Ainda sofrendo do estresse pós-



Ilustração: Renan Lima Teixeira

fatos reais. Tomaram uma vodka sozinhos em casa, mandaram sms dizendo volta pra mim. Ninguém respondeu. Acham que seus rompimentos foram a coisa mais épica da humanidade, um romance de Shakespeare.

"Foi como uma novela do Fitzgerald", diz um amigo, que até pediu pra ser identificado, mas a 3x4 não é a revista Caras né - ainda, mas me aguardem na Sextante.

Não é você, sou eu

Por Pedro Veloso

porque não tirei meus fones de ouvido pra ouvir a conversa. Mas deve ter sido. Me diz aí o que mais pode juntar três meninas em um sushi às três da tarde? Com licença aí colegas, sei que vocês se esmeraram, produziram grandes reportagens. E parabéns, respeito muito. Mas nenhum outro fim tem o poder de levar três pessoas pra um sushi às três da tarde. Ninguém fica em casa chorando e ouvindo Bon Jovi por essas pautas. Roberto Carlos ficou famoso falando de amor, e tá aí mais rico que todos nós. Até a Madonna já deve ter levado um pé. Até o professor.

E tem mais: estudos apontam - única parte jornalística do texto, aproveitem - que, realmente, depois de um pé na bunda, o coração fica meio de mal mesmo, a pessoa fica meio lesada e o cabelo também fica um pouco ressecado - essa última sou eu que tô dizendo.

Quando eu fui a "campo" com as minhas "botas" (belíssimos coturnos cor café) entrevistar minhas fontes - desculpa pra sair com os amigos, o que ouvi foram só lamentações. Analisei duas es-

Eis que na mesa ao lado, senta uma menina. Meio que com cara de acabada, de quem tinha passado a noite inteira chorando. Parece aflita, mexendo no celular. Até que chega uma outra. E outra. Putz, três meninas juntas em um sushi às três da tarde? Tem mato nesse cachorro - ou seja, homem. Logo a primeira começou a falar e falar. E a mostrar mensagens do celular. Do outro lado da mesa, choque e indignação. Protestos. Elas provavelmente bravejavam "babaca", enquanto a outra mostrava uma mensagem que dizia, "não é você sou eu". só que com 'vc', 'naum' e 'eh'. Uma já devia estar dizendo que ele era feio e cafona. A outra já tava achando que ela estava sendo meio louca varrida, mas quem fala isso para uma amiga em crise às três da tarde no sushi? Enquanto gerações inteiras da família do dito cujo estavam sendo amaldiçoados ali no meu lado, eu até fiquei com pena do boy lixo por cinco segundos.

Depois de um tempo elas se levantaram e foram embora. Bom, na verdade, eu nem sei se foi esse o diálogo,

Esses dias, pelas três da tarde, eu saí e fui comer um sushi. A ideia de ir comer sushi pode parecer ótima, mas não é. Geralmente o lugar tá muito cheio de hipsters, e o cheiro pode não ser dos melhores. Tá na mesma categoria de reclamar com o cabelereiro antes de cortar o cabelo para uma viagem importante, reivindicando que ele corta pouco, te obrigando a voltar lá de mês em mês, pagando a fortuna que é o corte. Como forma de vingança pessoal e mostrar quem é que manda na relação, ele vai cortar tudo o que puder, te deixando careca, com uma cabeça gigante, e, assim, sair péssimo nas fotos da viagem que tu vai fazer dois dias depois, que no fim das contas nunca serão divulgadas. Então, ir no sushi não é tão legal.

ou em teatros, era uma atração meio de curiosidade, meio científica, não era exatamente arte. O cinema sempre foi comercial". Isso não quer dizer que a produção comercial é em sua totalidade ruim. Hélio Nascimento considera que há muitos blockbusters de boa qualidade, como os Batmans do Christopher Nolan. No entanto, há também muitas obras que se preocupam demais com exibicionismo técnico, abusando de explosões sonoras, exagerando na quantidade de cortes, dentre outras firulas.

Esse âmbito tão visível do cinema comercial está escondendo, em parte, uma produção de alta qualidade. "É um problema de distribuição. Isso talvez cause a impressão ao espectador de que o cinema está decadente. Muito pelo contrário, alguns dos melhores filmes que eu vi na minha vida foram assistidos no século XXI", enfatiza o crítico do JC.

"Tem muita coisa boa por aí. A questão é que ela fica restrita a festivais e um circuito muito limitado", complementa Santuário.

No pós-moderno, as dúvidas sobre o fins estão longe do incomum. O livro, a escrita, a música de qualidade, para alguns tudo vai acabar. No entanto, em contraste aos apocalípticos, os personagens aqui tratados não acreditam nessa hipótese. Hélio Nascimento faz uma ressalta óbvia, mas que muitas vezes ignoramos: o cinema tem pouco mais de cem anos. Não faz sentido dizer que ele vai acabar somente porque algumas coisas mudaram. Assim como a milenar arte que é o teatro sobreviveu, a tela grande também persistirá. Goida concorda com essa ideia e acrescenta que hoje, em pleno 2012, filmes lá do início do século passado ainda são muito apreciados. "As obras do Chaplin estão aí, assim como as composições do Beethoven continuam sendo ouvidas". Nascimento cunhou uma frase simples e direta que põe uma chave nessa questão:

"Enquanto houver sociedade, haverá cinema".

comenta Lerina. Para o jornalista, com o tempo, vai ficar cada vez mais difícil utilizar os rolos cinematográficos, pois, além de serem caros, eles requerem revelação em estúdio, um tipo de serviço que está reduzindo consideravelmente. "Claro que daí tem essa coisa da nostalgia, de ficar utilizando um determinado suporte que é ultrapassado tecnologicamente, mas que tem suas especificidades estéticas. É possível que um certo número de realizadores e diretores de fotografia não se adaptem e prefiram continuar filmando de forma analógica".

Do lado social, as mudanças permeiam os assuntos abordados na tela e, até mesmo, as circunstâncias de se assistir filmes.

Goida comenta que antes da chegada dos shoppings não existia, a rigor, cinemas alternativos. Alguns locais tinham perfis diferentes, mas obras do Godard, do Resnais e de outros cineastas autorais eram projetadas dentro do circuito comercial e em um número expressivo de salas. Hoje, esse tipo de produção fica, em geral, bastante restrita. Além disso, há uma mudança no perfil da construção da grade de horários, "Havia cinemas que não tinham sessões diurnas. A gente ia no final da tarde, assistia uma sessão dupla e só depois voltava para casa. Hoje, pelo contrário, eu não vou mais ao cinema de noite, pois é bem menos seguro andar por aí", comenta.

Assim como mudou o comportamento de um público mais antigo, para Lerina, o perfil do espectador também mudou. "Nisso eu concordo com quem tem uma visão mais negativa: acho que os espectadores estão cada vez mais interessados em apenas diversão, comédias ligeiras, filmes de ação com histórias rasteiras. O público se infantilizou e a indústria cinematográfica está atendendo a essa público".

Ele reitera, no entanto, que é importante lembrar que o cinema não nasceu como arte, mas com um caráter já bem próximo do entretenimento. "Os primeiros filmes passavam em feiras

tipo de música em dois dias do ano: Sexta-Feira Santa e Finados", comenta Goida. Em complemento, Hélio diz:

"O cinema é uma câmera contemplando o mundo, é a reunião de todas as artes. Ele é a melhor forma de educação artística que há".

Lerina vai além, cavando ainda mais fundo na influência dessa arte no ser humano: "O cinema sempre me leva a refletir a respeito de tudo. Além disso, ele me ensinou a fazer todas as coisas: a admirar o que é diferente, a amar, a como namorar. O cinema ensina a gente, depois obviamente a gente vê que não é exatamente daquele jeito e dá uma adaptada e tal. Ele nos guia, mesmo que inconscientemente a gente acaba reproduzindo o que vê nele".

Diante de tais constatações a respeito da importância dessa arte, é difícil não questionar quais mudanças ocorreram nas últimas décadas. Para Santuário, aconteceram alterações em dois âmbitos: o social e o tecnológico. O primeiro se refere ao fato de que o cinema acompanha as modificações da sociedade. Portanto, um filme com cenas de sexo ou violência mais explícitas é muito mais natural agora do que há décadas. Por outro lado, essas alterações têm uma forte raiz na inovação dos equipamentos. Como bem lembra Lerina, foi a criação de câmeras mais leves que propiciaram o surgimento de movimentos como a Nouvelle Vague e o Cinema Novo, por exemplo. Afinal, usando uma tecnologia mais leve, os cineastas puderam ir às ruas filmar um mundo até então pouco mostrado nas salas de projeção.

Segundo os entrevistados, foi-se o tempo em que cinema em formato digital era sinônimo de baixa qualidade visual. "Esse tipo de suporte vem crescendo aceleradamente nos últimos anos, vem se aperfeiçoando, e já se superou ou ao menos equiparou a película. Isso tornou muito mais barato fazer filme. Além disso, a distribuição fica mais fácil: não é mais necessário enviar latas pesadas, mas apenas repassar um arquivo ou até mesmo um sinal via satélite",

”O crítico não é um sábio soberano. A opinião dele tem valor, mas não cabe a ele impor verdades aos espectadores. O crítico sugere caminhos, chama a atenção para determinados fatos e, de certa forma, contribui para enriquecer o olhar do público”.

Também crítico em um jornal porto-alegrense, Roger Lerina trabalha no Zero Hora e começou na profissão nos anos 90. No entanto, a paixão pela tela grande começou bem antes. Ao mesmo tempo em que ingressava na adolescência, ele descobria o cinema. Até então se tratava apenas de um passatempo simples, sem muitas reflexões a respeito do que era assistido. Todavia, por volta dos 12 anos, os filmes antigos que passavam de madrugada na televisão começaram a lhe atrair. Aos poucos, as horas de sono foram diminuindo, mas o interesse pela arte só aumentou. “Eu percebi que era muita coisa, era um universo legal. Eu varava as madrugadas vendo esses filmes, mesmo tendo aula no outro dia de manhã. Então foi nessa idade, e curiosamente na televisão, que eu aprendi realmente a gostar de cinema”.

Se as entrevistas não tivessem ocorrido em dias diferentes, seria possível dizer que em uníssono se definiu o cinema como um meio de conhecer a sociedade - e, de certa forma, também de se autoconhecer. “Eu conheci a música clássica no cinema, assistindo fitas como o ‘Fantasia’ da Disney. Naquela época, o toca-discos ainda não era comum e as rádios só transmitiam esse

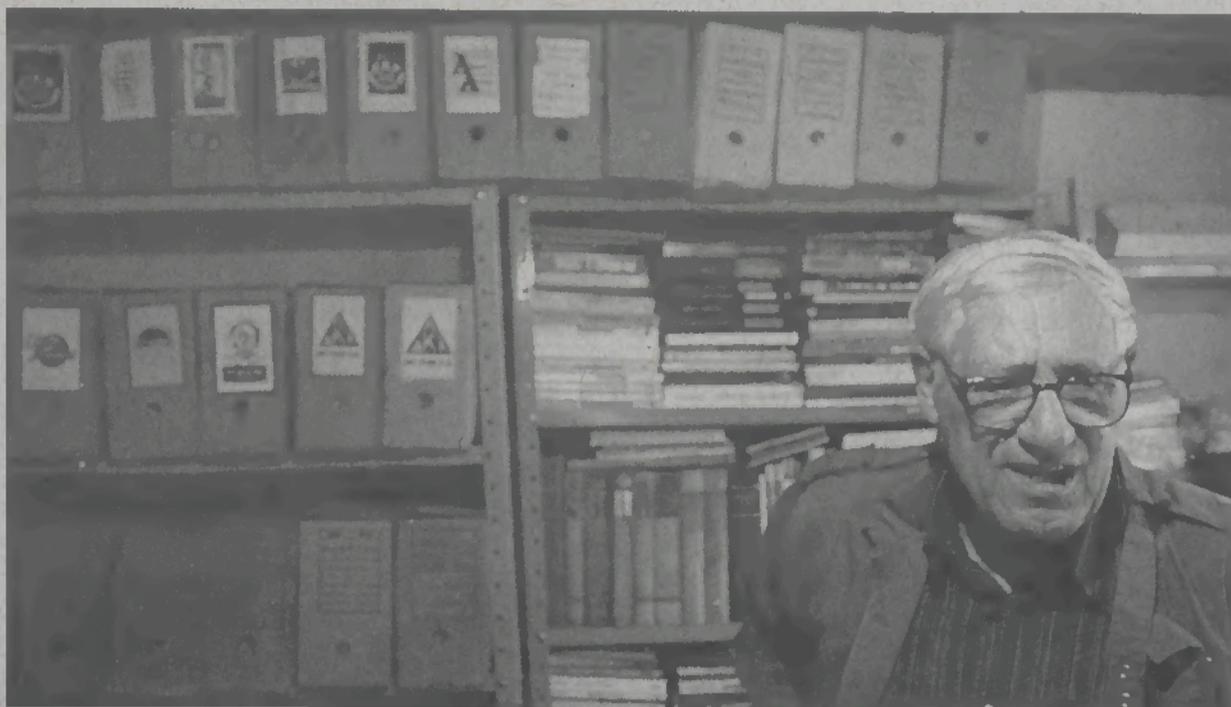


Foto de Cristiano Goulart

Goida não acredita num possível fim do cinema

pregados na promoção da arte. Paulo Fontoura Gastal já dizia que não bastava amar o cinema, era necessário também trabalhar por ele. Envolver-se no desenvolvimento do Clube de Cinema de Porto Alegre e do Festival de Cinema de Gramado era, portanto, praticamente consequência do ofício. Contudo, com o tempo, e sem mais a companhia do mestre, ambos se afastaram um pouco desse propósito, mas não por completo. Goida continua como uma dos diretores do cineclube. Ele não participa mais do evento cinematográfico da Serra Gaúcha, mas abriu uma exceção, comparecendo neste ano para receber uma homenagem.

Enquanto um era aplaudido de pé, outro crítico ajudava a dar continuidade a um dos mais antigos festivais de cinema do país. Marcos Santuário foi um dos curadores do evento. Dois meses após passar por uma pequena temporada em Gramado, ele era o único semblante em um Correio do Povo ainda vazio. Com experiência também em veículos estrangeiros, considera a função de crítico como a de um guia, alguém que aponta detalhes e situações nem sempre percebidas por todos.

recheados por textos e fotos complementares recortados de jornais e revistas. O precioso conteúdo dessas estantes é um indício concreto do valor que a memória dessa arte pode ter.

Assim como Goida, Hélio Nascimento é um profissional apaixonado pelo o que faz. Os 51 anos ininterruptos escrevendo críticas para o Jornal do Comércio de Porto Alegre são prova disso. À 3 andares das calçadas da Rua Independência, ele conversa fluentemente sobre as circunstâncias de seu ofício. A entrevista ocorre em uma mesa de madeira, localizada a poucos metros da sala de estar, onde ele já assistiu inúmeros filmes. De cara, deixa claro que não é partidário de ideias apocalípticas quanto a um possível fim do cinema:

”Esse negócio de fazer profecia é futurologia, bola de cristal, não tem muito sentido. Eu prefiro olhar pro passado porque é o passado que julga o presente, como diria o Otto Maria Carpeaux. Ninguém vai tirar o lugar dos grandes cineastas, do Stanley Kubrick, do John Ford, do Jean Renoir. Esses vão ficar pra sempre”.

A experiência e o conhecimento desses dois personagens também foram em-

“Eu varava as madrugadas vendo esses filmes, mesmo tendo aula no outro dia de manhã. Então foi nessa idade, e curiosamente na televisão, que eu aprendi realmente a gostar de cinema”

ENQUANTO HOVER SOCIEDADE, HAVERÁ CINEMA

Por Priscila Mengue

um olhar para o passado. Para tanto, foram ouvidos quatro nomes expressivos da crítica gaúcha: de um lado, duas figuras que começaram a despontar nos anos 60 sob os olhos de P.F. Gastal; de outro, uma geração que começou a dar os ares da graça, vinte, trinta anos depois.

Hiron Goidanich é uma pessoa enciclopédica. Com experiência como crítico em diversos veículos, como Última Hora e Zero Hora, hoje ele se dá ao luxo de realizar apenas colaborações eventuais. Nos fundos de sua residência localizada no bairro Petrópolis, em Porto Alegre, há uma casa destinada apenas a guardar seus tesouros. De forma um tanto metódica, materiais sobre cinema reunidos ao longo de décadas são armazenados. Pastas e caixas separam fotos, panfletos, catálogos e afins, dividindo-os em categorias como, "divas norte-americanas" e "cinema brasileiro". Em companhia, no recinto ao lado, estão dezenas de livros

Assim como o roteiro cinematográfico é um guia para o que será um filme, a pauta dava indícios do que seria esta reportagem. O material recolhido ao longo de semanas resultou, no entanto, nos primeiros questionamentos sobre a real relevância de se abordar o fim dos cinemas de rua. Aos poucos e cada vez mais, parecia-me uma ideia nostálgica de alguém que sequer vivenciou esse período. Ao falar com as fontes, isso só se confirmou. Diziam elas: "O importante é o cinema, não onde você o assiste" (desde que, claro, a sala tenha uma certa qualidade de imagem e som). A melhor alternativa foi, portanto, desviar dos quês saudosistas e embarcar em um levantamento sobre o futuro, o presente, o fim e as mudanças da dita "sétima arte".

Não cabe, todavia, chutar no escuro. Como os entrevistados deixaram bem evidente, a análise da produção cinematográfica do agora e do amanhã requer

Uma casa, um apartamento, uma redação vazia e outra já movimentada. Diferentes entre si, os ambientes das entrevistas tinham uma coisa em comum: apesar de distantes da tela grande, emanavam a paixão daqueles que estudam e vivem dela. Se fossem filmes, as conversas com Goida e Hélio Nascimento teriam a duração de dois Woody Allens. Já os tantos minutos em companhia de Marcos Santuário e Roger Lerina seriam médias-metragens prestes a se tornar longas.

comuns. Existem, até mesmo, guias-sobre-filmes-sobre-cidades, tamanha é a exposição de alguns destinos. A verdade é que é muito legal quando tu reconhece um lugar que já visitou. Só acho o contrário muito estranho. Por exemplo, de tanto ver e imaginar a torre Eiffel chegar lá e reconhecê-la. Antes de ir, acho válido contextualizar, entender mais sobre a história do lugar.

“De qualquer jeito, depois que resolvi meus embróglios na Nicarágua, voltei pro Brasil e daí foi questão de tempo até me acertar. Rompi com a família, alguns amigos até mantive. Não importa. Tô mais sossegado agora”.

Nem tanto. Já faz alguns anos, Osório se instalou no interior do Paraná. Numa pequena fazenda, onde hoje vivem umas quinze pessoas, organizou uma espécie de comunidade alternativa baseada em coisas que vi por aí. Ao fim e ao cabo, não desistiu de viajar, só mudou os meios.

Num sábado qualquer, em Munique, saindo do metrô faltando pouco para o meio-dia, sabia que o Glöckenspiel ia tocar logo. Queria muito ver, diziam que o relógio era demais, mas não tinha ideia de onde estava ou como se parecia... Nunca viajei com mapa... Parei pra pegar uma cerveja. Só me dei conta daonde tava na terceira badalada.

Fui saindo de fininho. Sem muitos planos. Quando dei por mim, tava sem grana na Tríplice Fronteira. Arranjei uns esquemas e lá nunca dá pra saber se a coisa é muito dentro da legalidade ou



Osório não tem certeza se viajou mais lendo ou realmente andando por aí

“Antes de ir, acho válido contextualizar, entender mais sobre a história do lugar”

não. A real é que, na dúvida, assim que tive grana, segui em frente. Lá pela América Central, parei um tempo. Tempo demais até. Mas não tava fácil. Depois da escapadela e do que eu já tinha feito antes, ninguém mais tava afim de ajudar. Na real, não queriam nem saber. Nem amigos, nem família.

Sem a rede de segurança da família, Osório repensou suas escolhas. Isso não significa que tenha voltado atrás.

Foi lá na Nicarágua. Acho que foi lá que me dei conta que é uma ilusão isso de descobrir algo novo, não explorado. Não adianta correr o mundo atrás disso. Hoje em dia tem guia, pacote de viagem pra tudo quanto é lugar. Por isso voltei, resolvi me assentar.

De fato, a maior editora de guias do mundo, Lonely Planet, inclusive criou uma seção “off the beaten track” (fora do caminho batido) - que logo se tornaram

sa aperta é pra onde a gente olha. Sem contar que já tinha uns três anos que eu tava longe. Só que não tinha um puto pila. Não tava guardando, sabe. O que eu ganhava ia pra viver. Então quem bancou a volta foi minha família, que tava sempre muito preocupada. É foda isso aí. Eu tinha pedido dinheiro pra eles algumas vezes antes. Pouco, nada tão caro quanto uma passagem de avião.

A tão esperada volta pra casa não saiu como o planejado. Nem podia. Ninguém viaja dois continentes e volta pra uma pacata cidade do interior gaúcho com naturalidade.

Claro, existem outras maneiras de explorar o mundo sem sair do lugar. Ah sim, dá pra cruzar os Estados Unidos nas palavras de Kerouac, navegar com Gulliver, pegar carona pelos Andes com Guevara. Agora, no Google Street View, o cara caminha por aí tranquilamente. Pra fazer uma trilha pelo Grand Canyon não precisa mais ir pra lá. Os caras botaram câmeras nas mochilas e fotografaram tudo. Tá tudo na internet. Mas na época não tinha isso. E se tivesse não poderia passar o dia nessas.

Osório foi tentando do jeito que dava. Não queria decepcionar a família ou os amigos.

Mas tem gente que não se encaixa. Tem gente que vive às margens.

A verdade é que é muito legal quando tu reconhece um lugar que já visitou. Só acho o contrário muito estranho.

Pode ser que pra suprimir isso, acabem no mesmo boteco todos os dias. Não foi o caso.

Muito diferente, muito mudado, deu-se conta que era hora de aceitar os fatos.

NÃO MÃE DE

Foi assim que ele fez. Saiu de Mostardas, pequena cidade gaúcha de 8 mil habitantes e foi, foi, foi. Começou aos poucos. Primeiro Porto Alegre, onde arranjou um emprego vendendo qualquer coisa enquanto estudava sociais na UFRGS. Demorou, mas conseguiu juntar uma grana e me mandar pra Londres. Óbvio que o pai até ajudou, achou que eu ia estudar e voltava logo. A questão é que não bastava parar por lá. O Reino Unido não podia ser o fim. E, depois de ir pro continente e bater perna, fui vendo que lá também tinha que ter algo mais. Bom, moral da história. Acabei no Japão. De todos os lugares lá foi onde me compliquei mais. Em Londres, trabalhava numa cozinha... era tranquilo. Tive que parar um tempo na Itália pra juntar mais uma grana depois. Mas lá também dava pra enrolar. Trabalhava na colheita da uva. Dá pra dizer que a infância lá foraj á tinha me preparado pra isso. Mas, em Tóquio, tive que me virar com o que ganhava tocando violão na rua. Bem difícil, ainda mais que não entendia lhufas do que falavam ou do que tava escrito. E daí foi onde senti falta de casa. É meio bunda-molice, mas é real. Quando a coi-

assim não me dava conta que eu tava num ônibus frequente, regular (acho que eram dois por dia). Pensando agora, acho que os outros seis caras na van deviam tá pensando a mesma coisa: nossa vou descobrir o litoral de Montenegro.

Viajar é quebrar a ordem vigente através do movimento no espaço-tempo. Buscar o diferente, descobrir uma realidade paralela - menos ordinária, talvez.

Ou só colecionar souvenirs e fotos em monumentos históricos. Vai saber...

Tem gente, como o Osório, que acha que o importante é ir, ir, ir, sem fim, sem chegar.

Por Rodrigo Ferreira

Aquelas montanhas queriam esconder a praia. Só pode. Afinal, por causa delas nunca puderam construir trilhos de trem até ali. E a estrada, um fiapo zigue-zagueando, não era a coisa mais segura do mundo. Na minha ideia aquilo devia afunilar a chegada de turistas... E de noite tu realmente tinha essa impressão. Era um troço muito pitoresco. Olha que a essa altura eu já tinha lido Paul Theroux e o que ele fala – algo como todo viajante se imaginar um desbravador... a palavra chave sendo imaginar – mas ainda

tu te dá conta e te apavora, porque na verdade quando tu tá pegando o papel, na verdade tu tá pegando é um papiro, uma coisa fossilizada. Pois bem, de repente, então tu te sentes assim, como aquelas figuras que tu vê da Idade Média, aquelas figuras que copiavam as escrituras. Daí quando inventaram a tal da Internet, as pessoas diziam “o papel vai desaparecer como meio de comunicação”. Daí quanto mais internet apareceu, mais papel tá aparecendo na tua caixinha.

Então quer dizer: eu sou um dinossauro que tem um pergaminho na mão. Mas ao mesmo tempo eu vejo outras funções do papel crescendo.

Qual a diferença do jornalista de antes para o jornalista de agora?

No que se concretizava a função do jornalista: o jornalismo sempre teve um glamour, sempre teve um encanto.

Ah! entrevistar o presidente, governador, a artista, o jogador, o craque, e quem é que não gostaria de fazer, né? Então esse glamour fazia com que o jornalismo fosse de baixa remuneração e obrigava o jornalista a ter um segundo emprego (às vezes no próprio jornalismo), um terceiro, e um quarto! Eu tô exagerando, mas às vezes acontecia isso.

bizarra que aconteceu, por mais que a notícia seja aquele momento superficial, ele sabe que tem que ouvir os lados. Ele tem que pensar nas pessoas que ficaram de fora daquela história e mesmo que não tenha ocasião, chance de naquele momento fazer aquela inserção, na próxima matéria ele vai dar um jeitinho e colocar, porque ele deve ter obrigatoriamente aquela visão, que deve ser a mais abrangente possível.”



Era o fim da reportagem. Tínhamos nossa história. Até que a Nidiane, em tom de conversa de bar, solta a seguinte frase: “As censuras continuam, elas só mudam de nome”. E Kolecza responde: - Elas se chamam assim... Liberdade de expressão. Não se enganem quando ouvirem sobre o sagrado direito da liberdade de expressão.

Perguntas

Qual a relação do jornalismo com o papel?

Eu só leio jornal, revista, livro. Há 50 anos é uma obrigação, um dever, uma liturgia. Vendo essa explosão eletrônica,

Tem um ditado maravilhoso pra definir o jornalista: o jornalista é o espião de Deus. Porque ele aprende que existe na profissão um compromisso social e, ao assumir a responsabilidade de transmitir uma mensagem, ele deseja que aquela mensagem tenha o maior conteúdo possível, seja a mais íntegra possível, a mais madura, a mais completa. Que por mais que a profissão esteja voltada pro circunstancial, pro fortuito, aquela coisa

acabar ele disse: “Tenho outro exemplo.”

Ouvimos. É isso que se faz quando alguém tem muito a ensinar, e o outro alguém muito a aprender.

Ele então contou a seguinte história: “Começaram a haver conflitos com o MST, inclusive foi por isso que eu rompi com a Zero Hora, eu estava fazendo uma pauta sobre áreas desérticas, foi quando passamos por uma estrada, tinha um acampamento. Paramos pra ver o que era. Eles estavam acampados, falaram que cansaram de pedir terras e não receber. Eu escrevia um artigo no jornal. No meu artigo eu escrevi sobre os sem-terra. Quando eu abro o jornal do dia seguinte: não saiu o artigo. Foi aí que eu disse que não escreveria mais pro jornal. Então fui fazer um jornalzinho: o Denúncia. Mas aí eu tive um estalo: não vai mudar nada. A ditadura já tinha dado anistia, mas a cobertura não ia mudar muito, como de fato não mudou. E a melhor coisa que eu fiz naquele momento, foi pegar o meu boné, porque eu me dei conta de que se eu continuasse lá, eu ia me mediocrisar”.

O jornalismo, hoje em dia, demonstra um pensamento único, “são os mesmos editoriais porque a grande mídia é o instrumento de imposição de uma agenda política”.

Kolecza diz que um grande problema do jornalismo é que as grandes empresas jornalísticas não têm compromisso com a realidade social brasileira.

Só tem compromisso com aquela realidade que interessa as elites. “E, portanto, o jornalismo que convém a essas elites, é um jornalismo disfuncional, que não é visto pela sociedade brasileira como algo necessário, imprescindível. As pessoas não correm pras bancas pra comprar jornal. Não é o jornalismo que está acabando, não é o papel que está acabando, o que está acabando é um determinado jornalismo serventista, elitista, que ignora certas coisas da realidade, ignora porque não interessa ao poder”.

“Então o jornal virou papiro.” - Foi o que Kolecza nos disse quando chegávamos ao final da entrevista. Antes de

o único meio pelo qual as pessoas saberiam daquela guerra, daquela aventura, daquela tragédia. Hoje a cobertura não tem mais aquela função que tinha antes, de fazer com que as pessoas soubessem realmente o que estava acontecendo”. Hoje as coisas mudaram, “as pessoas ficam sabendo mais, existem mais meios de divulgação, mas hoje a cobertura se transformou em algo que as empresas usam para o marketing, pra vender o seu peixe, ficar bem na foto, aquela coisa toda”.

O jornalismo tem uma enorme função social, mas nem sempre isso é observado: “As motivações que são dadas nessa profissão para que ela não se exerça plenamente, para que o jornalista se mantenha dentro de parâmetros convencionais, consentidos e permitidos... Nada que tu fizeres

que interesse à maior parte da população vai ser bem visto, daí se torna uma profissão de gente traumatizada porque não exerceu a potencialidade criativa, porque na hora de fazer não pode fazer”.

Sobre outras mudanças que ocorreram no jornalismo, o repórter falou sobre a falta que faz uma imprensa alternativa.

é o drama de quem passou 25 anos naquela coisa de dá ou não dá pra publicar, que passou uma vida profissional frustrada. Mas depois, de mim já veio outra geração, que acha que está fazendo uma maravilha quando está simplesmente aperfeiçoando um modelo de jornalismo elitista.”

Sobre o fim do diploma, o repórter lembra que “Os patrões não deixavam o jornalismo evoluir por não quererem pagar bem, mas a partir do momento que precisaram de profissionais de gabarito é que notaram que a formação acadêmica era importante”.

Só que agora, os patrões se desinteressaram pelo diploma de jornalista.

“Porquê se tu tens uma categoria politicamente exigente e consciente, ela não vai concordar com determinadas práticas. Agora, se tu trazes outros profissionais... O agrônomo vai estar preocupado com a lavoura, os veterinários vão querer cuidar dos bichinhos, e quem é que vai cuidar do leitor, do ouvinte?”.

Kolecza esteve no Vietnã. A pergunta sobre o assunto e a comparação com os dias de hoje não poderiam faltar. Para o jornalista, “O glamour do correspondente de guerra, do entrevistador de grandes personagens, de grandes expedições, de aventura, continua existindo. Antes isso acontecia porque o jornal era

“Hoje a cobertura não tem mais aquela função que tinha antes, de fazer com que as pessoas soubessem realmente o que estava acontecendo”



al". Então que tipo de jornalismo tão seletivo é esse, que é feito para classe A e B e não é feito pro resto do alfabeto? Esse é o jornalismo que tem que ser feito no Brasil, um país carente de informação? Perguntas não faltavam.

Sobre as transformações na profissão, lembra o que era feito quando começou, em 1960: "Era muito precário, tinha nariz de cera, uma modelagem indisciplinada, que não só não atendia todos os condicionantes de uma boa matéria como era feita em uma linguagem arcaica". Depois disso, veio a ditadura e a censura, mas o jornalismo continuou progredindo (como linguagem), foi se apurando, ficando exigente no lide. Mas essa renovação foi feita sob o regime militar, então podia inovar na linguagem, mas não podia escolher o assunto. Era assim - disse.

Kolecza diz que as grandes reportagens, que eram comuns na sua época de repórter de economia, foram mantidas em alguns nichos, "mas assim meio que um luxo, uma bijuteria, não era mais uma prática semanal em que tu pegavas um repórter ou dois e tirava da pauta e pedia pra ele viajar ou fazer determinada matéria que exigisse tempo".

Jornalismo disfuncional, censura e diploma

O problema do jornalismo, explica, é que ele se autolimitou na abordagem da questão social. "Aí é que os jornalistas têm que ver qual é o seu papel. Esse

autoridade de quem vê o mundo como um correspondente - ou, como nos disse, com uma emoção bem maior do que ele gostaria - um espião de Deus.

"Pra começar a conversa", ele disse, "eu pensei na pauta de vocês - o fim de algumas práticas do jornalismo - e trouxe um artigo do Estado de São Paulo que fala que o jornalismo não acaba, assim como não acaba a tradição de contar histórias desde o tempo das cavernas.

A questão é saber como contar daqui pra frente, ou que história é que vamos contar".

Kolecza acha que a culpa da queda na tiragem dos jornais não é da tecnologia, embora também não tenha aumentado a venda: "Há toda uma parafernália eletrônica para que o jornal rode mais cedo e a informação chegue mais rápido, mas a tiragem não aumentou, a população cresceu e venda de jornais não acompanhou". O jornal existe porque cumpre uma missão, se a tiragem é baixa, essa missão é fraca. A discussão sobre o fim do jornal indica que chegou a um ponto crítico, "mas isso não significa que o jornalismo tá acabando".

A seleção do assunto e a importância dele na grade foram direcionadas para uma parte do público, porque pra mostrar a outra tem que mostrar pobreza, "coisa de gente sem gabarito intelectu-

O encontro foi marcado por telefone. "Vocês estarão frente a um dinossauro, com ideias de antanho e muitas coisas a dizer sobre o jornalismo de hoje", alertou o Sr. Kolecza, confirmando a entrevista.

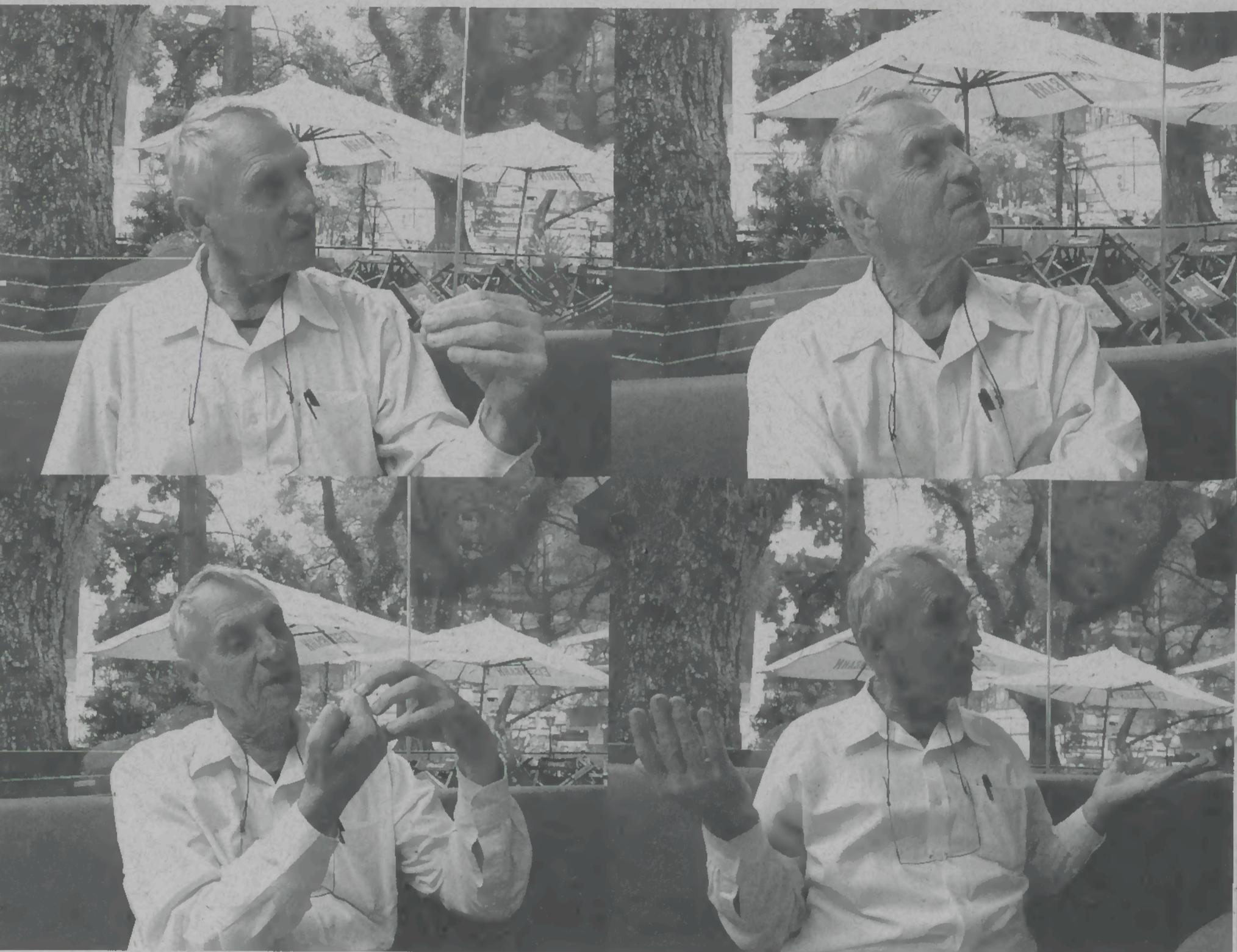
No dia marcado, a chuva. Atrapalhando as fotos, me atrasando pra chegar até a Praça XV, no centro de Porto Alegre. No ônibus, lembrei que não tinha fixado o rosto do entrevistado na foto que vi na Internet. Pode ser qualquer pessoa, pensei, olhando para os passageiros do ônibus. Pode ser até aquele senhor de caneta pendurada no bolso da camisa. E será que lembrei de colocar uma caneta na bolsa? Quando chegar eu vejo. Chegando, estávamos definindo o lugar da conversa, até entrar no bar o senhor de camisa amarela e guarda-chuva, com uma caneta no bolso.

Podia ser qualquer pessoa, mas era Carlos Alberto Kolecza, o dinossauro do jornalismo, ex-chefe de reportagem da Folha da Tarde, correspondente de guerra no Vietnã para a Zero Hora.

Naquela tarde de chuva, ele saiu de casa para nos pedir desculpas pela visão pessimista e nos contemplar com seu olhar contundente de quem gosta de jornal, admira o jornalismo e fala com a



O JORNALISTA É UM ESPIÃO DE DEUS



Por Nidiane Perdomo e Thamiriz Amado

Carlos Alberto Kolecza fala sobre o fim do glamour, o fim do diploma e a convicção de que o jornalismo não vai acabar

sua espécie e que não mudam por serem questões atemporais. “Eu acho que quando a gente compõe uma música, fazemos uma viagem interior que não está relacionada com os meios, algo exterior. Ela está relacionada ao sentimento. Só depois, quando a gente vai mostrar essa música, é que essas coisas exteriores podem se relacionar”, avalia.

A relação de Leonardo Luz com a música demonstra exatamente a ideia de que a música é intimista e está relacionada às emoções e à vontade que cada um possui de escutá-la, independentemente do suporte. A paixão de Leonardo pela música em sua essência fez com que ele se habituasse a diferentes mídias. Na caixa de papelão estão apenas recordações de sua história. “Eu guardo os meus discos porque gosto deles e quero mostrar para os meus netos como eu ouvia música quando era novo, mas eu não tenho problema em aceitar o que veio depois. O que sempre vai importar é a música, poder ouvi-la e tê-la na minha vida”, conclui em tom apaixonado.

Tentando achar uma definição perfeita que revele todo o intimismo da música e, assim, a impossibilidade de ela ter um fim, Duca Leindecker lembra *Canção de Não Cantar*, escrita por Sérgio Bittencourt e gravada por Elis Regina.

“Meu canto para ser um canto certo vai ter que nascer liberto e morar no assovio do malandro e do vadio, do alegre e do mais triste”, canta o músico.

Leonardo é, então, alguém que vive a música em sua plenitude: leva cantos em seu assovio. Mais que isso, ele mostra que os fazedores de música estão certos em torná-la algo tão pessoal, que toque a cada um que escutá-la, seja em um *long-play*, em um CD ou em um arquivo no computador.

“A música não tem nada a ver com os formatos. Então, não existia música antes do vinil? Mozart não fez música? Não, a música é a relação entre os intervalos. O que faz diferença é essa coisa que mora no assovio das pessoas”, conclui Duca Leindecker.

além da criatividade, o debate pode estar baseado no apego que muitos têm com a “era do vinil” – fator que motiva a resistência em aceitar inovações.

Duca Leindecker entende a mudança entre os meios de acesso à música como uma possível causadora de transformações comportamentais na sociedade. O músico também alerta que é preciso considerar que as novas mídias surgem de necessidades de atualização da própria sociedade e, sendo assim, é imprescindível aceitar as mudanças. “Ainda é necessário pensar que tem muita música boa e novas experimentações sendo feitas, e se a gente acredita que a música está acabando é porque a gente não conhece isso tudo que estão fazendo. Basta procurar e ver que elas existem”, afirma o também produtor musical.

Marcelo Conter avalia que, para a nossa época, o vinil é sinônimo de afeto e o CD é visto apenas como uma mídia de transição entre o vinil e o mp3. Nesse sentido, a fita cassete tem praticamente a mesma função. “A fita cassete é, mais ou menos, algo de transição, só que com a diferença que ela ajudou a desenvolver alguns aspectos diferentes, como fazer uma *mixtape* para dar a um amigo”. Atualmente, os formatos da internet se consolidaram e permitem novas maneiras de escutar música. “Difícilmente hoje alguém para só para ouvir música, como se fazia com os discos. Essa relação mudou. E também tem a questão da qualidade do som, que muita gente diz que nos vinis era muito melhor do que hoje, mas só escutam música nas caixinhas de som do computador, do notebook, que são ruins”, comenta o pesquisador.

Mesmo com as previsões pessimistas, a música não se modificou, visto que se constrói e se perpetua por fatores não relacionados a formatos, tecnologias e demais exterioridades.

Conforme Duca Leindecker, a produção artística como um todo passa por dramas, frustrações e sentimentos que o ser humano lida desde a criação de

camada de alumínio e planejados para serem sucessores dos vinis para tocar música, mas que se tornaram importantes formas de armazenamento de dados. Por fim, tem-se o mp3 e todos os outros formatos que a internet permite, e que trazem uma fase de transferências online de arquivos, que podem ser escutados até no celular.

O ponto comum é sempre a música em si. Independentemente do tipo de mídia, ela ultrapassa barreiras do tempo e limites de gerações. Renova-se, permanece intacta ou como quer que esteja.

Para o músico Duca Leindecker, a música é a expressão do estado de cada um, o formato em que ela está é só um veículo para levá-la até as pessoas. “A música não nada tem a ver com as possibilidades que os meios trazem a ela, e sim com questões intimistas. Então esse fenômeno do disco e da internet é apenas a mudança de um veículo, que vai se democratizando e isso é irrelevante porque o que importa, o que muda, são os grupos que vão se atualizando nas mídias”, opina.

O fim não está próximo

Alguns críticos dizem que a música pode estar chegando ao fim. Todas as possibilidades já teriam se esgotado e a internet traria referências demais. Por isso, o ser humano não seria capaz de criar mais nada, apenas misturar influências e reatualizar o passado. Para o pesquisador da UFRGS, Marcelo Conter, é preciso cuidar com os determinismos tecnológicos ao achar que o formato muda a concepção. “Tem muita coisa inovadora que está relacionada com essa questão técnica. O tecnobrega, o tecno-melody, o funk carioca, todos esses estilos se basearam em coisas mais fortes: a cultura marginal, a distribuição independente e o equipamento. Eu acho que, talvez, só na grande indústria os caminhos para se chegar em algo criativo podem estar mais limitados”, diz. Muito



Foto de Júlia Endress

Leonardo Luz guarda sua coleção de vinis, mas, na maior parte do tempo, ouve música no notebook

Se de tudo permaneceu somente o imenso gosto pela música, percebe-se que ela não depende de formatos, e sim de interioridades.

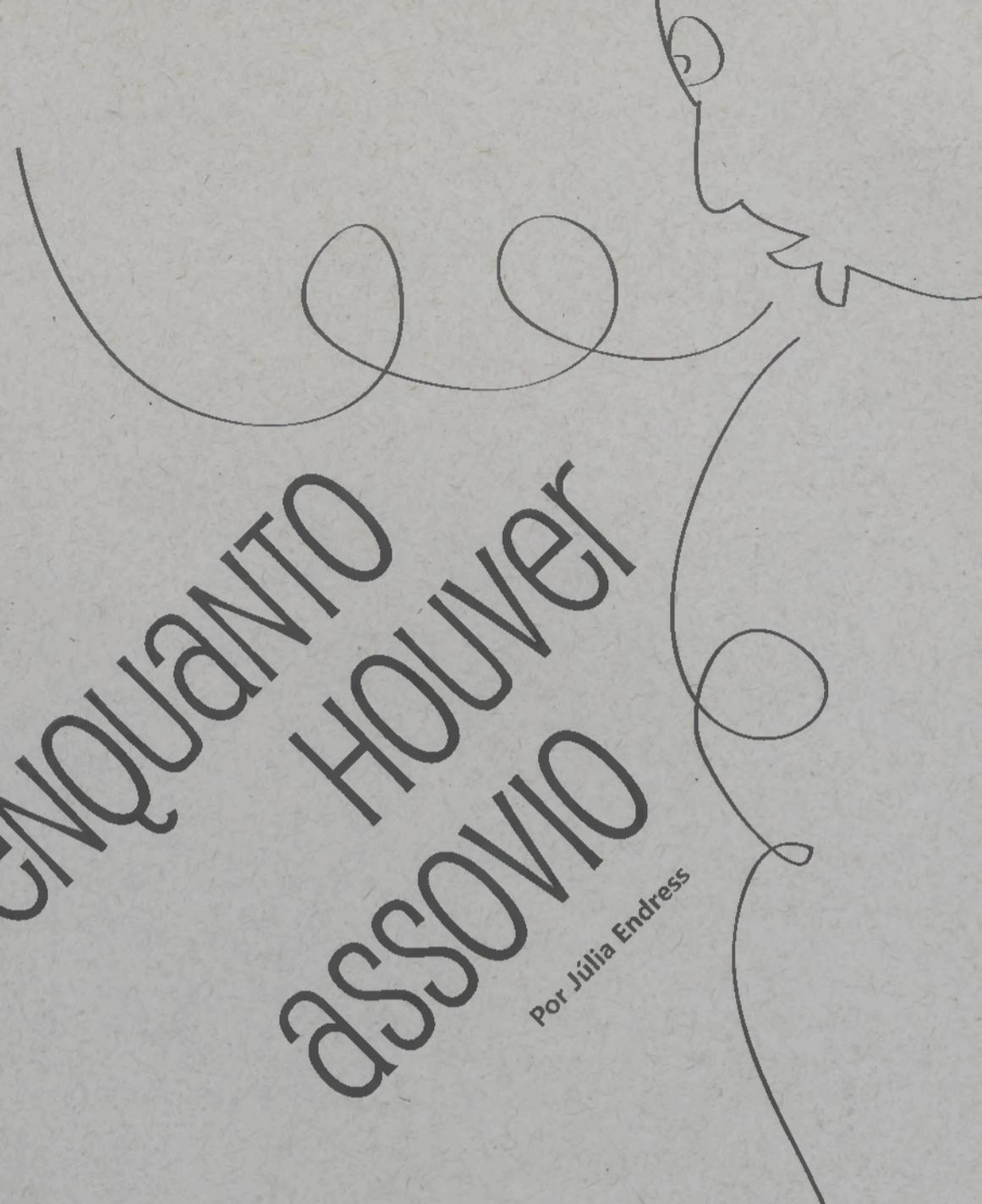
Dos long-plays para os CDs e dos CDs para os formatos digitais a única mudança é o suporte. Primeiro se tinha uma mídia feita de um material plástico chamado vinil e famosa por uma excelente qualidade sonora. Depois surgiram os *Compact Discs* (CDs), feitos de policarboneto com uma

com a nova mídia, surgiram também alterações nos hábitos cotidianos e de estilos de vida

de escutar música. Afinal, com a nova mídia, surgiram também alterações nos hábitos cotidianos e de estilos de vida - e assim nasceu a tendência de ouvir música enquanto se realiza outras atividades. Leonardo revela que em seu computador estão praticamente todos os álbuns que ele possuía em LP ou CD.

“O que eu quero é sempre ouvir o que gosto, seja no aparelho que for”, garante.

Poucos anos mais tarde, ele possuía uma coleção razoável de CDs. A maioria, no entanto, foi roubada em um assalto à residência da família há oito anos. Por sorte, nesse momento o suporte começava a perder espaço. A internet já trazia novos formatos e uma disponibilidade quase infinita de possibilidades - o que fez com que a família migrasse para o novo meio. “Os meus filhos se adaptaram fácil a toda essa coisa de internet, youtube e mp3, mas eu demorei mais. Hoje é tudo no computador, é tudo igual só que mais prático. Eu não acho ruim que seja assim”, assegura. A grande alteração foi perder a tradição da reunião familiar com o propósito



ENQUANTO HOVER ASSOVIO

Por Júlia Endress

tivemos que nos render ao CD”, relata.

Os anos 90 trouxeram a adaptação ao CD e ao que o formato exigia. Leonardo comprou os aparelhos apropriados, adquiriu seus álbuns favoritos também em CD e manteve o costume de reunir a família para escutar música. No entanto, foi difícil deixar a “era do vinil” para trás. “Por um bom tempo a gente continuou escutando os LPs. Era uma coisa mais esporádica, mas era muito legal quando acontecia”, comenta. Foi essa resistência que permitiu que a filha mais nova convivesse com os famosos *long-plays*. “As crianças se divertiam muito com essa função! O que eu acho legal disso tudo é eles terem tido contato com essa outra época, o que acabou nos unindo também pelo gosto musical semelhante”, conta Leonardo.

são lembrados com carinho. “*Breakfast in America*, do Supertramp, foi um dos primeiros discos que eu comprei e sempre gostei muito dele. E tinha um da Tracy Chapman, que também se ouvia muito na época”, recorda. Entre seus álbuns favoritos ainda estão *Realce*, de Gilberto Gil, um compacto dos Discocuecas e *Captain Fantastic and the Brown Dirt Cowboy*, de Elton John.

Aos 19 anos, Leonardo tornou-se pai e começou também a comprar discos infantis para o filho. Assim, além de transmitir o gosto pela música, ele iniciou uma tradição: juntar a família na sala de estar para ouvir música. “A gente se reunia e cada um escolhia um álbum para escutar. Por muito tempo foi assim, mas o toca-discos foi ficando velho e caro para ser consertado. Então,

De uma caixa de papelão são tirados grandes clássicos: obras de Michael Jackson, Beatles, Vinicius de Moraes, Cazuza e outros nomes da música nacional e internacional. Tudo em discos de vinil que até poucos anos atrás ocupavam a sala da casa de Leonardo Luz.

“Na época, era a única forma que a gente tinha de ouvir música. Os meus pais e a minha irmã tinham muitos LPs, e eu comecei a ouvir música com eles nesses discos que guardo até hoje”, conta.

Muitos dos *long-plays* do funcionário público de 51 anos lhe foram dados, mas outros tantos foram adquiridos por ele e

Um poema é um elemento de linguagem com muitas facetas. E o transe mediúnico tem isso também. Não existe tempo. Não existe espaço. Olha, a gente ficou até preocupado que os médiuns acabassem dando uma situação concreta, um fato verdadeiro. Poderia parecer que o Sylvio Back foi lá e mandou eles dizerem isso. Não, não foi feito nada disso. As coisas que estão no filme e que fazem sentido, elas fazem sentido porque estão cercadas pelo elenco do saber, pela iconografia, pela música da época, pelos velhíssimos falando, gente cantando, chorando. Aí você começa a entender como é que essas falas, dores, risadas, gritos, choros, reclamações, ódio, como tudo isso é da época. Entende? Porque na verdade eu estou fazendo um filme. Não estou fazendo um documentário. Se é verdade ou mentira, isso não tem importância mais. O importante é que fiz um filme sobre a Guerra do Contestado que não tem uma pegada didática. Não é uma aula. Não é uma tese de doutorado. Ali tem várias teses de doutorado dentro do filme. Como tem vários doutores falando. Mas o filme não é uma tese de doutorado.

Eu não entro no mérito se é verdade ou mentira. A verdade é que as pessoas estão em transe. O transe é uma coisa inexplicável. É um mistério. É um mistério pra ciência. É um mistério. Dizem até que na Antiguidade todas as pessoas tinham esse poder de auto-transe. A pessoa entrava em transe quando queria. Hoje é preciso todo um preparo para você entrar em transe.

Quando você falou com as pessoas do elenco do saber, como o brasilianista Todd A. Diacon ou outros historiadores, eles sabiam que iam ser costurados ao lado de médiuns? Nenhum deles teve oposição?

Não, não. Na verdade, esse detalhe foi conversado uma ou outra vez. Não foi levado como uma preocupação pra eles. Porque cada um teve um repertório de perguntas que fiz e que eles responderam. E cada um cuidou da sua parte dentro dos vários acontecimentos que rolaram durante esses anos [do conflito].

de Bakum, sobre um pintor paranaense que se matou e que eu havia conhecido pessoalmente.

Por que e como você aproveitou o transe mediúnico neste Contestado: Restos Mortais?

Muitas vezes a realidade não dá conta de tantos elementos envolvidos, como no caso da Guerra do Contestado, e é preciso recorrer a outras ferramentas de linguagem. A entrada dos médiuns costura a narrativa do filme. O espectador sai perturbado do cinema com aquela presença insólita de pessoas machucadas, feridas, crianças perdidas, doentes, gente dentro de buracos ou perdida no campo, gente que levou tiro, que não quer morrer.

Mais do que um resgate à história bastante esquecida da resistência de caboclos no início da República, sobre a qual você já fez o Guerra dos Pelados (1970), seu novo filme capta a religiosidade presente na Guerra do Contestado e eletriza a sintaxe do documentário através da mediunidade. Como poeta-cineasta, como você vê essas relações?

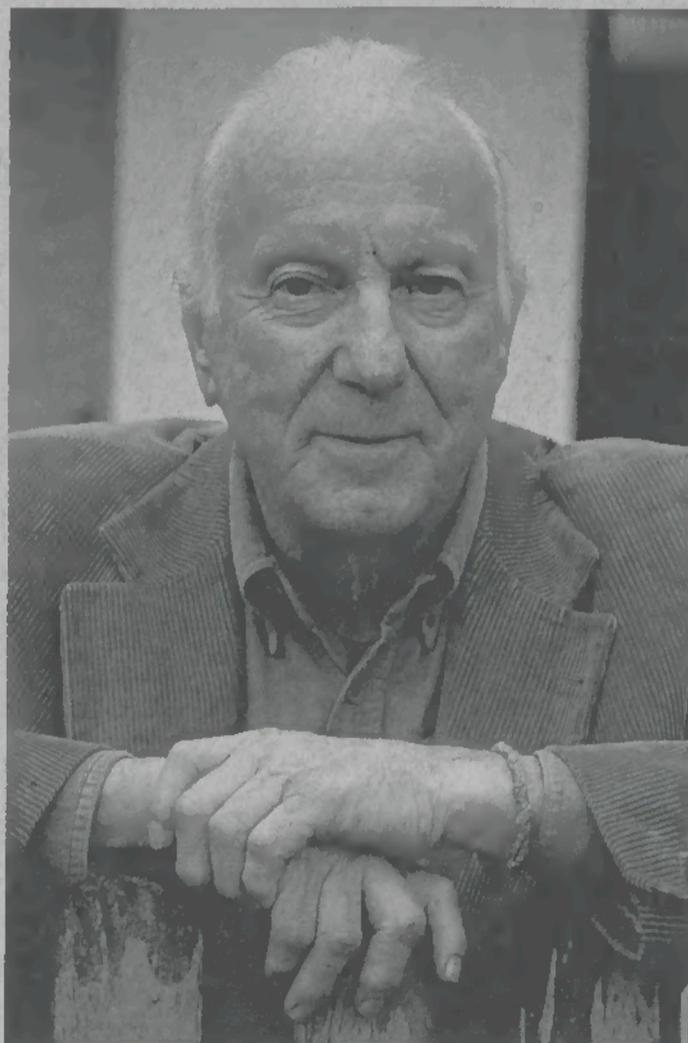


Foto de Divulgação

Sylvio Back está interessado no inconsciente coletivo que sobrevive da Guerra do Contestado.

nos anos 1960, mas só conseguiu terminá-lo em 1985, graças à abertura política pela ditadura. O filme, segundo o cineasta, foi feito em resposta às questões trazidas por Jean-Claude Bernadet.

Um documentarista ou docudramaturgo?

Lembrei Bernadet ao sulista Sylvio Back, quando este diretor esteve em Porto Alegre para lançar *Contestado: Restos Mortais*. Nesse documentário sobre o conflito que envolveu a repressão militar a redutos messiânicos no planalto catarinense, Back desafia os códigos do gênero quando lança mão de entrevistar médiuns em transe, pessoas tomadas por jagunços e soldados e pelas dores dos quatro anos de combates. Foram três os tipos de entrevistados: os especialistas (grupo que o diretor chama de elenco do saber), as pessoas com oitenta ou cem anos que se lembram da história contada pelos pais, e, por fim, grupos de espiritismo ou umbanda (houve filmagem de 17 horas de entrevista durante transe mediúnico, que foram diluídas ao longo do filme). Poeta e cineasta catarinense, o realizador acreditou que ao levar médiuns aos locais onde ocorreram massacres, degolas e muito morticínio poderia vir à tona um caldo de cultura místico e mítico.

Trechos da entrevista com Sylvio Back

Você pensa em si como documentarista ao apresentar Contestado: Restos Mortais?

Eu não sou um documentarista *lato sensu*. Esse docudrama *Contestado: Restos Mortais*, como outros que fiz, *Yndio do Brasil*, *Cruz de Souza - o Poeta do Desterro*, *Guerra do Brasil*, *Rádio Auriverde*, não são documentários como é entendido documentário. Aquele conjunto de dados sobre a realidade, com um locutor que vai narrando. Eu não trabalho com isso. E esse elemento mediúnico, eu já usei uma vez em 1984-85 quando fiz um filme chamado *O Autorretrato*

CONTESTADO MARCADO PELO MORRER

Por Gustavo Duarte Fagundes

em outro, elas formam triângulos e relógios. Nas órbitas aproximadas de dois corpos de ideias ou de duas palavras sinônimas, uma delas tende a desaparecer. É sintomática a palavra clepsidra: ela sumiu junto ao que designava, um instrumento de computar o tempo.

O documentário a Bernardet

“As ideias de Jean-Claude surgem da negação do senso comum, e a estratégia de sua argumentação é baseada no questionamento das convenções e das verdades tidas como absolutas”.

Com frases dessa qualidade, em outubro do ano passado, Eduardo Escorel pedia as desculpas públicas a Jean-Claude Bernadet na revista piauí. No mês anterior, quando fez o perfil do belga-brasileiro, a publicação teria reproduzido um comentário atribuído a Escorel sem consultá-lo. Na visão do paulista, por esse e outros motivos, o texto de setembro não respeitou o limite entre o público e o privado. *Cabra Marcado para Morrer*, documentário dirigido por Eduardo Coutinho e com montagem de Eduardo Escorel, é um divisor de águas para o gênero. Coutinho o ia realizando

podemos supor”. Na sua forma natural, o mundo real é complicado demais para se lidar, é insondável sem abstrações. Precisamos tanto de metáforas mais próximas da experiência comum como daquelas do domínio refinado da ciência. Boa parte do entusiasmo nesse sentido vem da busca de uma linguagem precisa que possa traduzir a precária novidade de notar e entender.

A ciência, como o cinema, é um produto social de seu tempo.

Hoje a literatura recebe a infiltração do cinema da mesma forma que a linguagem é salpicada de metáforas científicas. Uma fotografia pode ser “atraente” assim como um ímã atrai ou repele. O modo como as pessoas se ajustam à complexidade da vida tem a ver com o conceito de “ficções lógicas”, as quais dependem das modas intelectuais de nosso tempo e serviriam para representar o mundo. Um quadro exemplar está claramente visível no céu noturno. As constelações do hemisfério norte refletem as imagens que dançavam na cabeça dos gregos. Já as do hemisfério sul receberam os nomes desde as lentes de uma cultura mais moderna, voltada para a navegação. Em um momento, as estrelas narram sobre amantes e rainhas,

“A entrevista virou cacoete”. Teorizada por Jean-Claude Bernadet, intelectual naturalizado brasileiro, essa foi uma hipótese acerca do documentário nacional. O autor notou que o crescimento da produção desse gênero cinematográfico no país em fins dos anos 90 sempre esteve vinculado à repetição de um só sistema, aquele banalizado pelo jornalismo televisivo. Escreveu o teórico: “Não se pensa mais em documentário sem entrevista, e o mais das vezes dirigir uma pergunta a um entrevistado é como ligar o piloto automático”. Entre as consequências estéticas, estariam o predomínio do “verbalizável” e a pouca capacidade de observar situações reais em transformação.

Ciência é ficcional

Estereótipos são necessários para o progresso do conhecimento, da mesma forma que a filtragem o é para o processo de percepção. Quando se insiste, no entanto, em que o familiar deve reaparecer no não familiar, o senso comum se torna soporífero e perigoso. O cinema de entrevistas pode minimizar o entrevistado a ponto de torná-lo algo menor ou diferente de um interlocutor. Foi o geneticista J. B. S. Haldane quem notou que as operações internas da natureza não são “apenas mais estranhas do que supomos, mas mais estranhas do que

Mas o saudosismo e a tristeza com que relembra histórias e o antigo convívio com a família é notável.

“Ela que unia nossa família, os filhos e os netos iam seguido pra chácara, hoje nos vemos muito pouco, todos juntos, quase nunca”, relembra, afirmando que a esposa era o elo.

Conta que conheceu a “companheira” da sua vida muito novo na casa dos vizinhos.

“Ela era tão linda que eu tive certeza que ia ser a mãe dos meus filhos”.

O namoro começou quando ele tinha 19 anos, ela 14. O casamento aconteceu dois anos depois. Lembra como se fosse hoje a festa na casa dos pais da moça. O cabelo da amada tinha “umas florzinhas amarelas” e a mãe do seu A. fez tantos quindins que eles comeram por dias depois do casamento. Lembra daquele dia como o mais feliz da sua vida. Em contrapartida, o dia mais triste foi em 7 de março de 1997, quando viu sua esposa se entregar ao câncer.

A morte já não assusta. Acredita que, a cada dia que se aproxima, mais perto está de reencontrar sua “companheira da vida”.

Nunca teve muitas ambições e seu maior sonho não acontecerá, mas continua se imaginando ainda morando nas terrinhas em Maquiné, recebendo a visita dos filhos e netos para almoços preparados por sua esposa.

A rotina de Seu A. começa por volta das 8h, quando ele toma café com os outros moradores da casa de repouso.

Em seguida eles vão para a sala de televisão e convivência, onde assistem a programação da TV aberta e conversam. As atividades mudam de vez em quando: “alguns dias da semana vem uma mocinha fazer uns exercícios com a gente, alongamento, ginástica, às vezes fazemos umas caminhadas também”.

Sobre o relacionamento com as outras sete pessoas que moram na casa (cinco mulheres e três homens) ele conta que acontecem algumas briguinhas, mas diz que o tempo de todos ali é tão curto que já não guardam mágoas.

“É só implicância e rabugice, mesmo”. A principal razão das discussões? “O controle da televisão, com certeza. Principalmente no início da tarde, antes da sesta.

Os “guris” - como chama carinhosamente os colegas do sexo masculino - “querem assistir algum programa de esporte, mas as moças não.

Daí é aquela conversa e a gente quase sempre acaba ganhando”. Pra compensar, conta que liberam a TV entre às 18h e 22h pras “gurias” assistirem às novelas.

Seu A. não reclama de morar no asilo, diz ser muito bem tratado e que nada falta.

Comprei um computador no início do ano e minhas netas estão me ensinando a mandar e-mail. Depois elas querem que eu faça uma conta no facebook”.

Na lista de coisas que ainda deseja fazer, Dona S. tem itens como fazer dança de salão, ir a um jogo de futebol e andar a cavalo.

Quanto ao tempo para realizar todas essas vontades, ela não se preocupa com idade, diz que ainda tem muitos anos de vida.

“Tenho a idade que sinto e ainda me acho muito moça”.

Bons tempos

Desde 1997, Seu A. vive em um asilo em Osório.

Trocou sua chácara, em Maquiné, quando sua esposa faleceu. Não que tenha sido uma escolha sua.

Suas duas filhas e seu filho, que moram em cidades diferentes, acharam melhor que o pai morasse em uma cidade com mais recursos. Aprimeira ideia foi Capão da Canoa, mas como o asilo de Osório parecia melhor e também com sua filha mais nova morando, na época, na cidade, a decisão acabou sendo essa.

Hoje a caçula vive em Tramandaí; O filho do meio em Araranguá, cidade ao Sul de Santa Catarina; e a primogênita se casou com um produtor de vinho e mora na Serra Gaúcha.

o tempo de todos ali é tão curto que já não guardam magoas

Lembra daquele dia como o mais feliz da sua vida.

mas o saudosismo e a tristeza com que relembra histórias e o antigo convívio com a família é notável

brinca. Na paróquia do bairro ela organiza eventos e dá aulas de catequese.

Em casa, recebe as amigas da igreja e as vizinha pra um café ou chimarrão. A família a visita normalmente para os almoços de domingo.

Pelo menos uma vez por mês faz questão da presença de todas as filhas, netos e genros para uma almoço completo.

O maior sonho da vida de Dona S. está quase se tornando realidade: conhecer o Rio de Janeiro.

Ajudando o marido a sustentar a casa e criar 3 filhas, nunca sobrou dinheiro.

Mas agora ela organizou um grupo de viagem para realizar o desejo.

São quatro amigas que juntam dinheiro desde o início do ano para passar uma semana na cidade maravilhosa. Lamenta não poder ter visitado a capital carioca com o marido, mas não se priva, pois acredita que ele gostaria que ela aproveitasse a vida e não ficasse presa em casa. “Nosso grupo já foi para Gramado e Santa Catarina. Agora o destino é o Rio de Janeiro.

Não deixo de fazer nada que eu tenho vontade.

viver muito bem sozinha. Relata que, no período que morou no terreno da filha, o genro era muito controlador.

não se priva, pois acredita que ele gostaria que ela aproveitasse a vida e não ficasse presa em casa

Quando ela saía, ele queria saber onde ia. Se recebia visita, queria saber quem era. “Sei que ele só queria cuidar de mim, mas ainda tenho juízo pra cuidar da minha vida. É melhor morar na minha casa, no meu cantinho, fazendo a minha rotina”.

Dona S. trabalhou toda a sua vida como costureira. Conseguiu se aposentar há alguns anos e diminuiu bastante os trabalhos de costura para fora. “A maior parte do que faço agora é para minhas filhas e netas. Ou pra igreja, quan-



do me pedem alguma coisa”. Além da filha superprotetora, Dona S. tem outras duas. Além disso, tem 3 netas e um neto.

Com o tempo de sobra após a aposentadoria, Dona S. começou a participar mais ativamente da igreja. Ela é católica, “batizada, comungada e crismada”, como

“Sei que ele só queria cuidar de mim, mas ainda tenho juízo pra cuidar da minha vida”

Representando tantos idosos e idosas: Dona S. e Senhor A.

Duas histórias. Duas vidas. Duas formas de encarar a idade e as rugas. Em comum entre os dois o momento em que perceberam que a “terceira idade” tinha chegado para eles: a perda dos companheiros e amados.

Dona S. nasceu em Osório, em 1948, desde então vive na cidade e nunca pensou em se mudar. Foi casada uma única vez, dos 20 aos 51 anos. Seu marido faleceu em 1999 por complicações nas vias respiratórias.

O Senhor A. nasceu em 1940, na fazenda da família, no interior de Maquiné. Conheceu a “mulher mais linda do mundo” quando tinha apenas 15 anos e ela, ainda uma criança, apenas 10. Casaram quando tinham 21 e 16 anos e viveram juntos até a morte dela, em 1997, em decorrência de um câncer no estômago.

A melhor idade

Após 13 anos da perda do marido, Dona S. ainda não tem uma rotina.

Se antes acordava todo dia às 7h para preparar o café da manhã, hoje lembra quando tem vontade.

Mora no mesmo local desde o casamento. “O único período que saí da minha casa foi por menos de um ano, em 2008, quando minha filha do meio construiu uma casa para mim junto com a dela”. Apesar dos cuidados e da preocupação da filha, diz



Ilustração de Paulo H. Lange

O FIM DA VIDA

dos fantasmas que assombram a terceira idade. Porém, a história de cada um é única e especial. Assim como a maneira de encarar esse período da vida.

da expectativa de vida e a queda da natalidade. O envelhecimento traz consigo denúncias: abandono, maus tratos, inutilidade, isolamento social, são apenas alguns

Por Jéssica Trisch

A população idosa no Brasil vem crescendo consideravelmente, acompanhando alguns fenômenos, como o avanço da medicina, o aumento

Como qualquer outro sonho, o fim da caminhada dentro do esporte traz junto um sentimento de frustração, em maior ou menor grau.

Amanda e Yan se disseram desanimados quando a rotina de treinos e competições chegou ao fim, mas sabiam que nem tudo acabava por aí.

“Eu poderia ter juntado um dinheiro, ir atrás de alguma bolsa e tentar o vôlei fora daqui. Acho que acabei me conformando com o fato que as coisas não deram certo de primeira. Deixei isso pra trás e segui em frente”, afirma ele. Ambos mencionaram o desejo de retomar os estudos e buscar a carreira em alguma universidade.

Já João Roberto jamais abriu mão de sua paixão. Desde o início de 2012 trabalha como analista de desempenho no Grêmio, onde pretende seguir após se formar, no fim do ano.

“Eu não me arrependo de nada do que eu fiz. Se eu jamais tivesse tentado, eu seria um eterno frustrado. Fiquei satisfeito por ter conseguido ir até o meu limite. Teve essa coisa negativa, mas eu acabei me consolando por saber que tinha feito esse esforço”, avalia.

É a lição que ficou para o ex-jogador de futebol que, talvez, seja o grande trunfo do esporte: conhecer os próprios limites, encontrar as próprias energias e aprender a superar as adversidades.

Até porque a vida não termina no *match point*, ou mesmo na linha de chegada.

“Quando, eu voltei da Alemanha, fiquei muito chateado, porque fui pra lá querendo muito isso. Senti que faltou esse algo a mais, um empresário que pudesse me colocar em um clube maior, pra que esse esse salto, mesmo”, aponta.

Mas o sonho não havia morrido. Ao continuar os estudos, já no Brasil, João Roberto continuou com uma forte ligação com o meio, trabalhando nas categorias de base do Esporte Clube São José, de Porto Alegre. Até que, como ele mesmo

diz, deu sua ‘cartada final’: partiu,

aos 22 anos de idade, para

a segunda jornada em

busca de seu projeto. Passou meia

temporada no sul

da Espanha, dividindo o tempo

entre o San Roque de Lepe

e o Isla Cristina,

dois clubes das divisões inferiores do

futebol ibérico. Mas as coisas não saíram como planejadas.

“Depois disso eu ainda fui dar um gás total na Suíça, onde eu fiz dois ou três testes, mas a questão da idade acabou sendo um agravante. Foi aí que eu decidi parar procurar outros rumos”, lembra emocionado.

Apito final?

O mesmo futebol inspirou Douglas a cursar Educação Física, mas as expectativas em relação à carreira acabaram não se concretizando.

Trocou o suor pelo raciocínio da Engenharia Civil, onde a possibilidade de trabalhar em uma empresa ligada à família pesou a favor: “Até me esforço pra ir bem em matemática, coisa que eu nunca gostei na época do colégio”, diverte-se o estudante de 24 anos.

Há ainda casos em que o investimento é muito maior que a mera dedicação e o esforço para treinar todos os dias.

O vôlei profissional, por exemplo, encontra pouca expressão no Rio Grande do Sul, colocando outra dificuldade a quem pretende virar atleta: é preciso buscar, e bancar, o próprio desenvolvimento além das fronteiras do estado.

Yan retornou a Porto Alegre com 14 anos, treinando pelas categorias de base do Grêmio Náutico União pelos próximos três. Ao fim do último degrau da formação esportiva, precisou reavaliar as prioridades, incluindo a escola e o trabalho.

“Não é como no futebol, onde tu tem um olheiro em cada campeonato, cada campinho. No vôlei, se tu não tiver alguém que possa te patrocinar, que te mande uma grana pra tentar a sorte fora daqui, é difícil”, ressalta.

Isso vale até para o futebol. Bebeto treinou com afinco até o Ensino Médio, quando se deu conta que precisava se dedicar aos estudos e garantir um futuro profissional.

O SONHO NÃO HAVIA MORRIDO

Ao entrar na Universidade, porém, renovou as esperanças e, com apenas dois semestres concluídos na Educação Física, recebeu o apoio da família e partiu para a Alemanha em busca do sucesso dentro das quatro linhas.

Depois de um ano atuando no FortunaKöln, da terceira divisão local, o estudante percebeu que, naquele momento, havia chegado ao seu limite.



Bebeto guarda lembranças da carreira no futebol: "Foi a realização de um sonho"

"Eu sempre quis, sonhava em ser jogador profissional, mas sempre achei que as coisas iam acontecer naturalmente. Achei que algum dia eu seria notado e iriam me chamar, até chegaram a me indicar um empresário. Fui com a maré, não insisti muito. Mas poderia, me arrependo um pouco de não ter investido mais".

o treinador todos os dias, era bastante cansativo", explicou.

Outros sonhos chegam ao fim pela falta de um projeto mais claro com relação ao esporte. Douglas aceitou logo cedo a ideia de terminar os estudos e colocar de lado a carreira no futebol. Aos 12 anos, depois de participar das últimas peneiras, sabia que teria de seguir outro caminho.

tivo necessário para encarar as dificuldades e tentar a sorte na carreira esportiva.

"Meu pai acabou se mudando pra Passo Fundo, e eu fiquei sem ter como me deslocar. Acabei saindo da escolinha do Grêmio. Cheguei a fazer um teste depois, mas como sou baixinho, enfrentava uns caras com dois metros de altura e que já tinham feito mil testes, sabe? Acho que toquei umas duas vezes na bola, e não deu", lembra.

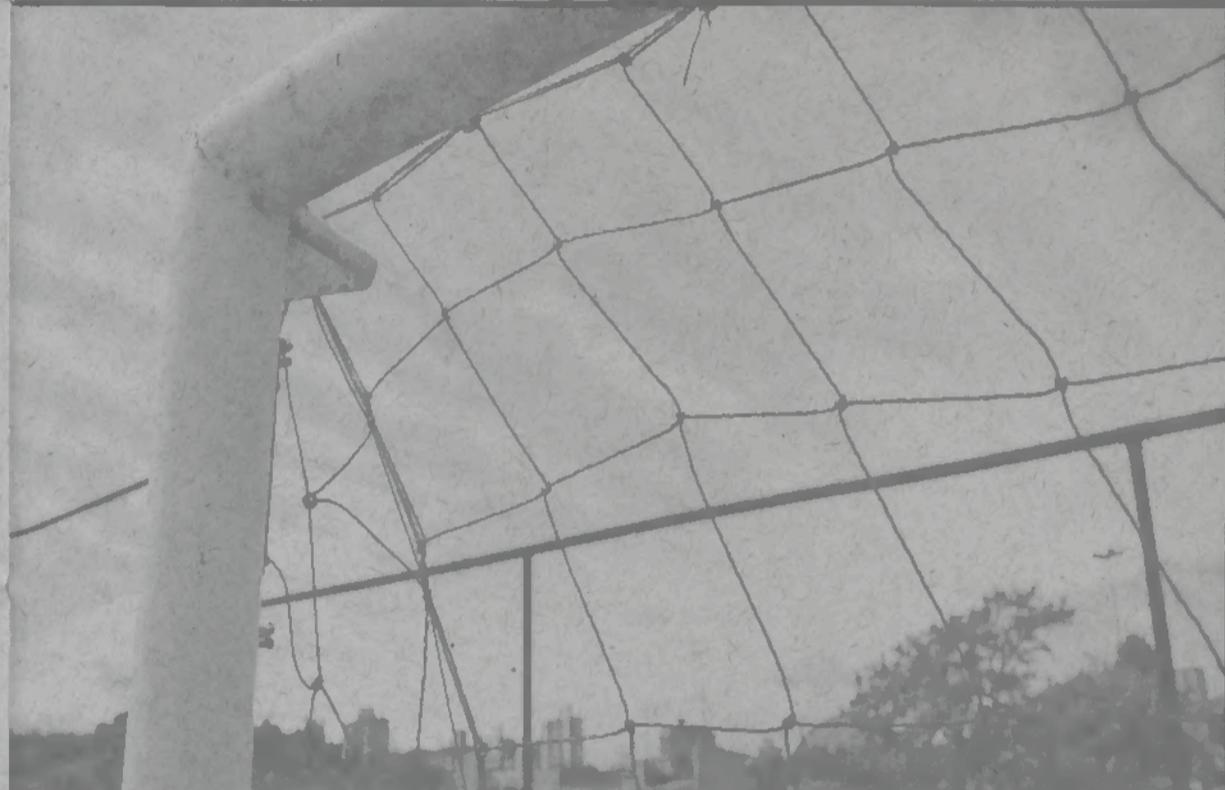
O que não é fácil no esporte mais popular do mundo, nos outros se torna um desafio ainda maior. Muito antes de ter essa percepção, Yan Dias acabou se interessando pelo voleibol por curiosidade: "Em dois anos fui chamado para jogar em um colégio de Lajeado, o que foi muito bom para mim. Foi depois disso que eu vi que dava pra seguir um caminho bacana dentro do esporte", revelou o jovem de 20 anos.

Isso quando o interesse não surge pela necessidade. Amanda Alves superou a vergonha de não saber nadar no início da adolescência, quando foi inscrita pela mãe em uma escola de natação. Em pouco tempo, a menina não só venceu as limitações, como ganhou destaque e acabou sendo chamada para treinar na equipe do Grêmio Náutico Gaúcho.

Virando o jogo

As dificuldades para seguir uma carreira no esporte não têm hora para criar obstáculos a quem busca esse sonho. A jovem de 21 anos, por exemplo, contou como, em 2010, acabou perdendo a motivação para dedicar quase toda a semana nas raíes, principalmente com a saída iminente de seu técnico, um formando em Educação Física que estava, assim como ela, deixando o ramo.

"Também tinha a questão do deslocamento: como eu moro no Cristo Redentor, era difícil ir até a (Avenida) Praia de Belas (onde fica localizado o GNG). Eu e meus colegas pegávamos carona com



DEPOIS DO APITO

Por Matheus Harb

sobre outros que tinham o mesmo objetivo em mente.

É o caso de Douglas Cotliarencio que, assim como João Roberto, era tido por aqueles com quem convivia como alguém que poderia brilhar nos gramados. Não havia cansaço para o menino de oito anos, que jogava nas escolinhas do Grêmio, nas aulas de Educação Física ou com os amigos, sempre com a mesma disposição.

“Ia ao Grêmio três dias por semana, e ainda no sábado pela manhã, quando tinha jogo. Era um sacrifício ir até o Cristal, eu morando na Protásio Alves naquela época. Mas eu gostava muito”, conta o estudante. A separação dos pais dificultou com que recebesse o incen-

“Tanto dentro quanto fora de campo, não adianta tu ser competente, se não tiver oportunidade. O inverso também: não adianta ter a oportunidade e não estar preparado. Acho que o segredo para o sucesso no meio esportivo é justamente isso, estar preparado e ter a oportunidade”, conta João Roberto Sauthier da Fonseca, de 25 anos.

Estudante de Educação Física, Beto, como é conhecido, lembra bem como foi correr atrás do sonho de seguir os passos de seu homônimo mais famoso. Como a maioria dos garotos, se envolveu muito cedo com o futebol, e não demorou muito para atingir um lugar de destaque nas escolinhas e clubes de Porto Alegre. Já saiu em vantagem

Certa vez, um importante dirigente do Internacional disse que, de cada cem garotos que passam pelas chamadas 'peneiras', menos de dez por cento conseguem, de fato, concretizar o sonho de se tornar jogadores de futebol profissionais. São os sortudos citados nos cadernos de esportes, ou que têm suas histórias contadas nos programas de televisão. Aos outros noventa por cento, fica a experiência pessoal, e os ensinamentos daquilo que, um dia, já foi um projeto de vida.

autonomia e se enquadre mais nas decisões de adulto. A especialista acredita que os papéis se misturam, não há mais barreiras entre as tarefas de adulto e as de criança. A tecnologia contribui muito para isso, pois não é incomum que uma criança saiba mais de Internet do que um adulto, por exemplo.

O fato de que vivemos numa cultura urbana contribui ainda mais para a criança amadurecer cedo. Ela tem que se entreter com tecnologia, não brinca mais na rua, tem pouco contato com outros da mesma idade. Isso faz com que elas acabem fazendo as mesmas coisas que alguém bem mais velho. As rotinas e o excesso de responsabilidades agravam essa percepção errada dos limites das idades, uma vez que a criança acaba tendo que fazer algumas coisas da mesma forma que um adulto.

A psicóloga indica que é o núcleo familiar que deve delimitar as diferenças entre as fases da vida, porque a criança não distingue isso por si mesma, uma vez que ela frequenta as esferas de todas as idades. Muitas vezes é a própria família que incentiva as meninas a pintarem as unhas e os meninos a se vestir na moda.

Além disso, hoje as coisas acontecem cada vez mais cedo. “Antes se esperava até os dezoito para usar salto, por exemplo”, já agora, as coisas se adaptam para a criança: saltos que não machucam, não atrapalham o crescimento, esmaltes antialérgicos. Mary aponta que quase ninguém para e pensa se uma menina precisa pintar as unhas realmente. Para ela, parece que a sociedade não aceita mais limites, como se todos tivessem direito de ter tudo, mesmo com a barreira da idade.

De acordo com Mary, o ideal é que os pais esclareçam quais são os limites da criança e coloquem-na em um papel coerente com sua idade, deixa-las com mais tempo livre e menos responsabilidades. “deixar a criança por um momento não fazer nada, ficar olhando para o teto, é tão bom”. Como explica a psicóloga, a criança não tem noção de seu papel social, só mesmo os responsáveis podem dar um devido caminho para ser verdadeiramente criança.

mas, em geral, o deixam à vontade.

Quanto ao amor, Gui confessa ter gostado de uma menina. Mesmo sendo criança ele diz que acontece, e nesses momentos é melhor ser mais adulto. Ele não acha que isso seja comportamento infantil, mas pensa que é normal os garotos de sua idade se apaixonem.

Com relação a outros da sua idade, o garoto diz que são muito mais precoces. Na sua sala de aula, ele vê meninos e meninas que se portam como adultos. Acha que essas outras crianças vão ser prejudicadas na sua vida futura, pois são esses que não copiam na aula e que não respeitam os professores. Para ele, comportamento adulto é não ter mais limites, e diz que quem se porta assim são os mesmos que se vestem como mais velhos e tem um comportamento fora do comum para a idade.

A mãe de Guilherme, Veridiana Camini, diz que na maior parte das vezes ele é precoce, “ele se envolve em assuntos de adulto”. Segundo ela, as professoras apontam que o filho está um nível superior na maturidade e em desenvoltura. Sobre as responsabilidades, ela afirma que são coerentes com a idade dele, e acredita que isso é fundamental na educação. “Ele precisa aprender para a fase adulta”. Quanto às horas em que Gui é criança, a mãe Veridiana acha que são mais marcantes aquelas quando ele não obedece, faz má-criações e pirraça para o irmão de 18 anos. “É coisa de criança mimada”.

O grande convívio com os adultos, para a mãe, não influenciou nessa característica de maturidade precoce, isso se dá na medida em que ele se interessa pelos jornais e navega na Internet para se inteirar do cotidiano. Nada é de todo mau, para ela, isso irá ajudar no futuro dele.

Sob os óculos da psicologia

“Ser adolescente é a máxima que vivemos”. Para a psicóloga Mary Georgina da Silva, ex-presidente da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul, está claro que os limites entre infância e adolescência foram borrados. A criança quer crescer e os adultos rejuvenescer.

A liberdade que os pais dão faz com que essa geração de crianças tenha mais

que “estraga a pele”, mesmo assim usa “para ficar bonita.”.

Gostar de um menino da escola, Vitória gosta, nutre um amor platônico por um colega, no entanto deixa claro que namorar é coisa de adolescente e que “beijar é nojento”. “Adolescente namora e adulto casa”. Agora, ela gosta de ser criança, sabe o valor disso, mas continua se portando em alguns momentos como uma mulher, para mostrar ao mundo, como é bonita sua roupa e sua maquiagem.

No mundo dos meninos

Aos onze anos, Guilherme Camini se assume criança, mas admite que em alguns momentos tenha que ser adulto. “Na escola sou um pouco adulto”, mas, em outras horas, segundo ele, na intimidade de sua casa, pode ser criança. “Eu brinco de bonecos, carrinhos e videogame, e em casa eu sou um pouco criança”. Ele já tem uma responsabilidade, que não considera serem acima da sua idade: cuidar de suas mascotes. Chegou há algum tempo a ajudar seus pais com suas vendas, e tinha seu próprio dinheiro.

Gui, como é chamado pela família, não tem amigos que sejam da mesma idade por perto, são mais novos ou mais velhos. Ele tem dificuldade para se adequar às brincadeiras. Quando joga futebol, se acha muito mais adulto que o amigo Bruno, de seis anos, já em outras brincadeiras, como com carrinhos, ele se sente com a mesma idade do amiguinho. Já no colégio, os colegas de aula e amigos, por serem mais maduros, fazem com que Guilherme fique mais a vontade para ter um papel mais adulto, principalmente quando ele e os amigos falam das notícias que acontecem no dia. O garoto diz que o território da escola exige uma atitude mais precoce, principalmente para os professores, “para que não me achem tão infantil”.

A liberdade da Internet está presente na vida dele, também. Apesar de que nem todos os seus amigos terem acesso à web. Guilherme gosta de estar nas redes sociais para jogar e conversar, mesmo não tendo ainda 18 anos. Ele diz que seus pais controlam um pouco,

UM PASSO ALÉM DO SEU TEMPO

Por Thays Cruz



A pureza dos momentos de criança.

rente. Para ela, ser adulto é mais chato, com mais responsabilidade, “adultos xingam”, “crianças brincam e são felizes”. Todavia os mais velhos usam roupas mais bonitas, maquiagem e joias. Vitória diz gostar de se arrumar um pouquinho como criança e um pouquinho como adulta. Quanto a se maquiar, ela usa os cosméticos da mãe, porque não consegue achar os seus na bagunça dos brinquedos. Já Mara não se importa, diz que deixa de vez em quando, principalmente se a garota vai para uma apresentação de dança na escola. Vitória tem consciência e sabe que a mãe diz

e que sempre incentivou um pouco essa vaidade.

Vitória fala sobre seu salto alto, agora ela usa uma sandália de brilho, adora brilho: “toda brilhosa, eu adoro”. A menina não se importa de vestir roupas que sejam desconfortáveis, desde que sejam bonitas. Afinal, quer receber elogios. A mãe é contrária a isso, mas deixa a menina ter suas próprias vontades, sua personalidade.

Quando questionada sobre o que é melhor ser, a menina tem uma resposta na ponta da língua: ser criança. No entanto, na hora de se arrumar é dife-

Entre bonecas, saltos altos e maquiagem: é assim que brincam as meninas de hoje. Já a gurizada, divide seu tempo entre o videogame e as paqueras nas redes sociais. Pelas ruas vemos adultos em miniatura caminhando e desmandando na vida dos pais, e a única pergunta que vem a cabeça é: onde está a infância?

A maquiagem ao lado das Barbies

Vitória Blume é uma menina de oito anos, vive sua infância brincando, correndo e se divertindo, e diz que ser criança é isso. Mas ela não esquece de que a vaidade é a tendência do mundo atual e, como toda mulher, deve acompanhar a moda e se arrumar. “Quando a gente se enfeita as pessoas falam, elogiam”. Ela, assim como tantas, não quer que digam que está feia, ou que simplesmente passe despercebida. Vai ao salão de beleza com a mãe e faz questão de fazer os mesmos tratamentos dos adultos.

A mãe, Mara Blume, diz que Vitória sempre vai ao mesmo cabeleireiro - por influência de escutá-la dizer isso -, faz as unhas nos finais de semana e, no cabelo, coloca os mesmos enfeites que a mãe. “Tu vês isso aqui que coloquei no cabelo, ela viu e quis colocar um igual”, fala sobre uma linha dourada em meio às mechas. “Ela é do dourado, assim como a mãe, né”, conta Mara, que ainda diz que quando a menina sai, se enfeita, coloca brincos e pulseiras douradas, que são seus favoritos. Ela diz que desde bebê colocou brincos na filha



Foto de Tais Castro

verde. Árvores e grama cercam o lugar onde cada cor e cada detalhe faz a diferença no conjunto da obra. Desenhos muito detalhados contavam histórias nas paredes. Eram verdadeiras obras de arte. Pequenas estátuas e quadros do Dalai Lama estavam dispostos em uma espécie de altar. Tudo muito colorido.

Fomos embora. Na volta, uma sensação de estar voltando ao “mundo real”.

A medida que o ônibus se afastava do Centro de Estudos Budistas Bodisatva, ouvíamos as vozes e os barulhos do dia a dia. Em uma hora, fizemos, então, novamente o trajeto do Caminho do Meio para o centro de Porto Alegre, da tranquilidade sem fim para o agito da cidade, das cores para o cinza.

de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais, Paraná e Santa Catarina. O Lama viaja pelo Brasil para transmitir seus ensinamentos e dar palestras. É o autor de livros sobre o assunto, como *A Jóia dos Desejos*, *Meditando a Vida* e *O Lama e o Economista*.

Alguns minutos depois do horário que havíamos combinado para encerrar a entrevista, saímos da casa do Lama com algumas edições da revista *Bodisatva*, uma publicação feita pelo CEBB com ensinamentos e matérias sobre o budismo.

Despedimo-nos e fomos caminhando em direção ao templo. Tiramos, mais uma vez, os sapatos, e entramos.

A primeira impressão é de que estamos em um mar de cores rodeado por

searmos nossa mente. O que a mente escolher, será construído com nossos olhos. “Isso afeta todas as nossas relações e nossas concepções”, disse o Lama. Para os budistas, o aspecto mágico da realidade pode ser aberto através dos ensinamentos da Prajna Paramita, uma técnica de meditação.

Sem perder a serenidade em nenhum momento dos quase cinquenta minutos de conversa, o Lama contou que o Centro de Estudos Budistas Bodisatva (CEBB) funciona como uma escola aberta.

Qualquer pessoa pode recorrer ao Centro em busca de ajuda, sem ser necessário estar estudando os ensinamentos de Buda já no primeiro dia.

O novato é inserido gradativamente, sem sequer perceber. Aos poucos descobre que as próprias atividades diárias são, na verdade, disciplinas. Mais tarde, se quiser, pode ter um tutor para ajudá-la a entender melhor o mundo e, quem sabe, participar de retiros. Padma Samten deixa claro que o caminho percorrido por cada um é uma escolha totalmente pessoal, parte somente do interesse da pessoa.

O CEBB foi fundado em 1986 por Padma Samten e seu mestre Chagdug. Hoje, além da cidade de Viamão, também está estabelecido em outros estados, entre eles Pernambuco, Bahia, Rio

Se os ciclos se sucedem, significa que existe algo contínuo. O que é contínuo é relevante, o que cessa é descartável. Em nossa vida, por exemplo, morremos como crianças, morremos como adolescentes - o próprio Lama morreu como professor universitário.

A pergunta relevante é: o que se mantém?

pessoas que têm uma compreensão de mundo limitada e estão presas em um mundo comum, apresentaria a ideia de nascimento e renascimento. Para aqueles que têm uma compreensão maior, no entanto, ensinaria o conceito de continuidade. O líder espiritual entendia que o importante não são os ciclos e seus fins. Devemos dar valor àquilo que é perene.

O FIM NO BUDISMO

No budismo a impermanência é completamente natural. Para a filosofia do Buda, tudo a nossa volta é cíclico e possui um início, meio e fim. Porém, esse fim não é o fim definitivo, é apenas o fechamento de um ciclo. Certa vez, Buda disse aos seus seguidores que para as

“É como se eles [os lamas] pegassem o seu prestígio e dissessem: ‘ele é como eu, ele pode dar ensinamentos’”, explica Padma Samten.

O principal interesse de Aveline pelo modo de vida budista veio a partir da percepção do paralelismo entre o budismo e a ciência.



Foto de Melissa Schröder

Quando perguntamos o que havia o motivado a largar a física, Padma Samten foi direto. Falou sobre a interessante relação que o budismo atribui entre o mundo externo e o interno, que, para essa filosofia, são duas dimensões inseparáveis.

Hoje, o Centro de Estudos Budistas Bodisatva segue a tradição Nyingma Vajrayana. No Budismo Tibetano, esse ensinamento é a compreensão do aspecto mágico da realidade. “Isso aqui não é um sofá, é o meu sofá! Não é uma criança, é o meu filho”, explica Samten. De acordo com essa compreensão, a realidade é uma constante construção e desconstrução particular. O mundo externo é visto como um espelho que reflete as dimensões internas. Para tentar nos explicar melhor, o Lama foi até a mesinha de centro e pegou uma folha de papel. Nela estava desenhado o que poderia ser um hexágono formado por seis triângulos e, ao mesmo tempo, um cubo. Depende da posição em que ba-

cor da acolhida; amarelo, da generosidade; vermelho, do encantamento; verde, do karma negativo, que pode ser obstruído por nós; e, por fim, o branco é a cor da nossa natureza ilimitada.

A filosofia de vida

A ordenação de lama no mundo oriental acontece a partir de uma formação. Porém, o estudo por si só não basta. Samten explica que é necessário que o mestre veja e considere que

Finalmente, em 1994, o cargo de professor foi abandonado.

A chegada do mestre tibetano Chagdud Tulku Rinpoche, em 1993, fez com que o físico largasse a vida que levava até então para imergir de vez nos estudos budistas.

Chagdug aceitou ser o tutor de Samten, e fez crescer seu interesse pela linhagem tibetana do budismo (até então, o físico seguia o Budismo Zen Japonês).

Em 1996, apenas dois anos depois de deixar a docência, o ex-professor foi ordenado Lama por seu mestre - título que significa mestre, líder.

Dentre as principais diferenças entre as linhagens budistas, Lama Padma Samten destacou os aspectos culturais e comportamentais. Enquanto a linhagem zen é mais formal, silenciosa e calma,



Foto de Taís Castro

aquela pessoa pode trazer benefício aos outros seres.

Como no Brasil não existem universidades monásticas, as ordenações de lamas são muito esporádicas por aqui. O título só pode ser concedido quando os alunos atingem um grau de compreensão e estabilidade. A ordenação deve ser realizada apenas de lama para lama.

a tibetana é sonora, flexível e colorida. Essa última característica já havia nos chamado atenção ao entrar no Centro. Desde a placa de entrada até o templo, os tons vivos e contrastantes estavam por toda parte. No Budismo Tibetano, a cor tem grande importância. Existem cinco principais, e cada uma possui um significado, um ensinamento. Azul é a

A curiosidade pela filosofia budista foi instantânea e instigou o professor de física a buscar um entendimento das ligações entre aquela religião nascida tão longe do ocidente e o seu campo de conhecimento até então, a ciência. Procurou textos, passou algum tempo traduzindo materiais e meditando sobre aquilo que ouvia.

Quando não conseguiu mais conciliar o interesse pelo budismo e as aulas no Instituto de Física, resolveu se afastar do campo acadêmico por um tempo. O futuro Lama precisava usar seu tempo inteiramente para a pesquisa dos textos da filosofia budista. Assim, em 1998, se refugiou em um sítio entre as cidades de Três Coroas e Taquara. Durante dois anos e meio, ficou recluso em meio à natureza, pensando em questões do Budismo, da ciência e da meditação. A volta para a Universidade foi satisfatória: Aveline passou a lecionar física quântica, onde poderia avançar com seus estudos.

Era tudo muito simples. Com o gravador na mão e a câmera fotográfica pendurada no pescoço, tiramos os calçados e entramos.

O físico ou o Lama?

Até os anos 80, Padma Samten ainda era Alfredo Aveline, físico e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Sempre foi um homem muito simples e dedicado às atividades acadêmicas. Também atuava em causas do movimento ecológico, das quais era simpaticamente por adorar o contato com a natureza.

Foi por meio de amigos, ainda nos anos 70, que Aveline teve seu primeiro contato com a religião que, mais tarde, mudaria sua vida.

Desde 1996, Aveline dedica quase todo seu tempo dando palestras, aulas e seminários sobre os ensinamentos do Buda. O líder espiritual é muito atarefado e cumpre uma agenda cheia de compromissos. Com um tom de voz suave e baixo, quase inaudível, nos recebeu em sua casa no Centro. Chegamos com certo atraso por imprevistos no caminho. Entramos em busca de qualquer pessoa que pudesse nos dar informações e logo avistamos o templo. Um simpático rapaz pintava a imponente construção em um tom de vermelho vivo, enquanto cantarolava algum cântico. Provavelmente a música era alegre, dava para perceber pela melodia e pelo ar despreocupado do guri ao realizar sua tarefa. Pedimos ajuda e, gentilmente, ele nos levou até a casa do Lama.

Sentado em um pequeno sofá em posição de meditação, ele nos aguardava. Uma pintura do Buda estava encostada na parede sobre uma mesa e dezenas de papéis tampavam a mesinha de centro.

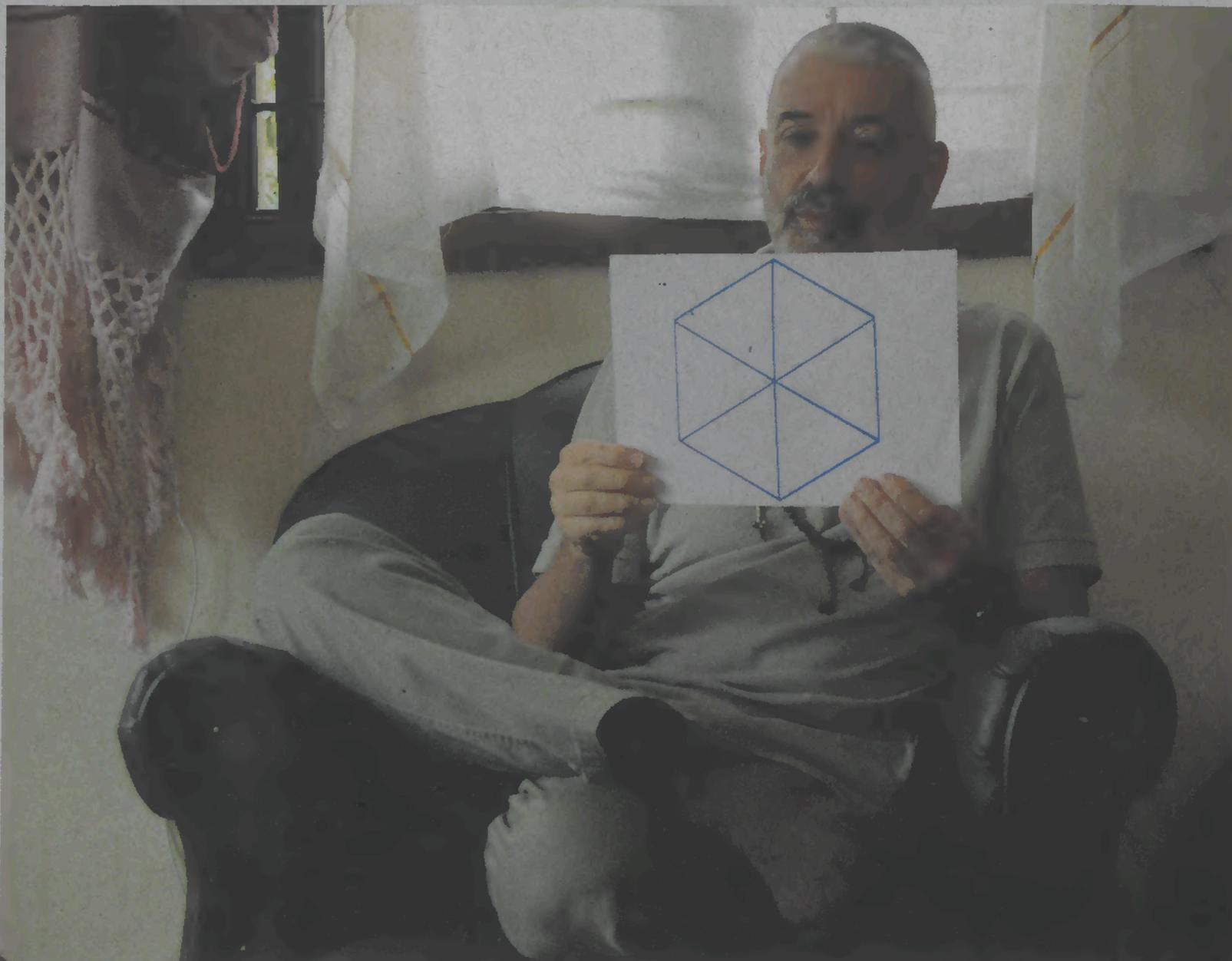


Foto de Taís Catro

CAMINHO DO MEIO

ENTRE O FÍSICO e O LAMA



Por Melissa Schröder e Taís Castro

CEBB

*Não trazer sofrimento
aos Seres.
Gerar Benefícios.
Dirigir a própria Mente.
Eis os ensinamentos
do Buda.*

mente. Eis os ensinamentos do Buda". Era o portal de entrada do Centro de Estudos Budistas Bodisatva, morada de um dos líderes espirituais mais importantes da religião no Brasil: Alfredo Aveline. Há 16 anos, ele é chamado apenas por seu nome de ordenação ao budismo tibetano: Lama Padma Samten.

galinhas ciscando nos pátios. Ao final da linha, ainda é preciso caminhar mais 500 metros para chegar ao destino. Já um pouco cansadas, chegamos ao número 1600 da estrada Caminho do Meio. Avistamos um portão de madeira e uma placa colorida, onde estava escrito "Não trazer sofrimento aos seres. Gerar benefícios. Dirigir a própria

A pouco mais de uma hora do centro de Porto Alegre, indo em direção a Viamão, fica a estrada Caminho do Meio, lugar onde está um dos centros budistas mais conhecidos do país. O percurso de ônibus é longo e aos poucos vemos a aparência urbana da capital dar lugar às paisagens verdes, com pequenos casebres e



Valter Garcia, coordenador de Transplantes do Hospital Santa Casa, afirma que o sistema brasileiro de doação precisa de ajustes

anço do Ministério da Saúde credita o avanço à confiança que a população passou a depositar no Sistema Nacional de Transplantes (SNT). Assim como o SNT, Seu João também já demonstra sinal de melhora e exibe orgulhoso a musculatura da panturrilha que aos poucos volta a ficar rija.

Ele fala também dos planos de conhecer a cidade que, segundo ele, lhe acolheu muito bem. “A partir de agora eu vou começar a conhecer de verdade a cidade. Eu gostei daqui, sabe, é uma cidade pequeninha com muitos prédios antigos no centro da cidade igual a Florianópolis”, comenta.

Depois da reabilitação pulmonar, seu João voltará para Florianópolis, voltará para a Praia de Coqueiros - mas não para o mar-, voltará a andar pelas ruas com a disposição de um jovem.

Retomará as conversas diárias com os amigos - que foi obrigado a abandonar por uns tempos - e a filha de 5 meses voltará para os braços do pai.

em relação ao direito e à garantia do indivíduo de manifestar o desejo de doação ainda em vida.

Apesar das dificuldades, o Brasil apresenta o maior programa público de transplantes e alguns estados brasileiros, como Santa Catarina e Ceará, apresentam bons índices de doadores, 25 e 21 por milhão, respectivamente.

Os índices alcançados por esses estados se comparam aos de países de primeiro mundo, e são resultado do aperfeiçoamento da entrevista com as famílias, da logística e da organização dos hospitais.

Progressos gradativos

No primeiro semestre de 2012, o Brasil registrou aumento superior a 12% no número de transplantes em relação ao mesmo período do ano passado. O bal-

conversar sobre o tema. “O mais importante é falar com a família sobre o desejo de ser doador, porque ela sempre vai ser consultada, independentemente de constar em qualquer documento, como a carteira de identidade”, afirma.

Pela Universidade de Barcelona, Valter Garcia obteve mestrado em Organização e Gestão de Transplantes. Há 35 anos realizando transplantes de rins pelo Hospital Santa Casa, ele conhece com propriedade os principais entraves no processo de doação de órgãos.

O médico afirma que os problemas se firmam em quatro pilstras: a falta de organização dos hospitais; o baixo financiamento federal; a grande burocracia, que, às vezes, é um obstáculo para transplantes emergenciais; e a falta de educação das pessoas em relação à importância da doação de órgãos.

A falta de organização do sistema brasileiro de saúde ainda é, segundo Garcia, o principal empecilho na área de transplantes. As milhares de UTI's espalhadas pelo interior do país são mal preparadas técnica e profissionalmente e, por isso, não conseguem salvar seus pacientes e nem mesmo fazer um diagnóstico preciso da causa da morte. “Tem alguns lugares que são mais organizados e outros que são extremamente desorganizados no país. Abriram muitas UTI's no interior dos estados que não tinham neurocirurgiões e nem mesmo equipamentos de regulação de morte”, afirma. Garcia ainda lembra que outras medidas igualmente importantes deveriam ser tomadas, tais como a profissionalização das pessoas ligadas às equipes de transplante e o aprimoramento da legislação

Além da reabilitação, a assistente social Fernanda Tolves conta que o paciente será observado pela equipe de transplante pelo resto da vida. “O acompanhamento médico, na verdade, é um casamento sem direito ao divórcio. Ele faz as reabilitações e, quando a equipe achar que está em condições de alta, ele volta para o estado de origem, mas o paciente sempre fica em acompanhamento”, afirma a assistente social, que frisa a importância da continuidade do tratamento.

A relação entre os pacientes e as equipes de transplante ultrapassa a barreira profissional e invade a esfera emocional, pois criam-se laços quase familiares, o que transforma as salas das assistentes em um misto de confessionário com divã.

“Os pacientes vêm aqui, contam histórias sobre os filhos, os netos, as crises no casamento, sobre tudo um pouco. E faz parte da nossa função ver como essas mudanças afetam a vida deles e tentar evitar que elas interfiram negativamente no processo pós-transplante”, afirma a assistente social Adriene Barboza.

As dificuldades no processo de doação de órgãos

As assistentes sociais do Hospital Santa Casa de Porto Alegre, Fernanda Tolves e Adriene Barboza, - responsáveis por conversar com as famílias sobre o tema - relatam que uma das maiores dificuldades na entrevista de doação é o desconhecimento dos familiares sobre a vontade do paciente. “Existem inúmeras razões para as famílias se negarem a doar, como religião, por exemplo, mas o principal delas é o total desconhecimento da família a respeito da vontade do paciente. O tema não é conversado em casa e, por isso, os familiares acabam não permitindo a doação”, conta Fernanda. O médico Valter Garcia, coordenador de Transplantes da Santa Casa, também ressalta a importância de se

de sobrevivência e de que precisaria ser submetido a um transplante de pulmão. Desde a confirmação da doença até a cirurgia, a espera foi, segundo especialistas, curta (aproximadamente um ano). Por outro lado, a angústia não foi pequena: durante esse período, devido ao alto grau de debilidade física, Seu João ficou preso aos balões de oxigênio, porque já não conseguia respirar sozinho.

Quarenta dias após estar oficialmente na fila de espera de transplante, lá pelas 22 horas, enquanto assistia pela televisão ao jogo do Flamengo contra o Cruzeiro pelo Campeonato Brasileiro, Seu João recebeu a notícia que havia sido encontrado um doador compatível. “Nunca vou esquecer, dia 18 de outubro de 2012 eu recebi a ligação da Santa Casa.”, relembra com um tímido sorriso nos lábios.

“Um casamento sem direito ao divórcio”

No dia da entrevista, em uma bela manhã de sol com temperatura agradável, foi anunciada mais uma boa notícia para esse florianopolitano. Menos de trinta dias após o transplante, Seu João já recebia alta da equipe médica para voltar para seu apartamento, e para perto da filha. Geralmente, em casos semelhantes a esse, o paciente fica internado por até três meses depois o processo de transplante.

O desânimo constante, a lassidão para andar e até mesmo tomar banho desapareceu.

Seu João agora olha para esse passado recente como se fosse há muitos anos e reaprende funções básicas, que antes eram impossíveis de serem feitas, como, por exemplo, respirar pelo nariz.

“É como se eu tivesse meus vinte, trinta anos de volta”, garante entre risadas contidas.

Após a alta, ainda será preciso passar pela reabilitação pulmonar, procedimento que dura em média de seis a oito meses. Entretanto, devido a rápida recuperação, esse processo pode durar menos tempo.

Seu João, 64 anos, casado e pai de uma menina de cinco meses, hoje aposentado, foi durante 15 anos instrutor da extinta profissão de datilografista na cidade de Florianópolis. Com o tempo, a importância do ofício entrava em declínio, assim como sentia que seu fôlego não ser mais o mesmo. Fumante por mais de 30 anos, largou o vício há 10. “Na época, a gente era guri, como hoje aparece essa meninada toda fumando, o meu também foi assim. A gente se empolga com a namoradina, fica querendo aparecer e passa a ser um fumante”.

Seu João desenvolveu fibrose cística, doença genética que os filhos podem desenvolver e os pais não.

O mal afeta, entre outras partes do corpo, o sistema respiratório. Os pulmões podem ser invadidos por fungos e bactérias, já que o muco produzido órgão fica retido nas vias aéreas.

Como os pais dele não apresentavam a doença, João credita a fibrose cística ao vício no cigarro, ao uso prolongado de inseticida e ao mau diagnóstico feito por um médico de Florianópolis, que afirmou que a causa do cansaço era apenas um princípio de pontada. “Eu tomava banho e sentia preguiça, cansaço na hora de botar a roupa. Quando eu tinha que caminhar, eu pedia para que, a cada 10 metros, tivesse um banco para eu poder descansar”. Os fatores citados pelo paciente podem não ser os principais causadores da doença, já que ela é genética, mas podem ter contribuído para o seu agravamento.

O diagnóstico da fibrose cística foi feito de maneira singular, quando em uma consulta com um proctologista, João foi fazer o exame de próstata. “O médico disse que na próstata eu não tinha nada, eu até cheguei a comemorar. Mas aí ele disse que eu tinha um probleminha de respiração, pediu para eu bater um Raio X e apareceu a doença.”, relembra.

Depois do exame preliminar, foi pedido um mais completo que confirmou o diagnóstico. Encaminhado para um médico especialista, João foi informado que tinha apenas 2% de chance

após a espera, O RECOMEÇO

Por Iarema Soares

Foto de Bruna Antunes



No dia em que recebeu alta do hospital, Seu João relembra como foi a espera na fila de transplante.

aprender a nadar – esperava ansioso junto da mulher por um telefonema do Hospital Santa Casa.

chamado João dos Santos – nascido e criado na beira da praia, mas que, por uma tragédia familiar, preferiu não

Em uma quitinete alugada no centro de Porto Alegre, na Avenida Alberto Bins, um florianopolitano

Sei que o ideal era entrevistar pessoas, ir a lugares que me provocam mais estranhamento ou, pelo menos, ir a mais lugares.

Fica o convite para quem quiser andar perto do coração das trevas de Porto Alegre. Eu vou junto. Lembro também que falar de si é falar do mundo e, às vezes, não fazer sentido é o que faz. Não dá pra traduzir o caos das ruas alcoolizadas na calada da noite e querer ser muito racional.”

“Nada de bom acontece depois das três da manhã”, diz um seriado americano. Discordo violentamente. Sei que ninguém consegue emprego ou um diploma de faculdade ou alguém pra casar (eu acho) num bar nas longas horas antes do sol raiar.

Mas triste de quem nunca experimentou esses momentos.

As ruas e o silêncio/ barulho das noites têm muito que nos ensinar.

Para fingir que sou culto, vou até acabar com uma citação (abs Kerouac). Que é pra dizer que aqui estão os “loucos, os que estão loucos para viver, loucos para falar, loucos para serem salvos, que querem tudo ao mesmo tempo agora” e que “queimam, queimam, queimam como fabulosos fogos de artifício explodindo como cons-telações em cujo centro fervilhan-te - pop! - pode-se ver um brilho azul e intenso até que todos ‘aaaaaaah!’”.

Aaaaaaaah!

“OS BONS TEMPOS ESTÃO ME MATANDO”

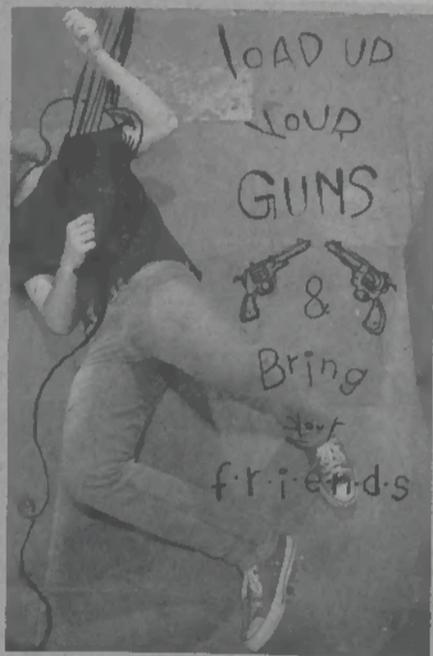


Foto de Michel Cortez. Canetão de PH Lange.

As ruas e o silêncio/ barulho das noites têm muito que nos ensinar.

são e criar um fato para escrever aqui. Não deu muito certo.

Lá pelas seis, tava largando de mão. Entrei para fumar um último CIGARRITZ e me deparo com a seguinte cena: um paulista discutindo severamente com um casal de gaúchos o bairrista rio-grandense. E o cara tava pegando fogo, berrando. Senti o clima hostil e, bebaço, resolvi intervir. Abracei o cara, contei que era nordestino e que morei aqui a vida inteira e que a coisa não é tão ruim como parece e blablablá. O casal já tava quase me agradecendo, daí o cara vira pra mim e fala que é palmeirense. Apaguei o cigarro e fui embora.

Saímos de lá por umas sete da manhã. O sol alto, o carrinho de cachorro-quente mais caro do país fervilhando ali na frente.

Na escadinha da antiga Ospa, um carrinho solitário segura sua própria cabeça. O tênis sujo de vômito. Pensei em ir ali fazer umas perguntas. Vai que ele me diz algo espirituoso como “OS BONS

TEMPOS ESTÃO ME MATANDO”. Não, deixa ele tranquilo, tudo o que ele não quer agora é alguém enchendo o saco dele, e pelo quê? Por um par de aspas num texto. Vou pra parada, lembro que é domingo e o Auxiliadora não passa.

-Táxi

Aos GUERREIROS que chegaram até aqui, devo pedir desculpas pela falta de sentido e pela *egotrip*.

É que esse texto é uma tentativa apenas. Uma tentativa de ser diferente.

DIA 2 – BECO

Vou confessar pra vocês que o único motivo para eu ter escolhido o beco como segundo destino foi uma promoção.

Tu chegava lá, falava uma frase ridícula e entrava de graça. De graça, free, sin cargo.

Assim até eu que não sou fã do lugar me dignei a aparecer. Mas isso aconteceu no começo da noite então não interessa.

O beco é um lugar estranho, já foi mesmo o carro-chefe da noite alternativa (muitas aspas) porto-alegrense. Hoje, é só mais um lugar. O ambiente escuro e esfumaçado que um dia serviu de moldura para shows e discussões, quando a *boite* ainda chamava encouraçado butikin, onde fazia hora extra a redação do Pato Macho, deram lugar a um painel de luzes estroboscópicas e sons de sintetizadores moderninhos.

É simples saber que o fim da noite no beco começou. Basta notar: ou os mictórios, entupidos de vômito, ou o chão, lambuzado de chorume ou o fumódromo, explodindo de gente.

E por incrível que pareça, mesmo diante desse cenário pós-apocalíptico, as pessoas ainda continuam empoleiradas na pista de dança lotada.

O melhor do fim de noite é o fumódromo mesmo, um quartinho de uns quatro por dois metros sem teto. Tem que ser forte, já que um cigarro lá vale por cinco. Deve muito ter algum artigo da declaração universal dos direitos humanos sendo violado nessa situação. Fato é que é ali, no fumódromo, depois das três da matina, que o mundo revela sua face nonsense. Já presenciei tanta coisa ali que iria precisar de uns 40 mil caracteres para falar (e olha que isso é só o que eu lembro).

Aquele dia não tinha muita coisa, tentei várias vezes provocar uma discus-

Acendi o cigarro, depois de conversar um pouco com o lagarto rei del bambooo's. Olhei em volta. No grupo do lado, uma moça, *bonita e magra*, protestava de maneira veemente contra a helvética. HELVÉTICA É FONTE DE AMBULÂNCIA. Mais adiante, cantavam uma versão em português de *Imagine* do John Lennon, que poderia ser propaganda de cerveja ou algo do tipo. Resolvi voltar.

Dentro de novo, fiz algumas perguntas para o tio Sid. Mas não tinha um gravador e nem lembro mais o que era. Também ele respondeu com uns resmungos e, sendo ele, a fonte com mais legitimidade para falar sobre o fim de noite local, escaparia dos meus critérios anti-journalísticos.

Ficamos ali pela frente, até umas cinco e meia, quando o Jefferson, garçom codinome BAMBUZINHO, jogou um balde de água e sabão para "limpar" a calçada.

Espuma branca varrendo meus pés. O sol já raiava quando baixaram a grade que exhibe a pixação BAMBÛS DA ORGIA, adornada por uma singela flor de ipê roxo.

Hora de ir pra casa.

Seguindo a linha para-journalística desse texto, vou fazer um serviço. No dia descrito acima, estava *borracho y loco* por demais, e, por conta disso, tomei meu rumo à zona norte, meu não tão amado lar. Mas sei que meu FAQ receberia questões como: (1) e se, fechadô o bambus, quisessê eu tomar ainda mais uma ceva antes de zarpar? (2) tenho fome, como faz?

Bom, queridos leitores, para tais indagações não existe uma resposta única tal qual nas provas do ENEM. Ainda assim, eu diria: (1) Nosso Bar, na Cel. Vicente, todo glamour de sinuquinhas e caçaníqueis até altas horas do dia (nunca vi fechado) e (2) Tropical Lanches, Salgado Filho, bons pastéis e todo tipo de gente indo e vindo, para o trabalho ou não.

de pronto despendendo a vergonhosa quantia de nove reais. Nove reais? O tio Sid, dono do bar e figura folclórica, já me disse que quando a fiscalização começou a ficar mais tensa ele precisou 'diversificar os preços' para conter a confusão. Faz sentido até: com tudo fechando cedo na cidade, a clientela do lugar aumentou muito. (O bambus chegou a ser fechado por causa do barulho também, ficou sem abrir por duas semanas).

Sei que um dia contarei com orgulho e saudosismo aos meus netos que já paguem 2,50 numa garrafa dessas.

Bebemos vendo algum filme tosco que passava na tevê e que ganhava bastante atenção no bar (*Um Príncipe em Nova Iorque?*). Resolvi sair para fumar um cigarro e dar uma olhada na situação. Logo na entrada, encontro um cara, que lembra o Jim Morrison no deserto do Mojave, com uma paçoca dentro da cerveja. Mergulhou a paçoquinha inteiri-



Foto de Michel Cortez. Canetão de PH Lange.

ra dentro do copo e deixou curtindo, dando gosto. Agora, tomava o líquido indigesto. Estupefato diante de tal cena, perguntei rindo:

-Mano, o quê?... porrrrque?... quueéisso?

Ao passo que ele responde:

-Cerveja de paçoca, quer?

Senhores: eu não tive coragem.

-É pra dar energia - completou e fez algumas caretas sugerindo empolgação.



Foto de Michel Cortez. Canetão de PH Lange.

Também não usei nomes para não constranger ninguém. Mentira, tava com preguiça mesmo. São lembranças, histórias e trovas de muitas gentes. Portanto, também não tem credibilidade. Acredite aí, se quiser.

DIA 1 - Bambus

Estávamos perto das 3h da manhã quando chegamos ao bambus. Vínhamos numa chinelagem, festa daqui mesmo dessa faculdade de bilhar e comunicação, que terminou cedo e por isso não virou substrato para esta matéria. Chegamos a passos sófregos, depois de atravessar o coração do bom fim. À entrada do bar, um moço deitado no chão tocava e cantava *Smells Like a Teen Spirit* do Nirvana, enquanto girava o corpo apoiado nas costas em algum tipo de BREAK DANCE entorpecido. Pensei que tinha escolhido a noite certa. Bastante gente se aglutinava ali na frente do lugar. Para uma quinta-feira *de qualquer jeito*.

O bambus dispensa apresentações, acredito. Há 37 anos cravado na Independência. Se tu já foi a algum show de rock em Porto Alegre, tu conhece o bambus. Se tu nunca foi, tu conhece o bambus.

De qualquer sorte, para quem não teve o prazer: é um boteco estreito com poucas mesas, um balcão longo. Um bar ruim o suficiente para ser bom.

Já que não tem espaço, o pessoal ocupa a calçada na frente e, em dias muito cheios, até mesmo a outra margem da rua. O interior fica reservado aos mais velhos de guerra, com anos de serviço. Nessa noite em especial, o nosso caso.

Sentamos numa mesa no fundo do bar e pedimos uma ceva de litro, que pagamos

TEM DIA QUE DE NOITE É FODA

Por Igor Porto

fazer minha crônica de como vivem, do que se alimentam os desajustados noturnos da gloriosa capital do triste e dessemelhante estado esse meu do Rio Grande do Sul.

Escolhi também dois lugares. O ideal seria bandear por cantos mais recônditos da cidade, mas daí tudo aquilo que falei aqui sobre experiência não valeria tanto. Fiquei com o eixo da Independência. No primeiro dia, o querido bambus. E no segundo, representando o núcleo das baladinhas: o beco 203.

Como falei antes, isso aqui não é Journalism. Não tem fontes, a apuração pode ser contada em copos de cerveja vazios e bitucas de cigarro.

É que os prazos foram apertando e as ideias não foram aparecendo. Sendo assim, quando a camila maccari desistiu dessa matéria, pensei bem. Tinha pouco tempo hábil e muita vivência no tema, afinal são quase nove anos de pesquisa prévia. Talvez seja uma grande verdade da vida: faça sempre o mais óbvio. Me senti apto. Resolvi escrever essas páginas embotadas de cerveja.

Então, mandei o JOURNALISMO às favas. Coloquei meus sapatos sujos e saí para andar um pouco.

É assim que se faz, não? (Gay Talese, me ajuda). Selecionei dois dias para



Foto de Michel Cortez. Canetão de PH Lange.

Essa não era a pauta que eu queria. Nada contra, até porque flunar pelos bares de Porto Alegre é uma das minhas atividades favoritas. Todo mundo sabe. Tô só um pouco cansado. Semestre passado mesmo, escrevemos uma matéria sobre a cidade baixa (abraços, pedro e melissa) e sua situação periclitante, entrevistamos praticamente todos os donos de bar (os legais, pelo menos). Tô ficando velho também. Queria algo mais sério, mais jornalístico. A eterna rusga da faculdade de comunicação: "isso é Journalism, isso não é Journalism".

rotina com os “paulistas”, como eram chamados os guerrilheiros. “Há uma passagem aí que é importante de ser salientada: parar de esperar o resto real, que é o resto mortal, para buscar os relatos, partes simbólicas dos seus entes queridos. Isso é muito importante pra eles”, relata Alexei Indursky. O psicólogo aponta também para a diferença que há entre o fim da dor pela perda e a lembrança que permanece daquele que se foi. “Teve um dos familiares, por exemplo, que foi preso junto com o irmão dele. Depois de um tempo, eles foram liberados e o irmão foi para a Guerrilha. Ele nunca vai se esquecer dos últimos dias, quando ele estava preso com o irmão. Ele vai conseguir viver com isso de uma forma menos sofrida, mas não vai deixar de lembrar. A elaboração do fim não significa que a pessoa vá esquecer”.

Em Xambioá, cidade que serviu de base em muitas expedições, os moradores ainda guardam as marcas de um tempo de medo e terror. A “colaboração” dos mateiros e camponeses foi muitas vezes alcançada através da tortura e violência praticadas pelos militares. Assim, lidar com as fontes primárias dos acontecimentos é um processo delicado, pois envolve uma população traumatizada e com cicatrizes da agressão. Ter conversado ou simplesmente vendido algum alimento para o grupo eram motivos para prisões e abusos. “A violência que foi praticada contra os guerrilheiros e camponeses, a história dessa violência não é para ter um fim nunca. Até para que nunca mais aconteça”, destaca Diva Santana, irmã da guerrilheira Dinaelza. Deste modo, faz parte dos trabalhos das instituições assegurar uma versão verdadeira e coerente sobre os acontecimentos do Araguaia, de forma que esta reconstrução histórica preserve o direito de memória aos guerrilheiros e à população envolvida.

É nesta perspectiva de busca e luta que a carta escrita pelos familiares dos desaparecidos destinada à família de Bergson Gurjão Farias se encaminha para o final: “Desejamos que, ao menos, a profunda angústia por essa espera se dilua, dando enfim espaço só à saudade”.

Com tripla coordenação da Secretaria de Direitos Humanos, Ministério da Justiça e Ministério da Defesa, o GTA locomove-se em um cenário de complexidades físicas e burocráticas. As atividades concentram-se em fases de intensas pesquisas, identificação dos locais, escavações e posteriormente de análise dos materiais coletados. Parte das limitações reside nas lacunas de informações que ainda predominam no campo de trabalho. Entrevistas com moradores locais são importantes para as atividades e mapeamentos do Grupo, mas o retardo alonga-se quando não há a incorporação das informações resguardadas pelas Forças Armadas sobre as atuações do Exército na região.

Sabe-se que, por exemplo, após o extermínio da Guerrilha, os militares voltaram às localidades e realizaram uma Operação Limpeza, que consistiu na remoção dos restos mortais para outros espaços. A falta de dados sobre estes novos pontos e sobre a própria operação são algumas das tantas dificuldades que colocam em xeque o fim dos trabalhos de GTA e, conseqüentemente, da elaboração do sentimento de luto das famílias. Um rico documento que estava retido pelas Forças Armadas era o diário de Maurício Grabois, o Velho Mário, comandante-chefe da Guerrilha do Araguaia e um dos principais nomes do Partido Comunista do Brasil. Os escritos, que abordam mais de 600 dias na mata, foram apreendidos pelos militares na altura da morte do comandante, em 1973, e nunca liberados oficialmente. Apenas nos anos 2000, as informações começaram a vazar e reproduções do diário foram publicadas por diferentes canais de comunicação. Ao mesmo tempo em que abasteceu as pesquisas com novos dados, a questão dos registros de Grabois mostrou como ainda há muito material oculto cujo sigilo obstrui a verdade.

Fim não significa esquecer

Nesta árdua busca, os familiares que participam da equipe dialogam com moradores da região a fim de organizar uma história até então desconhecida. São estes camponeses que podem fornecer informações sobre o convívio e a

emoção, de choro, seguido de uma frustração muito grande. Nesses momentos, a gente vê que cada um se coloca de uma forma diferente no processo do fim”.

Luta no Araguaia

Em 1972, aconteceram as primeiras campanhas do Exército contra os guerrilheiros que se encontravam espalhados em três Destacamentos pelo Bico do Papagaio - região de triplíce fronteira entre o Pará, Tocantins e Maranhão. Segundo o relatório escrito por Ângelo Arroyo, um dos líderes da Guerrilha, o objetivo do grupo era estabelecer a luta armada no interior que, com o apoio das massas, evoluiria para a guerra popular. Durante a primeira empreitada do Exército, alguns militantes foram presos e torturados, mas mantidos com vida no cárcere. Um deles foi José Genoíno Neto, na altura com 26 anos. A partir de 1973, a ordem era execução. O livro “Direito à Memória e à Verdade”, elaborado pela Comissão Especial Sobre Mortos e Desaparecidos, estima que um efetivo de 3 a 5 mil soldados tenha sido deslocado para a área na segunda campanha militar. Mais duas operações foram realizadas até que, ao final de 1974, não havia mais guerrilheiros no local.

Ainda nos anos 1970, as primeiras informações sobre o paradeiro dos militantes começaram a chegar aos familiares, que logo se articularam para as buscas. As primeiras escavações na região iniciaram na década de 1980, seguidas por coberturas jornalísticas que foram acrescentando dados inéditos sobre os episódios da Guerrilha. Em 2003, a juíza da 1ª Vara Federal do Distrito Federal, Solange Salgado, determinou a quebra de sigilo sobre as operações no Araguaia, em processo movido desde 1982 pelas famílias. O Governo recorreu da sentença, mas, em 2009, a juíza ordenou que as investigações reiniciassem, dando origem ao Grupo de Trabalho. No ano seguinte, a Corte Interamericana de Direitos Humanos, órgão da OEA localizado na Costa Rica, condenou o Estado Brasileiro pelo desaparecimento de 62 guerrilheiros e exigiu que fossem aplicadas as sanções previstas em lei aos responsáveis.

peza, extração e purificação, quantificação, amplificação e eletroforese antes da interpretação dos resultados. “O êxito de um exame depende também da qualidade e das condições do material analisado, ou seja, depende da qualidade da molécula de DNA ainda presente”, comentam. Ainda assim, a situação permanecerá angustiante para os familiares.

“Não há um nexo entre as ossadas que foram retiradas e nossos parentes”, afirma Diva Santana, irmã da guerrilheira Dinaelza Santana Coqueiro. Desde o desaparecimento confirmado, Diva emplacou uma busca incansável para elucidar as verdadeiras condições da morte de Dinaelza. Seja através do Grupo Tortura Nunca Mais, seja através da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos, ela participa ativamente das viagens à região e luta para dar à irmã a merecida condição de sepulto. “**Eu vou até onde esgotar**”, pontua. O psicólogo Alexei Indursky, que integrou as expedições às cidades de Xambioá e São Geraldo do Araguaia em 2012, destaca que a subjetividade do processo de luto dos familiares transparece no decorrer das atividades do GTA. “É muito importante que eles possam se envolver nessas buscas, partilhar com essas pessoas que sofreram também. Tem um efeito catártico, de

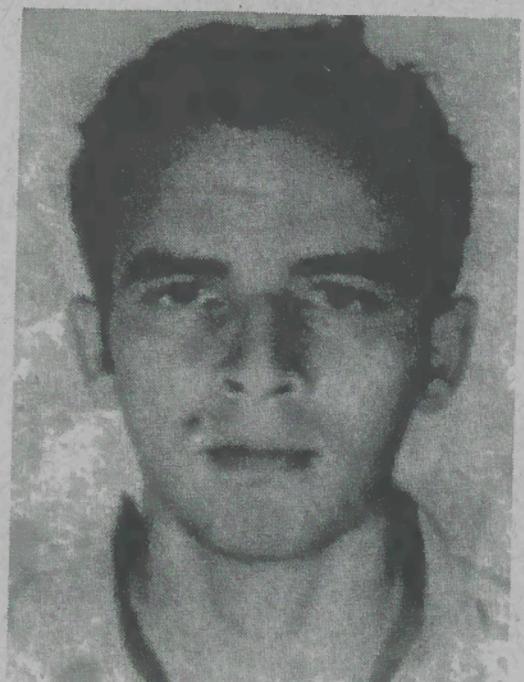
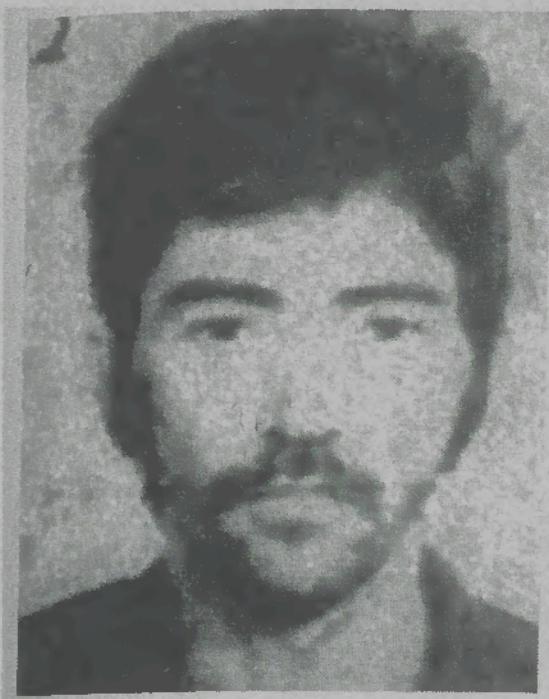


Equipe do Grupo de Trabalho Araguaia trabalha em escavações no cemitério de Xambioá, Tocantins, em busca dos restos mortais dos militantes.
Fotos da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República



O LUTO QUE ENRAÍZA NA MATA ONDE ESTÃO OS MILITANTES QUE ATUARAM NA GUERRILHA DO ARAGUAIA?

Por Isabel Waquil



Dagoberto Alves Costa (Miguel), José Toledo de Oliveira (Vitor) e Dower Cavalcante (Domingos) foram alguns dos guerrilheiros que lutaram no Araguaia e que até hoje estão desaparecidos.

Imagens do livro "Operação Araguaia", de Taís Morais e Eumano Silva

"Eu vou até onde esgotar"

É neste cenário intenso em que atua o Grupo de Trabalho Araguaia (GTA), uma equipe interdisciplinar cujo objetivo é encontrar e identificar os restos mortais dos guerrilheiros que compuseram este episódio singular da história contemporânea brasileira. Vinte e cinco ossadas já foram localizadas e hoje se encontram em Brasília para identificação. Os peritos do GTA, Samuel Teixeira e Renato Paranaíba, explicam que o processo análise do material biológico envolve diversas etapas, como a lim-

A frase faz parte da carta destinada à mãe e às irmãs de Bergson Gurjão Farias e exemplifica o sentimento de solidariedade partilhado por cerca de 40 familiares que assinaram o documento. Passadas quatro décadas desde que a Guerrilha do Araguaia se estabeleceu no norte do país durante a Ditadura Militar, apenas Bergson e Maria Lúcia Petit foram os guerrilheiros identificados e sepultados. Cerca de 70 famílias ainda lidam com a falta de informação sobre as circunstâncias da morte de seus entes queridos, o que posterga, ano após ano, o fim do processo de luto.

"Neste momento de intenso sofrimento, temos a expectativa que, ao proporcionar uma sepultura digna ao Bergson, vocês finalmente possam enfrentar a realidade da morte, colocando fim à angústia que perdura 40 anos de busca e espera, cuja agonia todos nós compartilhamos e faz de nós uma só família".



Foto de Priscila Silveira Mengue.

Jair Lima Krischke, presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos (MJDH)

recuperar o que é seu. O Governador disse que não, que não é competência da Comissão Estadual da Verdade porque o Exército está na esfera da administração federal e, portanto, isso é de competência da Comissão Nacional da Verdade” - ressalta Jair Krischke.

No discurso de criação da CNV, Dilma Rousseff, torturada na Ditadura, afirmou que apurar os crimes cometidos no período não se trata de “reescrever a história”. A presidente está enganada. A Comissão Nacional da Verdade está dando nome aos personagens responsáveis pelo período mais brutal da história do país. Está apresentando os algozes da Ditadura às famílias que tiveram pessoas desaparecidas. Dizer quem fez e como fez é reescrever a história.

Sabemos os nomes dos torturados. Desde 1968, os militares nos apresentavam os opositores do Regime. Estes foram condenados, torturados, mortos. Ainda que não haja prisões, precisamos conhecer nossos déspotas.

Os torturadores identificados precisam conviver, no Brasil, com a condenação à liberdade. E isso é reescrever a história.

E isso é reescrever a história.

com uma Comissão Estadual da Verdade; porém, com um período menor de apuração: de 1961, a partir da Legalidade, até a Constituição de 88.

Ao final dos 20 meses de atuação, os membros do grupo também terão de apresentar um relatório ao governo estadual. Embora as investigações não tenham um caráter jurisdicional, o grupo pode solicitar informações sigilosas ao Poder Público, ouvir relatos e ainda determinar a realização de perícias e diligências.

“Eu, há muito tempo, venho dizendo que os arquivos do DOPS [Departamento de Ordem Política e Social] do Rio

Grande do Sul encontram-se no Comando Militar do Estado. No quinto andar. Há muito tempo, as autoridades fazem ‘cara de paisagem’.

Eu aplaudo a iniciativa do governador Tarso Genro e tenho certeza que é a oportunidade do Governo do Estado do Rio Grande do Sul de

cutivo, ao Judiciário e ao Legislativo, quando terminar seu relatório” - ressalta Rosa Cardoso. No entanto, desde a sua instituição, pouco se conseguiu apurar.

Outro fator negativo a se destacar no processo de apuração dos fatos é a falta de transparência da Comissão. “Tem agido muito em segredo.

A CNV está dando nome aos personagens responsáveis pelo período mais brutal da história do país. Está apresentando os algozes da Ditadura às famílias que tiveram pessoas desaparecidas. Dizer quem fez e como fez é reescrever a história.

Uma Comissão da Verdade tem que ter como principal método de atuação a transparência. Tem de ser transparente. A cabo de dois anos, a

Comissão vai apresentar um relatório à

sociedade brasileira. E se as coisas são feitas em sigilo, eu não sei se aquele relatório vai espelhar o trabalho desenvolvido. Então, eu gostaria muito que sempre fosse transparente” - afirma o historiador e presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krischke.

Desde o mês de setembro, o Rio Grande do Sul também passou a contar

As acusações ao coronel não param por aí. Em 25 de agosto, a Justiça Federal paulista acatou a denúncia do Ministério Público Federal que acusa o coronel e mais dois delegados de sequestrar e torturar, entre 1971 e 1973, o ex-fuzileiro naval e opositor ao regime Edgar de Aquino Duarte, até hoje desaparecido. Documentos obtidos pelo MPF, mostram que, no momento do sequestro, Edgar não possuía vínculo com qualquer movimento de resistência ao Regime. Na época, ele atuava como corretor na Bolsa de Valores de São Paulo.

Esta postura da Justiça toma como base a determinação do Supremo Tribunal Federal em relação a pedidos argentinos, que culminaram na extradição de torturadores para o país vizinho. Grande parte dos ministros, cientes da posição do Brasil como signatário da Convenção Interamericana de Direitos Humanos, caracterizaram o crime de sequestro como imprescritível, tendo em vista que o corpo de Edgar Duarte ainda não foi encontrado. Se não há a localização do sequestrado ou de seu cadáver, o crime é permanente e desprotegido da Lei da Anistia.

Neste âmbito, a Comissão Nacional da Verdade, mesmo não sendo provida de competência jurídica, tem um papel fundamental no que tange o levantamento de provas. A posteriori, essas informações podem ser enviadas ao Ministério Público Federal e, conseqüentemente, transformarem-se em ações judiciais.

“Ela [a CNV] busca provas, ela arremonta provas e essas provas todas serão mandadas às autoridades, aos poderes constituídos, hoje, da República: ao Exe-

ral é outro limitador. “O que a Comissão da Verdade está convivendo é com obstáculos existentes para que haja a punição na área criminal de pessoas que praticaram violações dos direitos humanos, crimes contra os direitos humanos.

Então é uma situação que a Comissão da Verdade convive. Ela não se torna menos valiosa, no sentido de esclarecer o que ocorreu, porque há essa situação de impunidade criminal em relação a esses fatos.

Mas o que nós temos visto no Brasil é que tem havido uma responsabilização paulatina, que tem transitado na esfera civil” ressalta a integrante da CNV, Rosa Maria Cardoso da Cunha.

No último 14 de agosto, a Justiça paulista manteve a decisão favorável à família Teles e reiterou o coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra como responsável pelas ações criminosas ocorridas no

DOI-Codi do II Exército de São Paulo, entre setembro de 1970 e janeiro de 1974. No período, foram realizadas cerca de quinhentas sessões de torturas e, no mínimo, 40 execuções, conforme números apresentados por movimentos em defesa dos Direitos Humanos.

Embora a ação não resulte na condenação do militar, a decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo cria um novo espaço para a divulgação da identidade dos torturadores do Regime Militar brasileiro.

Bolívia, 1982; Argentina, 1983; Chile, 1986; Haiti, 1995; Equador, 1996; Brasil, 2012. Com a voz embargada, quase 28 anos após o fim da Ditadura Militar brasileira, a presidente Dilma Rousseff anunciou a criação da Comissão Nacional da Verdade em 16 de maio de 2012. O objetivo é um só: investigar as violações aos direitos humanos cometidos entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988, datas que marcam a promulgação de duas constituições brasileiras. A CNV é composta por sete representantes, que recebem o

auxílio de 14 assessores. Na Argentina, por exemplo, a equipe é formada por 13 pessoas e mais 60 ajudantes. No Brasil, o período para a apresentação do relatório final é de 2 anos, sendo 16 de maio de 2014 a

data limite para a entrega

do documento.

Os diversos tipos de crimes cometidos pelos militares durante a Ditadura exigiram que as investigações da Comissão fossem separadas em sete grupos de trabalho.

Em suma, estão sendo apurados o contexto que levou ao Golpe de 64, as mortes e os desaparecimentos, as estruturas de repressão e os apoios recebidos pelo Estado, a violação dos direitos relacionados à luta pela terra, o Araguaia e, por fim, a Operação Condor.

Diferentemente das mais de 30 comissões espalhadas pelo mundo, a brasileira tem uma peculiaridade: foi instituída por decreto. Essa condição desobriga qualquer depoente de comparecer às audiências. Além disso, a dependência econômica em relação ao Governo Fede-

O objetivo é um só: investigar as violações aos direitos humanos cometidos entre 18 de setembro de 1946 e 5 de outubro de 1988, datas que marcam a promulgação de duas constituições brasileiras.

“Tem agido muito em segredo. Uma Comissão da Verdade tem que ter como principal método de atuação a transparência”.

O FIM DO SILÊNCIO

a COMISSÃO DA VERDADE e a revisão Da DITADURA MILITAR NO BRASIL

Por Cristiano Goulart

**"Al criminal emplazo
y lo someto
a ser julgado por
la pobre gente,
por los muertos de ayer,
por los quemados,
por los que ya sin habla
y sin secreto,
ciegos, desnudos,
heridos, mutilados,
quieren jugarte, Nixon,
sin decreto."**

Pablo Neruda

com choques nos seios, na vagina... passavam a mão. Fiquei quase um mês sendo torturada diariamente. Em uma outra vez, eles simularam a minha morte. Me acordaram de madrugada, saíram me arrastando, dizendo que iam me matar. Me puseram dentro de um camburão, onde tinha corda, pá, um monte de ferramentas. Deram muitas voltas e depois pararam num lugar esquisito"

Maria do Socorro Diógenes, professora e ex-militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR).

"A primeira coisa que fizeram foi arrancar toda a minha roupa e me jogar no chão molhado. Aí, começaram os choques em tudo quanto é lado e os chutes. Uma coisa de louco. Passei por afogamento várias vezes. Os caras me enfiavam de capuz num tanque de água suja, fedida, nojenta. Quando retiravam a minha cabeça, eu não conseguia respirar, porque aquele pano grudava no nariz. Meu corpo ficou todo preto de tanto chute, de tanto ser pisada. Fui para o pau de arara várias vezes. Eles abusavam muito da parte sexual,



Foto de Bruna Antunes.

Seja em tempos longínquos e bucólicos ou na atual correria da era digital, os apaixonados por ficção e fantasia sempre terão tempo para devorar uma nova e boa história ou reler um antigo caso de amor literário. Por mais difícil que seja aceitar o final como um fim, são tantos enredos envolventes que continuam a surgir inexoravelmente que não se pode deixar passar a oportunidade de conhecer um novo amigo por uma afeição birrenta.

os apaixonados por ficção e fantasia sempre terão tempo para devorar uma nova e boa história ou reler um antigo caso de amor literário

pouco acalmou os fanáticos da bruxaria *potteriana*, que publicam páginas e mais páginas de *fan fictions* (ficção criada por fãs ou textos criados sobre um enredo já publicado e com personagens já existentes) na Internet. Sidney Sheldon publicou, há mais de duas décadas, *Lembranças da Meia Noite* (1990), uma continuação tardia do seu maior fenômeno, *O Outro Lado da Meia Noite* (1973). Joceane lembra esse episódio e diz terem sido os incansáveis pedidos dos leitores que fizeram o autor continuar contando a história da heroína Catherine Douglas.

Medeiros e David Coimbra dividem espaço com Marion Zimmer Bradley, autora da série *As Brumas de Avalon*, que reconta a lenda do Rei Arthur. “Depois que aprendi a ler e comecei a gostar da leitura nenhum livro era o bastante pra mim, emendava um no outro porque passava a me sentir nostálgica quando lia aquele FIM na última página. Foi assim com a série da Marion, depois com os perfeitos enredos de Sidney Sheldon, eles me prendiam de tal forma que enquanto eu não terminava o livro eu não soltava e quando terminava eu queria ler de novo porque não conseguia me desapegar dos personagens”.

Não muito diferente é o que acontece com os novos fãs da leitura. Livrarias no mundo inteiro ficaram lotadas no dia do lançamento do último livro da saga Harry Potter, por exemplo. Na Inglaterra, centenas dormiram nas filas, vestidos a rigor, esperando ansiosamente para comprar o que seria o fim do bruxo mais famoso do mundo. Tendo devorado o livro, uma fã escreveu: “Preferia mil vezes aquela espera ansiosa à certeza do final”. Foi assim com J. K. Rowling; Marion Zimmer Bradley; Stephanie Meyer, mãe dos vampiros de *Crepúsculo*; J. R. R. Tolkien, da trilogia *O senhor dos Anéis*; e, o mais recente fenômeno de E. L. James, a trilogia *Cinquenta Tons*, que tem feito a cabeça de muitos aficionados por romance.

É compreensível que o autor não irá, em hipótese alguma, relatar todos os suspiros de vida de cada um de seus personagens tão adorados.

Mas, diferente de muitos deles, os fãs não se desapegam tão rapidamente. Exemplo disso é J. K. Rowling. Em uma entrevista, a autora disse que talvez no futuro volte a escrever um livro sobre Harry Potter. A notícia



QUANDO a espera supera a NOSTÁLGICA CERTEZA DO FIM



Por Fernanda Fassina

E viveram felizes para sempre. Assim terminam todos os contos de fadas que incansavelmente contamos para nossos futuros leitores. O príncipe encontrou a princesa, eles se apaixonaram, casaram e foram morar no castelo dele em uma terra muito distante. Certo, mas e depois disso, eles só foram felizes?

A frase é da empresária e eterna apaixonada pelo mundo da literatura de ficção, Joceane Trapp da Silva, que conta que desde pequena gostava de ler. Nascida no interior de Camaquã na década de sessenta, na pequena biblioteca da escola onde estudava não sobrou um único título que não tenha lido. José de Alencar e Machado de Assis eram seus favoritos. Não tendo muitas opções de lazer, ler se tornou não só um hábito, mas também um hobby. Hoje, na sua pequena biblioteca particular, Sidney Sheldon, Daniele Steel, Nicholas Sparks, Martha

nos transbordam. O fim de um livro não é absolutamente um fim, a menos que o autor acabe com a vida de todos os vilões e mocinhos imaginados. Nossa vida continua depois de terminar a leitura de um best-seller e a dos personagens que fazem parte dele - nem que seja só no nosso imaginário.

“Preferia mil vezes aquela espera ansiosa à certeza do final”

“Os livros me fazem viajar. Quando estou lendo é como se não precisasse de mais nada, ele supre todas as minhas necessidades ao longo do que está sendo narrado pelo autor.”

Nada mais? Não tiveram filhos? Nunca brigaram? Não envelheceram tomando chimarrão na varanda? Simplesmente, ninguém sabe. O autor fez a parte dele, nos apresentou os personagens, fantasiou um mundo paralelo e deixou o final assim. Um típico “imagine você”.

Para ávidos leitores, apaixonados pela literatura e ficção, esse e tantos outros não são exatamente um fim. Ao longo da leitura, somos envolvidos pelo enredo, passamos a viver os dramas da história junto com os personagens. Por um período de tempo, deixamos a vida real de lado e mergulhamos no mundo relatado, passamos a ser João, Luiz, Maria, Alice no País das Maravilhas - e quantas maravilhas nos são apresentadas! -, mas não são suficientes. Não

são e, ao mesmo tempo, transformam um anônimo na mais nova celebridade. A fama mudou por completo a vida dele, mas mesmo assim ainda não se sente confortável ao ser chamado de celebridade, ao ponto de pedir pra não ser identificado nesse texto. Ela não faz nenhuma objeção, apenas se sente grata por seus alunos adolescentes ainda não terem encontrado seu perfil.

No mundo todo são relatados casos de funcionários demitidos por falarem sobre a empresa que trabalham na Internet. A queda de produtividade, devido ao uso de redes sociais em horário de trabalho, é outro forte motivo. O compartilhamento de informações pessoais que não condizem com a imagem da empresa, por mais absurdo que isso soe, também pode ser razão para demissão.

Para ele, a Internet fez sua autoestima decolar. O medo da câmera passou, apesar de ainda sentir um friozinho na barriga a cada gravação. Ela acredita que sua fama só aconteceu porque outros, muito mais famosos, a encontraram e recomendaram.

Na Alemanha, a proibição da divulgação de festas

por redes sociais está sendo discutida. Isso porque a polícia tem sido chamada constantemente para conter pessoas que aparecem em eventos sem convite algum, apenas por tomarem conhecimento em alguma rede social.

Geolocalizadores são vistos como os vilões dessa história. Ela, diante de uma fã insistente, precisou repensar o quanto compartilhava sobre os locais que visitava para evitar ser encontrada. Ele comenta que nunca foi adepto de tais práticas porque sempre teve medo de ser sequestrado.

Ninguém é inalcançável com a Internet que temos hoje.

Mas mais do que isso, estar presente nas redes sociais e compartilhar sobre a própria vida nelas é uma escolha ativa, nem sempre consciente, que pode ter incontáveis consequências.

controlar, onde ainda não é possível mensurar se os riscos dessa exposição compensam os benefícios da facilidade de comunicação. Diante disso, o direito à privacidade, mesmo irrenunciável, acaba sendo abandonado e esquecido.

Meus entrevistados são pessoas comuns, gentis e divertidas. O hábito de escrever sobre seus cotidianos em doses de 140 caracteres, dando ênfase aos seus gostos pessoais por música, poesia, humor e política, acabou atraindo a atenção de mais de 20 mil pessoas.

A praticidade de se manter conectado durante todo o dia é um conforto necessário. A Internet sempre foi, desde sua criação, o lugar ideal para que dúvidas sejam sanadas. Estando presente em todos os momentos - em um mundo ideal -, todas as pessoas se fariam valer do imenso conhecimento compartilhado. Infelizmente, a realidade é outra. Usamos dessa Internet

imperiosa muito mais para contar o que fazemos com o nosso tempo, banalidades e picuinhas, do que para compartilhar alguma informação útil. Não é a primeira vez, e nem será a última, que o ser humano transforma em problema uma ferramenta com imenso potencial para ser solução.

Por inocência ou solidão, a importância das palavras (e imagens) acaba não sendo medido na Internet.

Algumas poucas frases podem levar a uma demis-

Com a criação e expansão das redes sociais, a interação entre as pessoas é constante. É enorme a quantidade de informação que liberamos na Internet diariamente. Ao se tornar um hábito, acabamos não pensando em suas consequências.

Mais tecnologia, mais facilidade de comunicação, distâncias amenizadas. É nesse momento que nos deparamos com pessoas comuns tendo suas vidas colocadas, por escolha própria ou não, na lupa da fama dentro das redes sociais.

Com todas as opiniões, os gostos e as vivências exageradamente sendo compartilhadas em formato palatável a uma multidão de desconhecidos.

Cada vez mais ligados nas vidas alheias, não é raro tomarmos conhecimento de notícias por meio da opinião de outras pessoas via redes sociais. Estamos diante de um mundo difícil de

**Mais tecnologia,
mais facilidade de
comunicação, distâncias
amenizadas.**

**A praticidade de se
manter conectado durante
todo o dia é um conforto
necessário.**

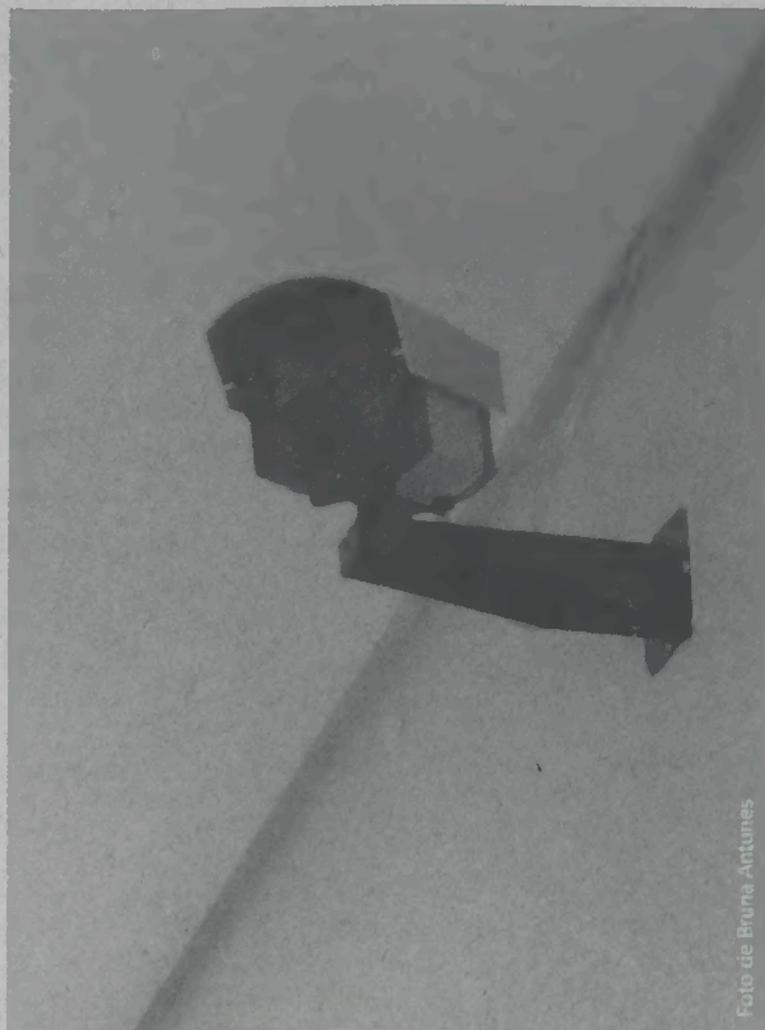


Foto de Bruno Antunes



Foto de Bruna Antunes

O FIM DA PRIVACIDADE



Por Bruna Antunes

Estou com Sorte

Segundo a Constituição Federal (artigo 5º, X), a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem são invioláveis, sendo assegurado o direito à indenização pelos danos material ou moral decorrente de sua violação. Sendo assim, mesmo que se queira, não é possível renunciar ao direito à privacidade.

Busco dois nomes no Google, encontro perfis de redes sociais e envio mensagens. Em alguns minutos recebo respostas positivas. Alcanço meu objetivo de marcar entrevistas com pessoas que até pouco tempo pareciam muito distantes. A forma como consegui essas entrevistas reflete exatamente o que pretendo relatar.

tana. Faz tempo que ele não vai lá. Ele até que sente falta, **mas agora usa o pouco tempo livre para, é claro, freqüentar o bar Havana**, que, conferi mais tarde, tem mais de 50 anos de existência (nem o dono sabe ao certo). Ah, sim, seu Eumar também gosta de meditar. E, surpreendentemente, ganhar dinheiro com isso: ele dá aulas de meditação, apesar de ser um negócio incipiente. “Ainda não deu lá muito certo”, mas isso não o impede de praticar ao menos duas vezes ao dia. Ele é enfático e diz que o exercício é essencial para relaxar e ao mesmo tempo colocar os pensamentos em ordem.

Quase dou um pulo quando ele revela que o seu livro favorito é “Lolita”. Ele pisca repetidas vezes compartilhando a minha emoção e fala entusiasmado sobre sua paixão por Jorge Amado e José Lins do Rego. Seu filme favorito é “Horizonte Perdido”

e eu tive que googlear

quando cheguei em casa para saber do que se tratava (descobri uma produção de 1973 sobre um fantástico local de eterna juventude).

Fica a recomendação do seu Eumar. Ele também

me conta sobre o seu gosto

musical: a preferência por MPB e

samba tem dado espaço, ultimamente, para a música clássica. Quando comento que gosto de Beatles ele replica que “ah, sim, o rock também tem seu valor”.

No nosso último encontro, olhei no relógio e percebi que o tempo havia corrido. **Fiquei surpresa ao me dar conta que a nossa conversa havia ultrapassado o momento de pico do vai-e-vem dos freqüentadores do Mercado.** Eu descobriria em outro dia, numa conversa com o garçom Leandro, que o bar Havana fecha, nos dias de semana, às 20h30. Já estava quase na hora. Agradeço o seu Eumar pelo o seu tempo, pergunto se posso voltar em breve para jogar conversa fora. Seus olhos se apertam, ele abre um sorriso querido.

- **Sim, claro, quanto tu quiser. Sabe, eu tô sempre por aqui.**

“homem feito” não ter a necessidade (que ele próprio teve) de casar e ter filhos, mas aceita o seu comportamento. Comento que é coisa da geração, ele concorda com um gesto de cabeça. A filha, portadora de Síndrome de Down, mora com a mãe.

Durante uma dessas minhas “visitas”, seu Eumar fez uma cara de surpresa, percebendo que eu não bebia nada. Perguntou se eu não queria acompanhar ele no campari. Agradeço a oferta, mas digo que não quero perder o foco (yeah, right) e ele

me olha não acreditando muito na resposta. Ok, seu Eumar, nem eu acreditei nessa. Aí explico que na verdade estou ali porque sou jornalista (?). Tá bom, estudante de jornalismo. Esclareço tudo:

revelo o meu nome, o meu semestre, falo até sobre

o nosso professor, também freqüentador do Mercado Público. Ele parece satisfeito quando confirmo que, sim, estudo na federal. Fico receosa, achando que, a partir dali, ele talvez não quisesse mais contar seus

causos ou, pior, ficasse com raiva, achando que havia sido transformado num personagem barato de uma materiazinha para jornal de faculdade. Mas ele achou divertido, e se limitou a comentar que o jornalismo é uma bela profissão e que o filho dele era meu xará.

Seguindo com suas histórias, seu Eumar fala sobre sua juventude, seu engajamento político. **Ele me conta sobre ter militado contra a ditadura. “Integrei passeata e pinteí a cara” e ri, meio orgulhoso, meio achando engraçado.** Mas ressalta que não se envolveu mais quando percebeu que a coisa era séria. Ele faz uma careta e diz que não acredita em nenhuma forma radical de governo.

Pergunto sobre seus hobbies. Ele comenta sobre suas ex-freqüentes idas ao cinema da Casa de Cultura Mário Quin-

para Porto Alegre aos doze anos, acompanhado de uma tia. Aos 14, já morava sozinho. “Com aquela idade, naquela época”, conta, “um menino do interior que vinha para a capital tinha grandes sonhos”. Mas ele não sentiu falta dos pais? Era uma criança ainda...

ele ri da minha preocupação.

Sentiu, mas aquela vida de terra, de enxada, não era pra ele. Aos 18 anos, entrou para o Exército e lá adquiriu o seu primeiro vício: o cigarro. Porque era proibido, a maioria gostava de fumar.

“Dava uma sensação de ir contra as regras”, resume, tomando um gole do seu drink: vodka com campari e gelo.

(Conversando mais tarde com Tiago, garçom do Havana há oito meses, me foi revelado que **o seu Eumar havia freqüentado o bar de duas a três vezes por dia, sem exceções, de segunda a sábado - nos domingos eles fecham.** E, quando ele se sentava à sua mesa periférica “para a fumaça do cigarro não atrapalhar quem tá comendo”, os funcionários já sabiam o que prontamente levar: a dose do seu Eumar. Ele raramente pedia algo para comer.)

Depois do Exército, ele passou pela escola técnica Ernesto Dorneles, onde aprendeu a fabricar próteses dentárias. Além de aprender o ofício que exerceria até se aposentar, foi lá que seu Eumar conheceu aquela que seria sua companheira de vida inteira. Ou quase inteira: ele e esposa se separaram há alguns anos. Não, não foi amor à primeira vista, mas, como era comum na época, eles se gostaram, descobriram interesses em comum e se casaram. “Era um negócio mais prático, sabe”. Hm, imagino. Da união, três filhos: dois meninos, que já passam dos 30 anos, e uma menina, que agora já tem 25. O rebento mais velho se mudou para Nova Petrópolis, onde constituiu família. O do meio mora com ele e vive indo de namorada em namorada. Seu Eumar exprime aqui uma espécie de descontentamento resignado, ele não entende como pode um

“um menino do interior que vinha para a capital tinha grandes sonhos”

ele achou divertido, e se limitou a comentar que o jornalismo é uma bela profissão

poderia me sentar à sua mesa. Alguns momentos de tensão se passaram: assisti de longe o garçom se abaixar ao lado dele e cochichar baixinho a minha proposta.

Cerca de cinco segundos depois, lá estava eu, sentada na frente do senhor condescendente. A conversa começou meio estranha: o seu Eumar respondia as minhas perguntas iniciais de maneira monossilábica. Eu analisava seus gestos, sua maneira de se expressar com as mãos esqueléticas; ele analisava os meus questionamentos de volta, talvez se perguntando por que diabos ele tinha que terminar seu dia daquela forma, respondendo perguntas meio íntimas a uma estranha.

Mas, aos poucos, fui ganhando sua confiança. Ele acendia um cigarro após o outro; era um senhor magro, muito magro, de cabelos brancos e olhos aquosos e intensos, e de pele marcada pelo sol (e pelo tempo?).

Ao longo dos nossos encontros, fui desvendando a vida do seu Eumar. Ele me contou sobre suas origens: nascido em Gramado, filho de pais agricultores e o mais velho de três irmãos, ele havia se mudado

Quando chega, os garçons prontamente levam a sua vodka com campari e gelo

compromisso, não apenas com a disciplina de Jornalismo Impresso III, mas com a reportagem, estava sendo testado. Pedi para que ele fizesse a gentileza, então, de perguntar ao seu Eumar se eu

sentado sozinho na terceira mesa do canto esquerdo era um deles. O garçom não apenas confirmou a minha suspeita, como acrescentou: “aquele é o nosso cliente mais antigo.”

Engoli em seco. Porque agora eu sabia que tinha de falar com ele. Meu

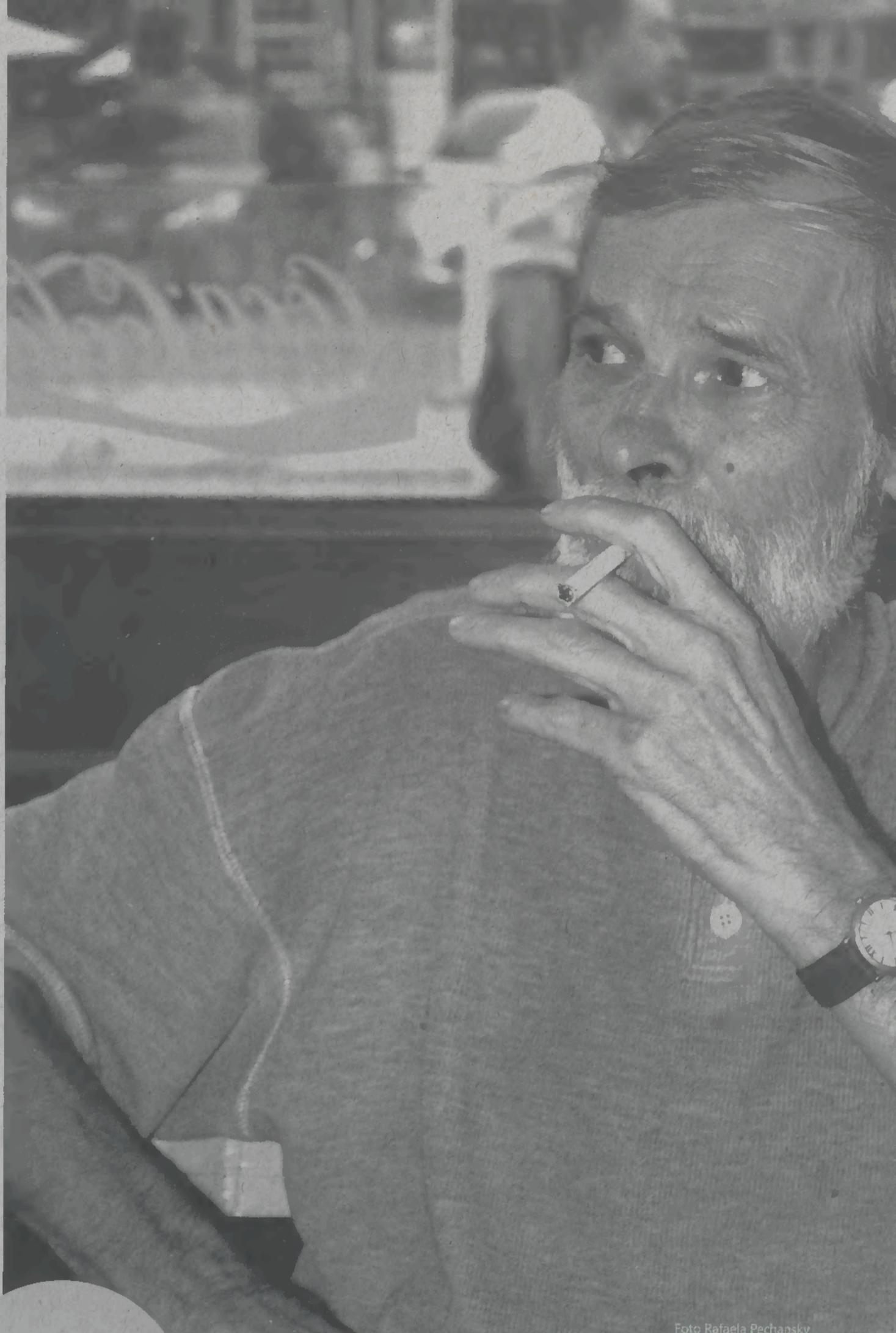


Foto Rafaela Pechansky

É UM RESTO DE TOCO, É UM POUCO SOZINHO

Por Rafaela Pechansky

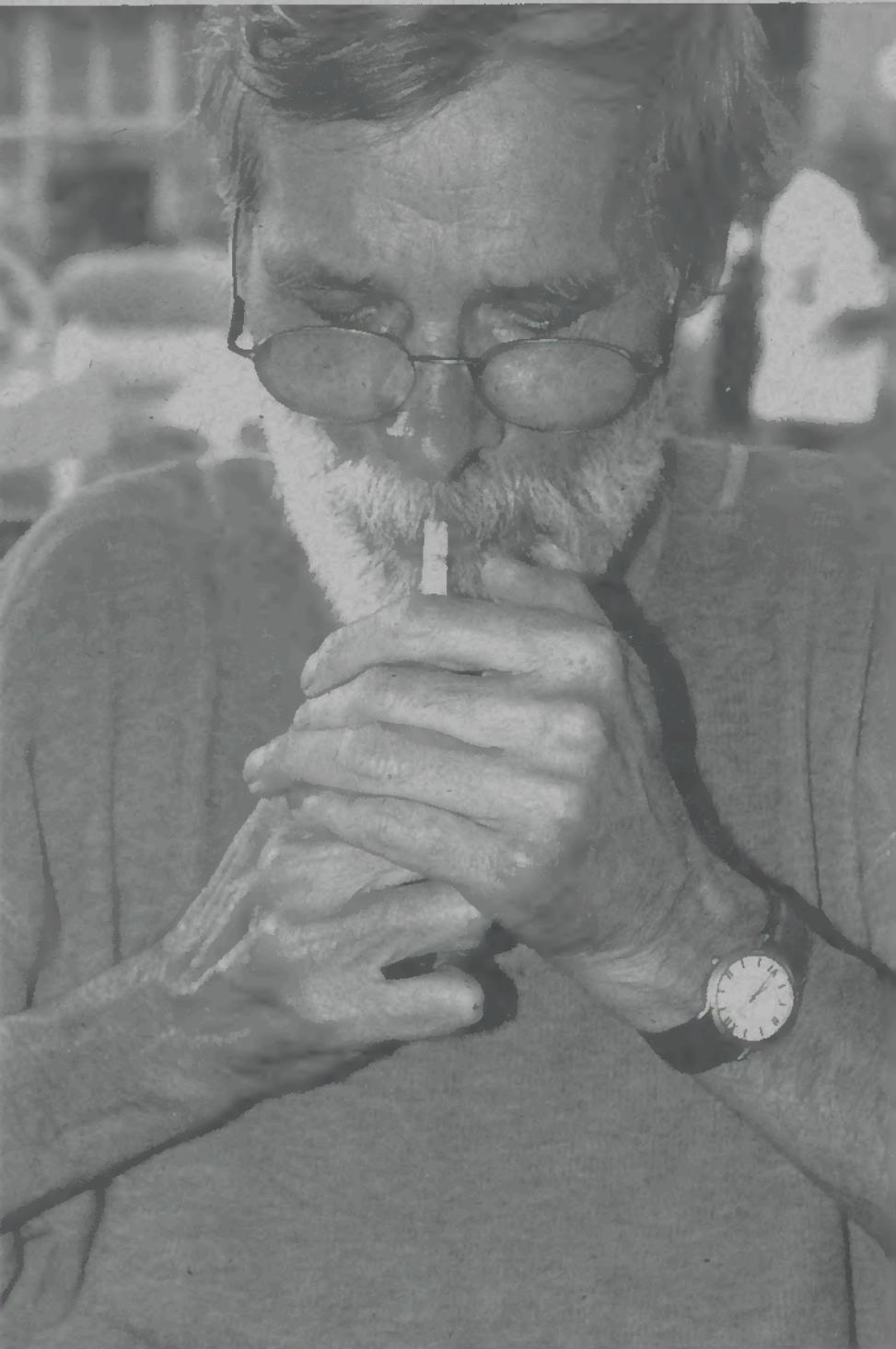


Foto Rafaela Pechansky
Seu Eumar frequenta o bar,
de segunda a sábado, há mais de 30 anos

podesse classificar sua visão como blasé. Mas o fato é que o conheci no bar Havana, em meio ao ritmo frenético do Centro de Porto Alegre; índios tocavam instrumentos cujos nomes eu nem sequer sei a poucos metros de nós.

Mas eu não tive coragem de me aproximar tão logo o vi. Fiquei andando de um lado para o outro, mastigando o canudo do meu copo de suco de laranja vazio, amaldiçoando a sociedade por ter criado estas mil barreiras sociais entre os humanos, que impediam uma jovem de simplesmente abordar um senhor sem causar ansiedade, constrangimentos e/ou talvez um “não, não, já estou de saída, fica pra uma próxima”.

que frequentam o local todos os dias. Ele me disse que sim, alguns. Perguntei se, por acaso, aquele senhor magrinho,

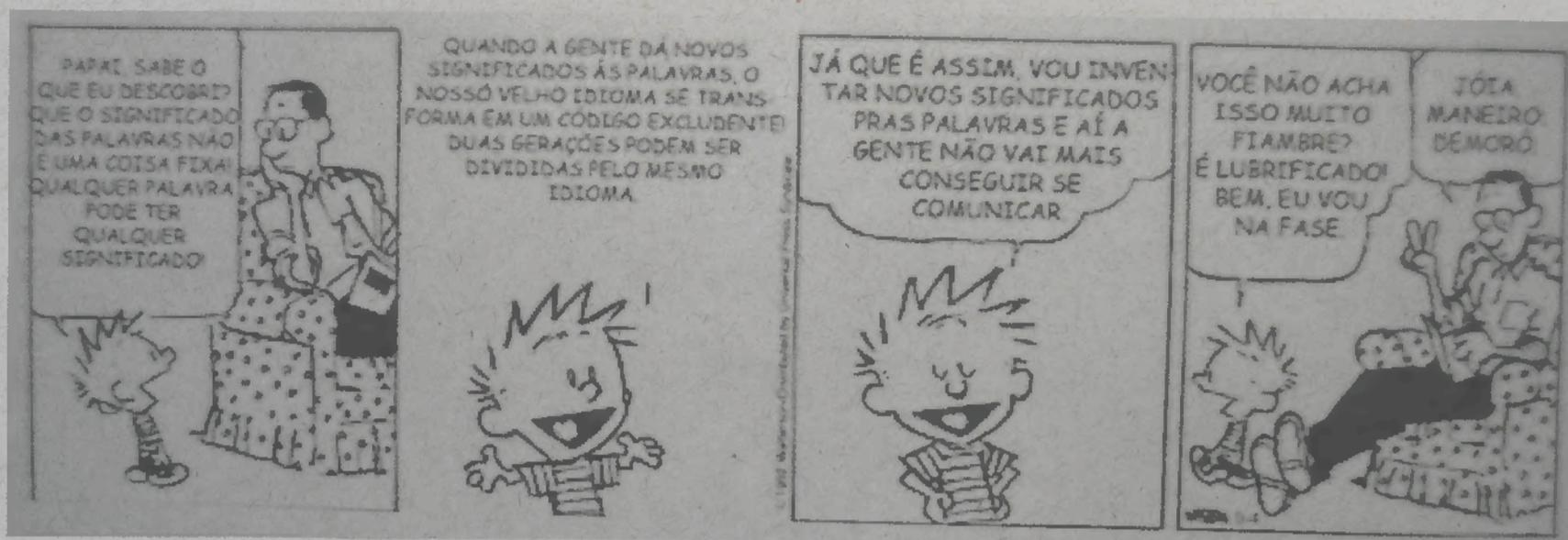
aquele impasse, o garçom do bar perguntou se podia ajudar. Perguntei se o Havana tinha fregueses fiéis, daqueles

Fim de tarde no Mercado Público e conversas ribeiras com o freqüentador mais antigo do bar Havana

Talvez tenha sido a melancolia que emanava dos olhos do seu Eumar, talvez tenham sido suas mãos esguias que prendiam um cigarro entre os dedos, talvez tenha sido o meio sorriso frouxo que ele me deu quando sentei desconvidada na sua frente. Não sei bem o que, mas algo, de maneira inexplicável, fez eu voltar ali, naquela mesma mesa daquele mesmo bar, nos próximos fim de tardes que se seguiriam.

No primeiro dia em que eu me encontrei por acaso com aquele senhor de 62 anos, fazia um calor terrível, e olha que o relógio já marcava quase 18h de um dia de outubro primaveril. As pessoas suavam, seus dias de trabalho chegando ao fim. Alguns contavam trocados, outros corriam para pegar o ônibus, a maioria parecia exaurida. Era mais um fim de tarde comum no Mercado Público de Porto Alegre.

Eu havia chegado no centro uns 15 minutos antes. Tinha batido perna pela Andradas, me camuflado ao povo e rumado até ali. Caminhava um pouco entre os bares que ficam de frente para o Largo Glênio Peres, quando avistei aquele senhor sentado em uma mesa, de costas para a multidão de transeuntes e de frente para o bar. Ele possuía um semblante macambúzio, entediado. Se eu tivesse encontrado o seu Eumar em Paris, na década de 30, com uma banda de jazz tocando ao fundo, talvez



medo de atribuir somente a fatos externos ou somente preocupar-se com os códigos apropriados.

o que tememos com o fim da escrita é o declínio da leitura, da crítica, do raciocínio. temos medo de que as mensagens, os modelos de percepção e de experiência sejam adotados sem critérios, sem nenhuma reflexão. medo de que o homem se torne apenas um receptor de mensagem, um robô.

a linguagem é a maior realização do espírito, é o que nos faz humanos, esses seres insuportáveis cheios de sentimentos, inconstantes, doidos. o ler e escrever são inseparáveis. dependem entre si e assim como todos processos no mundo, aprimoraram-se. poderiam mudar de nome, de cor, de cheiro, mas na essência serão sempre os mesmos. enquanto houver aquele que lê, haverá aquele que escreve. e isso acarretará, no futuro, ou tão mais perto, mudanças que nos tiram da zona de conforto, que nos deixam sem horizonte, sem certezas concretas. mas e quem foi que disse que o melhor caminho é o da certeza?

podemos avistar a mudança, está debaixo dos nossos olhos, se desnuda imoralmente à nossa frente. a vitória do pensamento digital será implacável. só porque não queremos vê-la não significa que ela não aconteça. é inevitável que voltemos ao jardim de infância: teremos que reaprender novos códigos. e aí a vantagem da inteligência artificial: ela pode esquecer qualquer coisa sem problema nenhum. nós, não. nossa memória é insistente e nos inquieta quando ao futuro, o que virá pela frente?

QUANDO A GENTE DA NOVOS SIGNIFICADOS ÀS PALAVRAS, O NOSSO VELHO IDIOMA SE TRANSFORMA EM UM CÓDIGO EXCLUSIVO. DUAS GERAÇÕES PODEM SER DIVIDIDAS PELO MESMO IDIOMA.



JÁ QUE É ASSIM, VOU INVENTAR NOVOS SIGNIFICADOS PRAS PALAVRAS E AÍ A GENTE NÃO VAI MAIS CONSEGUIR SE COMUNICAR



VOCÊ NÃO ACHA ISSO MUITO FIAMBRE? É LUBRIFICADO? BEM, EU VOU NA FASE

JÓIA MANEIRO DEMORO



há cada vez menos preocupação com a legibilidade da letra à mão, já que as ideias são transpostas para teclado e tela de computador. a revolução da informática e os aparatos tecnológicos tornam a tipografia, o alfabeto e esse modo de pensar supérfluos. ela leva a um novo modo de pensar, que ainda não é evidente, mas já é pressentido. e que ao mesmo tempo que nos inquieta, nos enche de esperança em relação ao futuro.

os novos escritores, organizadores de pensamento, apertam teclas. simples. assim do jeito que eu faço agora e que vocês já estão cansados de saber. mas é claro que apertar teclas não é a mesma coisa que escrever à mão ou usar uma pena. teclar é programar um aparelho que já é predisposto para isso. então, teclar é continuar escrevendo ou é escrever de novo? tecladores não escrevem mais para um ponto final, à uma pessoa, mas sim para um aparelho. não são mais escritores, são programadores. terrível, eu sei. mas não sejamos tão simplistas a ponto de terminarmos por aqui.

o que virá pela frente?

escreve-se por dois motivos principais, como explicou vilém flusser - filósofo tcheco naturalizado brasileiro, jornalista e escritor - : por um motivo particular - para organizar os próprios pensamentos, ou por um motivo político - para informar os outros. os leitores para quem se escreve, caso sejam encontrados, ou são comentaristas, que falam do que foi escrito até a exaustão, ou cumpridores de ordens, que se subordinam ao texto como objetos, ou os críticos, que os dilaceram. por isso é tão absurdo escrever, pelo

mesopotâmicas. nossa escrita é documental, passageira, e assim como é escrita rapidamente, é lida da mesma forma. a torrente de textos aos quais estamos imersos e que nos impressionam quase nos afoga em quantidade.

letras são, no fundo, inventadas para alinhar e organizar o pensamento. sorvem para si a língua falada, a vida de todas as línguas: são vampiros. as letras, que formam linhas, que viram textos, vivem na mais completa escuridão e são inacabadas. até que sejam lidas. e assim, unidas, lidas, são completadas das mais infinitas maneiras pelo leitor. e o escritor, esse costureiro de letras, de linhas, de textos, só se completa quando um receptor, que pode ser eu, você, o motorista do ônibus ou o papa, lê. o texto será tanto mais significativo quanto mais forem os modos de leitura e os seus leitores. o escrever é um risco inebriante, numa luta que absorve o escritor e o leva a esquecer de si mesmo e, muitas vezes, dos outros. e é esse o essencial de escrever: o outro.

textos são produtos semiacabados, onde suas linhas não só se apressam em direção ao ponto final, como também o ultrapassam em direção ao leitor, de quem se espera que o complete. escrever é procurar o outro, mesmo que inconscientemente. textos são, necessariamente, gestos de amor.

a letra cursiva esteve presente na história da humanidade desde as primeiras pedras lascadas até a tinta sobre papel. a tipografia deu consciência ao escrever alfabético e pode ser considerada expressão do pensamento ocidental, histórico, científico e progressista. hoje,

Letras são vampiros

Por Paola de Oliveira

de se tornar obsoleta, assim como os hieróglifos egípcios. duvida?

é na escrita que existimos. é escrevendo que provamos nosso estar no mundo, que deixamos um legado. terrível por natureza, ela nos destitui das representações por imagens que dão sentido ao mundo e a nós mesmos. quanto menos esforço empregamos no ato de escrever, mais volátil é a informação. a escrita permanece legível por muito tempo quando ela é árdua. mas porque escrevemos, afinal?

porque é o primeiro dos desejos humanos: a imortalidade. a morte é certa, cada dia que passa é um dia a menos na contagem para o destino de todos nós. e só a escrita pode nos transpor tão bem para a imaginação, para um inventar, criticar, refletir, para uma lembrança querida. nossa literatura não é monumental como eram as inscrições

de papel. deus nos livre: somos traças de livros, vivemos de livros, e para os livros. somos esses bichinhos devoradores por engajamento com a liberdade histórica, que não pode ser automatizada. e se nas memórias artificiais não mais existe o folhear, perdida está a tal da liberdade. está explicado o nosso horror ao desaparecimento do livro - e do papel.

os novos séculos trouxeram maravilhosos equipamentos, novos sinais gráficos, novos códigos. e amamos todos eles como o ar que respiramos, é claro. quem, em sã consciência, se arriscaria a deixá-los para trás? se são eles que calculam melhor, produzem melhor, fazem política, poesia e ironias muito melhor, e mais rápido, não esqueça disso. a escrita há de se tornar trabalho para historiadores, especialistas que fuçam em velharias até dizer chega. a escrita há

"Quem não vê bem uma palavra, não pode ver bem uma alma"
Fernando Pessoa

parece não haver um futuro para a escrita. mais do que acabar porque as pessoas já não escrevem, não trocam cartas, não se deixam bilhetes (seus avós mandam sms? quem diria, não?), a escrita acaba quando um texto deixa de ser lido, você fecha um livro ou um capítulo fica pela metade. novos códigos nos levam a crer no desaparecimento da escrita como a conhecemos. uma nova consciência está em gestação.

estamos acostumados com o papel, ele se tornou divino, o habitamos. esse papel cheio do nosso corpo, da nossa saliva, tornou-se parte do nosso ser. ele é a nossa pátria e a revolução informática poderia nos salvar de uma inundação





vem crescendo de maneira consistente desde o ano passado — conta Marina Pastore.

Segundo o Bowker's Global Books in Print, 700 mil novos títulos foram publicados no mundo todo em 1998, em 2003 foram 859 mil, em 2007, 976 mil.

A exceção na conversão para formato digital da Companhia das Letras é quanto aos quadrinhos e os livros infantis. A razão pela qual temporariamente esses gêneros estão sendo deixados de lado é porque ainda não há formato adequado para lançá-los. A grande quantidade de imagens inviabiliza que o livro seja lançado apenas em formato PDF e restringe o número de leitores se for distribuído apenas como um “ePub de layout fixo”, formato que somente os aparelhos da Apple são capazes de ler.

Livro infantil é exatamente o mercado atuante da Editora Projeto. Annete Baldi sócia-fundadora da editora ainda não sente necessidade de investir no mercado da venda de livros digitais. Apesar de acompanhar de perto os avanços do formato, ela afirma que ainda é grande o interesse das crianças pelo livro no formato tradicional.

— Não acredito em apenas transformar um livro já existente em PDF. O dia que lançarmos um e-book será utilizando todos os recursos que o formato permite.

Livrarias e editoras estão temerosas quanto à chegada da Amazon no Brasil em 2013. A vinda da gigante norte-americana promete modificar o número de vendas de livros digitais no país.

Deixando de lado preocupações de mercado, o que verdadeiramente interessa é que a leitura faça cada vez mais parte da vida das pessoas, não importando se será no modelo tradicional ou no formato digital.

ser uma invenção consolidada, a rapidez com que novos formatos surgem e somem no meio digital é um fator negativo.

Se não somos mais capazes de acessar conteúdos arquivados em disquete, nada garante que passados mais alguns anos, os livros digitais também não se tornem obsoletos e inutilizáveis.

O renomado diretor da Biblioteca da Universidade de Harvard, Robert Darnton, reúne diversos ensaios sobre a temática dos livros na obra *A questão dos livros - Passado, presente e futuro*. De acordo com ele, desde que o homem aprendeu a falar, aconteceram quatro mudanças fundamentais: o surgimento da escrita, por volta de 4.000 a.C., a substituição do pergaminho pelo códice, a invenção da prensa de tipos móveis de Gutenberg e a comunicação eletrônica. O tempo de ocorrência entre uma mudança e outra tem sido cada vez menor. Futuro breve ou distante, a verdade é que os e-books já representam uma fatia significativa das vendas. Em países como os Estados Unidos e a Inglaterra, o mercado já movimenta bilhões de dólares anualmente. No entanto, as vendas de e-books no Brasil ainda não representam valores expressivos. A Saraiva, maior livraria do país e por enquanto campeã em número de vendas do formato, afirma vender mais de R\$ 500 mil por mês em e-books. As editoras também estão investindo nos livros digitais. A Companhia das Letras tem 510 títulos lançados em formato e-book, aproximadamente 15% do catálogo.

— Estamos convertendo o nosso catálogo aos poucos. Nosso objetivo é ter o maior número possível de livros disponíveis também no formato digital. A participação dos livros digitais no nosso total de vendas ainda é pequena, mas

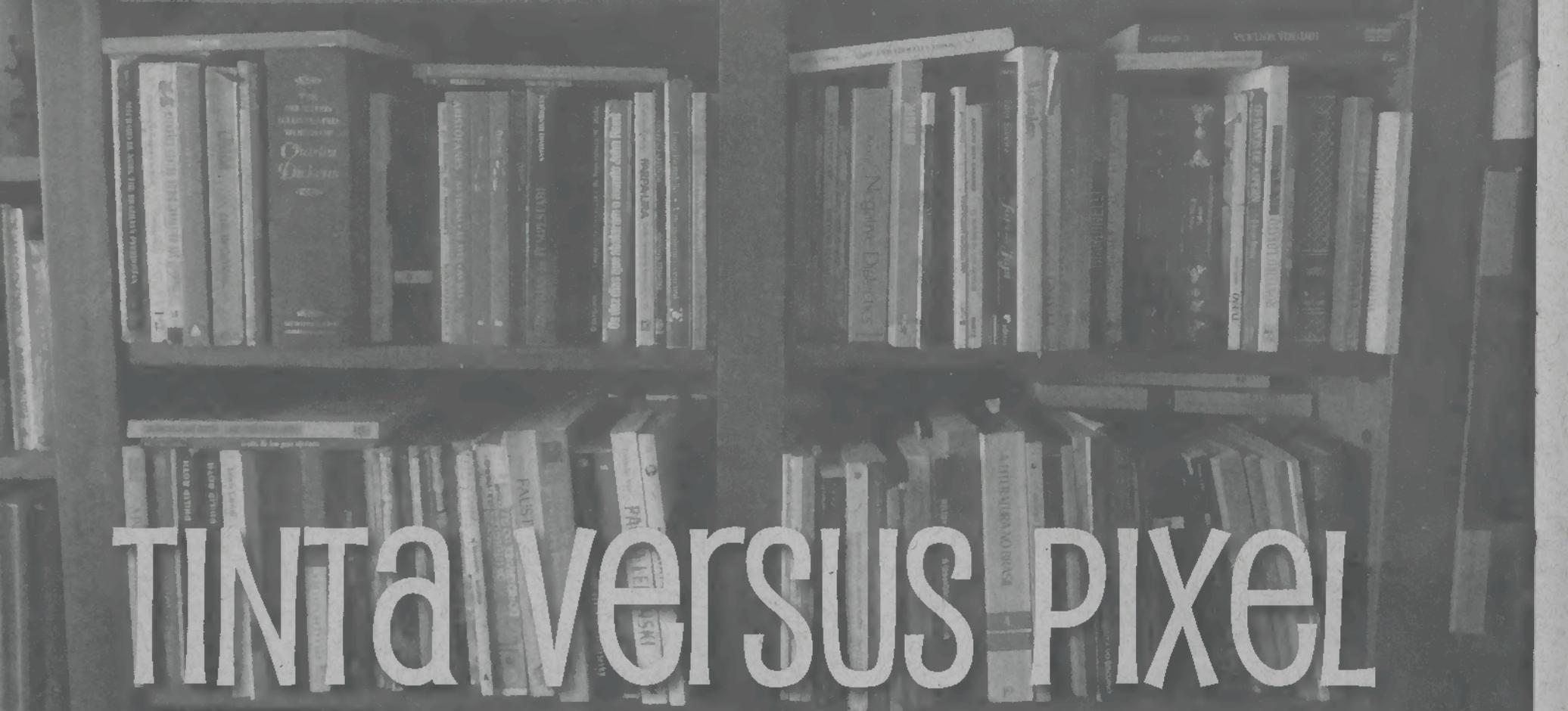
deral, onde somente nos últimos anos a luz elétrica efetivamente começou a chegar no interior do norte e do nordeste do país.

As vantagens do e-book são reconhecidas por livreiros e editores. Eduardo Mello ressalta a simplicidade de se comprar um livro pela internet. É possível comprá-lo e começar a lê-lo imediatamente. A assistente de negócios digitais da Companhia das Letras, Marina Pastore, lembra que para acadêmicos, a função de busca no livro digital é fator determinante para que esse seja o formato escolhido para leitura.

O livro é como a colher, o martelo, a roda ou a tesoura. Uma vez inventados, não podem ser aprimorados. Você não pode fazer uma colher melhor do que uma colher.

Já as desvantagens do formato digital servem de auxílio para que o livro impresso siga atual. Para Gustavo Faraon, da Editora Dublinense, até mesmo a insegurança e o desconforto que as antigas gerações têm com computadores e iPads servirá para perpetuar o livro impresso. Esse detalhe não permite que a editora deixe de investir no novo formato. Metade do catálogo da Dublinense já é oferecido em e-book. Faraon também destaca que o iPad não é um bom instrumento. Não ter luz adequada para a leitura é apenas uma de suas desvantagens. Ele acredita que para que o livro digital se popularize ainda falta uma ferramenta verdadeiramente adequada.

A obra *Não Contem Com o Fim do Livro*, uma conversa entre os escritores Umberto Eco e Jean-Claude Carrière, intermediada pelo jornalista Jean-Philippe de Tonnac, trata sobre a durabilidade do livro. A experiência deles como bibliófilos os faz refletir sobre as desvantagens que o novo formato ainda é incapaz de corrigir. Além de para eles o livro



TINTA VERSUS PIXEL

O FIM E O FUTURO DO LIVRO

Por Aline Bernardes

mercadoria de massa. Segundo o livreiro, as vantagens do e-book farão com que no futuro esse formato de leitura seja o mais consumido.

— Até visualizo as crianças com um livro na mochila, mas com cinco mil deles armazenados no iPad. Aquela necessidade do tato, do cheiro, isso é cultural. As gerações que já nascerem em meio à cultura digital não sentirão falta desses detalhes.

Eduardo Mello, fundador e diretor executivo da Simplíssimo, empresa que produz e-books para editoras e para autores, acredita na força do livro digital, mas não que o novo formato será o fim do antigo. Para que os livros digitais possam ser consumidos pelo grande público, o primeiro e principal item é o acesso à internet, algo ainda distante de ser realidade para a maioria.

— São bem poucos os países com infraestrutura para suportar o fim do livro impresso. O Brasil é o país da internet lenta, da falta de energia na capital fe-

guns anos era o surgimento da internet e das lojas de compra online que tirava o sono daqueles que vivem do comércio do livro. Gustavo Ventura, proprietário há 18 anos da Ventura Livros, lembra que a internet e as megalivrarias como a Livraria Cultura chegaram à cidade na mesma época. A ameaça de fim das pequenas livrarias foi combatida com o surgimento do site Estante Virtual, que reúne compra e venda de livros usados de todo o país.

— As pequenas livrarias e os sebos precisaram se adaptar a essa nova realidade do mercado e o bom exemplo disso é a Estante Virtual. Perdemos o mercado local, mas ao mesmo tempo ganhamos o Brasil — relembra Ventura. O mercado de compra e venda de livros pela internet já está consolidado. São mais de 1.200 sebos anunciantes na Estante Virtual.

Mesmo que seu sustento seja proveniente da venda de livros impressos, Ventura acredita no fim do livro como

Houve quem acreditasse que o surgimento dos jornais diários seria o fim do livro. Muitos pintores se sentiram ameaçados quando a fotografia ganhou força no começo do século XX. A televisão, quando surgiu, foi durante muito tempo vista não só como "assassina" do rádio, mas também como do cinema.

A distância que o tempo nos trouxe comprova que esses presságios de um novo meio pôr fim ao outro não se concretizaram. Todos eles aprenderam a conviver e seguem tendo quem os consuma. Ainda assim, o debate sobre o fim do livro impresso segue sendo amplamente discutido em função do crescimento de vendas dos e-books, os ditos livros digitais.

É importante recordar que antes de o e-book ser uma preocupação, há al-

Era para ela ter ido junto. Ela deveria estar ali. Ou eu que deveria estar lá. Se alguns bilhões de pessoas vão morrer, é provável que estejamos nessa conta, então o que me fez subir sozinho naquele ônibus? “A viagem é tua.” Aquela frase me derrubou. A amargura na voz tremida parecia enfiar uma faca em meu âmago e puxar tudo para fora, me esvaziando. A entrevista terminara e, enquanto eu apertava a mão de Décio e agradecia com um sorriso no rosto, pensava nela e desejava, com todas as forças, que aquele homem estivesse errado. Se o mundo vai mesmo acabar, por que estamos tão distantes uns dos outros, deixando de aproveitar o tempo que temos? Por que eu estava em São Francisco de Paula e ela em Porto Alegre? E, principalmente, por que, mesmo quando eu estou do lado dela, ainda assim estou longe? A chuva prometida não caiu. A noite se anunciava e, voltando à rodoviária, eu me rendi às lembranças de um rosto redondo e olhos marrons grandes que me encaravam profundamente, quase sempre em reprovação, mas que às vezes deixavam escapar um brilho misterioso, algo como um sorriso escondido, interno. Quando vi aqueles olhos pela primeira vez já sabia que iria encará-los para sempre, até o fim. Que acabe o mundo, ou não, essa não é a grande questão. O ponto essencial que estamos perdendo é por que, meu deus, somos tão egoístas e insistimos em dar mais valor ao que menos importa?

A eternidade é um delírio inútil, afinal, se não sabemos o que fazer nem com o tempo que nos é dado, imagine com todo o tempo do mundo.

Acomodado no ônibus, eu deixei aquele olhar me acompanhar na viagem de volta. Consegui dormir mais tranquilo. Não tinha nada com o que me preocupar; a estrada ia para casa. A verdade é que a catástrofe está no dia a dia, quando nos escondemos da vida e deixamos tudo para depois. Só esquecemos que, eventualmente, não haverá depois.

nas montanhas”. O prefeito foi aconselhado por uma numeróloga, que veio de São Paulo conversar com ele, a parar de falar sobre o assunto, pois “às vezes, querendo ajudar, acabamos atrapalhando”. Algumas pessoas, que Décio considera “mais antenadas”, já compraram casas em São Francisco de Paula e em pontos mais elevados do Rio Grande do Sul. “Existe uma placa tectônica que separa a África da América do Sul. Ela está bem no meio do mar. Se houver alguma coisa ali, pode aparecer um tsunami. E aí o problema será sério, porque nós teremos entre seis e dez horas até que chegue aqui. A minha grande preocupação é estar sempre alerta para avisar minhas filhas para que elas peguem as trouxas delas e subam rápido para a Serra. Na Austrália, as pessoas que moram nas regiões mais baixas têm seus kits de salvamento, e a ordem, quando eles receberem o aviso, é para sair rasgando em direção à primeira montanha que encontrar”. Para alguns, a loucura não é se preparar e enfrentar as catástrofes, mas sim as ignorar por completo. Aparentemente, a humanidade está tão convencida que perpetuará seu estilo de vida que não está preocupada com profecias incertas. Mas, quando - e se - acontecer, talvez seja tarde demais para os céticos: **“Vão morrer alguns bilhões de pessoas”, profetiza Décio.**



Foto de Arthur Vianna.

algum lugar aquilo vai. A gente tem que pensar mais”. Desde que perdeu uma filha, o prefeito tem se dedicado mais à compreensão de mundo de um ponto de vista espiritual, se afastando das visões puramente carnais. “Perdi minha filha, não tem dor maior. Mas, hoje, tenho muito mais contato com ela do que com as outras duas, que estão em Porto Alegre”.

Agora, o fim do mundo soa como uma loucura distante. Depois, talvez, não seja assim. Os loucos de hoje podem ser os sobreviventes de amanhã. Décio conta que o seu discurso só não é endossado por autoridades norte-americanas e europeias porque isso traria pânico às pessoas. “Os governos escondem tudo. A cúpula norte-americana já está se cuidando: embaixo do aeroporto de Denver, a 1.600 metros de altitude, eles têm uma Casa Branca e um Pentágono subterrâneos, e tudo o que eles precisam está lá. A Suíça já está toda furada, para o governo acomodar a população



Foto de Arthur Vianna.

São Francisco de Paula dois meses antes do fim do mundo.

das. As pessoas não conseguem mais pensar. Para ti ficar burro, basta ligar a televisão e ficar na frente dela". Para o prefeito, a sociedade caminha para o lado errado, se preocupando demais com futilidades e de menos com causas que afetam de fato a sua existência: "Precisamos repensar nossa sobrevivência. Hoje é muito fácil: tu vais ao banheiro, faz tuas necessidades, aperta um botãozinho e tchau. Como tchau? Para

ti". Com esforço, eu empurrava essa voz mais para o fundo da mente e seguia a conversa. Eu perguntava, o prefeito falava, o gravador gravava. Além das comprovações científicas, as mudanças que estão por ocorrer, segundo Décio, decorrem de uma necessidade espiritual da humanidade. Para ele, chegamos a um limite: "A humanidade chegou a um ponto em que precisa dar uma parada para respirar. As coisas estão deturpa-

remos mais próximos desse cinturão é 21 de dezembro. Casualmente, a data combina com a tal profecia maia. E é também esse o dia que entraremos em alinhamento com o Sol. Esses fatos podem levar o planeta a ter uma série de perturbações", explica Décio.

Como medida de segurança frente às tragédias climáticas que assolarão o mundo, ele pediu aos são-franciscanos que estocassem alimentos, velas e, se possível, combustível em suas casas. "A primeira coisa que vai faltar é luz. Hoje em dia, não se tem velas em casa, então, em um apagão, tu ficas no escuro. Eu recomendei também que as pessoas tivessem estoque de comida em casa. Não se faz mais estoque de nada. Outro aspecto é que, com um problema de elevação do nível de água, tu ficas sem combustível. Por causa de um ciclonezinho extratropical os navios com óleo já não conseguiram abastecer as refinarias... Se tu perguntares se nós temos alguma reserva de combustível aqui em cima, na Serra, não temos nada. Da forma como está, nós vamos sobreviver os primeiros dias e depois vamos nos matar".

"A viagem é tua, é sempre tu quem decide as coisas, e sempre sozinho."

Ela estava triste. Com a vida, comigo, com qualquer coisa. E ela tinha razão. Condenava meu egoísmo, muito justa, e a sentença não saía da minha cabeça. Eu ouvia Décio contando sobre os fatos científicos que explicam que o mundo como o conhecemos vai sim acabar, mas uma voz no fundo do cérebro martelava: "Sempre sozinho. Tu só pensa em

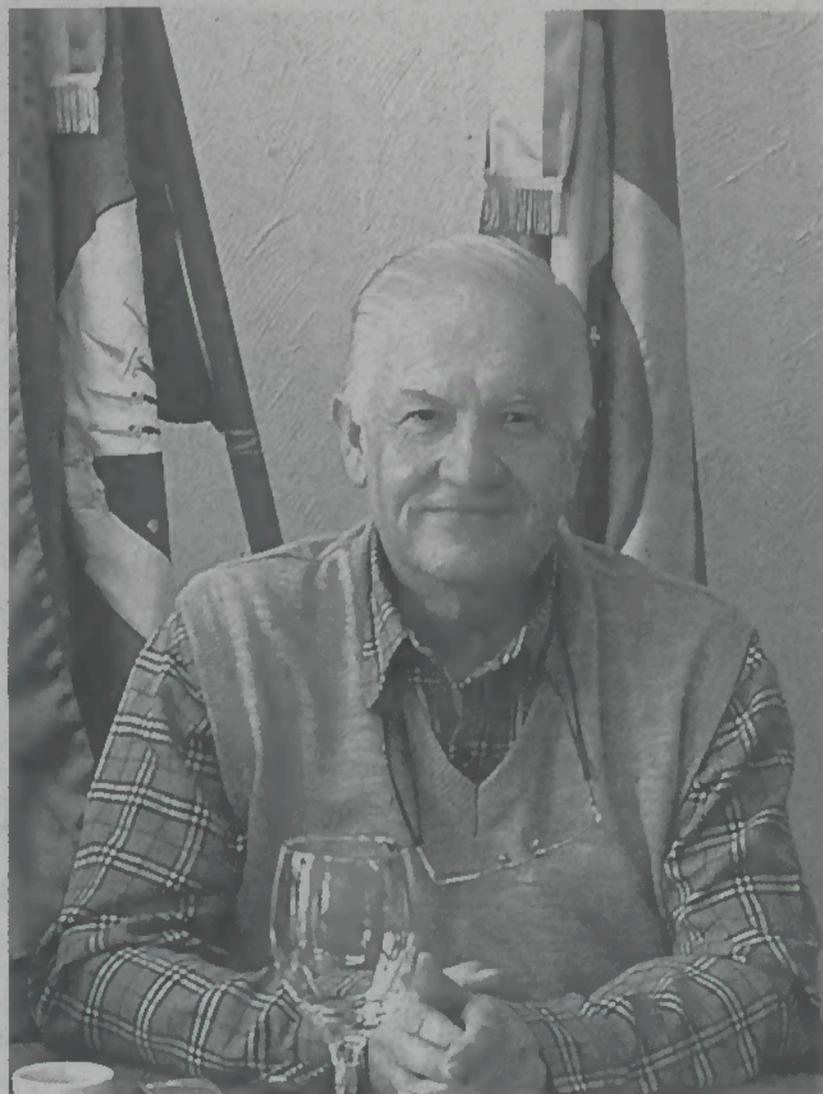
TODA HISTÓRIA É DE AMOR

Por Arthur Vianna

ta, fui para os lados do hospital municipal, único ponto de referência que eu tinha para chegar à casa do prefeito. Lá, alguém saberia me indicar o local certo. E assim foi. A simpática atendente da instituição me apontou a casa com portões verdes do outro lado da rua, e, ali, na falta de campainha, me botei a bater palmas. Bati uma, duas, três vezes. Sem resposta. Graças à modernidade, pude ligar para o celular de Décio. Quem aparece, então, à porta é um senhor simpático, de cabelos brancos, corpulento, com uma camisa xadrez adentrando as calças seguras por suspensórios pretos. Durante a nossa conversa, descubro que ele tem 67 anos. “Ser prefeito te deixa assim, de cabelos brancos; quando não te arranca todos...”, diverte-se. Eleito pela primeira vez em 1989, depois reeleito em 2004 e mais outra vez em 2008, Décio, petista, entrega o bastão em 2013 para Juárez Hampel, do PTB, vencedor do pleito de outubro último. Entregaria, não fosse a fatalidade de o mundo acabar antes. “Nós temos algumas verdades científicas das quais não podemos fugir. A principal é o alinhamento que teremos com o Sol central da galáxia. Outra é que, desde 1960, estamos nos aproximando de um cinturão de fótons, e o dia que esta-

me flagrava permitindo à mente escapar até ela e fugia desse pensamento. E se o mundo realmente acabasse?

O motivo da ida a São Francisco de Paula era Décio Colla, prefeito local. Ele aconselhou a população da cidade a se preparar para as catástrofes que, como acredita, atingirão a humanidade em dezembro de 2012. Após vadiar pelas ruas por algumas horas, à espera da entrevista,



Vaidoso, Décio não quis bater foto: “Nem a barba eu fiz...”. Em compensação, me mandou esse retrato por e-mail.

“Fim?”

me perguntou Décio Colla, prefeito de São Francisco de Paula, em nosso primeiro encontro. “Não existe fim.”

Assim que desci do ônibus, já em São Francisco de Paula, me arrependi de não ter levado guarda-chuva. As nuvens pretas prometiam muita água. Após três horas desconfortáveis de viagem entre Porto Alegre e a pacata cidade serrana, o mau tempo não era bom presságio. Durante o trajeto, encostado na janela, o sono incômodo foi interrompido diversas vezes pelas chacoalhadas do ônibus Citral, mas, vez que outra, era possível deitar a cabeça e dormir, ou então deixar os olhos vagarem pelas paisagens, mais verdes conforme nos afastávamos da capital. Nos momentos de vagoieiro, confundiam-se pensamentos, lembranças e sonhos estranhos, catastróficos, onde terremotos derrubavam o Paço Municipal e o Guaíba atacava Porto Alegre impetuosamente; não sobrava nada nem ninguém. Nem ela. Mas logo

EDITORIAL

Esta 3x4 orgulhosamente despontou em uma mesa de bar, em meio a copos de cerveja vazios, cheios e vazios de novo, a gargalhadas e divagações sobre a vida, o ano, a fabicao e assuntos que soam bem melhores se tratados com o calor e amparo do álcool no sangue. Somos uma turma de diferenças, o que é ótimo, como o próprio Ungaretti rapidamente pontuou. São várias ideias, vários gostos, vários objetivos, uns tão diferentes de outros que fazem o contraste parecer absurdo. Mas isso não impediu que todos concordassem com o tema e que a comissão editorial trabalhasse unida e de forma tranquila, na difícil tarefa de revisar textos de colegas quando mal sabíamos o que fazer com os nossos (dramal).

Nossa 3x4 é sobre o FIM. Um tema que parece fazer sentido em um ano fadado a ser o último pelo calendário maia. Cada um escolheu uma história ou um fato e o relacionou com o assunto, por mais que nem sempre nos sintamos confortáveis em admitir que o fim é um fato - começamos um relacionamento, terminamos; vamos viajar, voltamos; saímos da infância, da adolescência, viramos adultos, viramos nada, histórias esquecidas encontram seu desfecho; semestres chegam ao fim e daqui um pouco, a faculdade também. E são vários textos que abordam exatamente isto, o fim de crenças, de fases, de séries, de relacionamentos, da noite e, claro, do fim do mundo (e com a proeza de não falar que, bem, se você está lendo isso é porque o mundo não acabou).

Nosso projeto gráfico também está todo trabalhado no tema e, por isso, pode ser um pouco estranho ler esse material. Nossa capa é a contracapa, começamos os textos pela última coluna das páginas, onde se leria o último parágrafo, está o primeiro. Fizemos isso ou porque é óbvio, devido ao tema escolhido pela turma, e só queríamos uma experiência gráfica diferente, ou porque não somos tão superficiais e o que queremos realmente é dizer que todo fim dá origem a um novo começo, recomeço, outras histórias, novas histórias e tal. Decidam vocês.

Nos contentamos, então, em dizer que esperamos que todos gostem do jornal como resultado unificado de um semestre fragmentado. E dizendo um animado ouié, semestre que vem a gente vai arrasar na Sextante, yey!

EDITORIAL

ESTÁ NO FIM

EXPEDIENTE

Comissão Editorial:

Caio Semensato
Camila Maccari
Gabriela Sanseverino
Igor Porto
Nidiane Perdomo
Paola de Oliveira
Priscila Mengue

Revisão:

Camila Maccari
Igor Porto
Nidiane Perdomo
Paola de Oliveira
Priscila Mengue

Projeto Gráfico:

Caio Semensato
Gabriela Sanseverino

Capa:

ovos e llamas

Equipe:

Aline Dias Bernardes | alinediasbernardes@hotmail.com
Arthur Viana | arthurwalber@hotmail.com
Bruna Antunes | brunaantunes@gmail.com
Caio Semensato | semensato@gmail.com
Camila Maccari | maccari.camila@gmail.com
Cristiano Goulart | csgoulart.goulart@gmail.com
Fernanda Fassina | fefassina@hotmail.com
Gabriela Sanseverino | gabigrusan@gmail.com
Gustavo Fagundes | gusstuss@gmail.com
Iarema Soares | iaremasoares@gmail.com
Igor Porto | igorporto89@gmail.com
Isabel Waquil | isabelwaquil@gmail.com
Jéssica Trisch | jessicatrisch@gmail.com
Júlia Endress | juliaendress@hotmail.com
Matheus Harb | matheusharb@gmail.com
Melissa Schröder | mel.honig@gmail.com
Nidiane Perdomo | nidianeperdomo@gmail.com
Paola de Oliveira | paolaaraujodeoliveira@gmail.com
Pedro Veloso | pedromwveloso@gmail.com
Priscila Mengue | priscilamengue@gmail.com
Rafaela Pechansky | rafachipe@msn.com
Rodrigo Ferreira | rodrigo.f@msn.com
Taís Castro | taisborges@yahoo.com.br
Thamiriz Amado | thamiriz.amado@hotmail.com
Thays Cruz | thays.cruz.1991@gmail.com

ÍNDICE

Toda história é de amor | 4
Tinta versus Pixel: o fim e o futuro do livro | 7
Letras são vampiros | 9
É um resto de toco, é um pouco sozinho | 11
O fim da privacidade | 14
Quando a espera supera a nostalgia do fim | 16
O fim do silêncio | 18
O luto que enraíza na mata: onde estão os militantes
que atuaram na guerrilha do araguaia? | 21
Tem dia que a noite é foda | 24
Depois da espera: o recomeço | 27
Caminho do meio: entre o físico e o lama | 30
Um passo além do seu tempo | 34
Depois do apito | 38
O fim da Vida | 41
Costestado marcado pelo morrer | 44
Enquanto houver assovio | 45
O jornalista é um espião de Deus | 48
Nômade | 53
Enquanto houver sociedade, haverá cinema | 55
Não é você, sou eu | 58



3x4
0 fim



2012/2